



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
MESTRADO ACADÊMICO DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - PPGPSI

DISSERTAÇÃO

PERSPECTIVA DE EGRESSOS DO SISTEMA PRISIONAL
EM RELAÇÃO À VIDA EM SOCIEDADE APÓS O
CUMPRIMENTO DA PENA

Carolina Maria Felipe dos Santos Silva

Seropédica, RJ

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
MESTRADO ACADÊMICO DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA PPGPSI

CAROLINA MARIA FELIPE DOS SANTOS SILVA

PERSPECTIVA DE EGRESSOS DO SISTEMA PRISIONAL EM
RELAÇÃO À VIDA EM SOCIEDADE APÓS O CUMPRIMENTO DA
PENA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no curso de Pós-Graduação em Psicologia da UFRRJ.

Orientadora: Professora Dra. Sílvia Maria Melo Gonçalves

Seropédica, RJ

2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586p

SILVA, CAROLINA MARIA FELIPE DOS SANTOS, 1979-
PERSPECTIVA DE EGRESSOS DO SISTEMA PRISIONAL EM
RELAÇÃO A VIDA EM SOCIEDADE APÓS CUMPRIMENTO DE PENA
/ CAROLINA MARIA FELIPE DOS SANTOS SILVA. -
SEROPÉDICA RJ, 2019.
191 f.

Orientador: SILVIA MARIA MELO GONÇALVES.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro, PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, 2019.

1. PROCESSO HISTÓRICO DO MODELO PRISIONAL. 2. AS
POLÍTICAS DE ATENÇÃO À POPULAÇÃO CARCERÁRIA NO
SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO. 3. EXCLUSÃO SOCIAL E
RESSOCIALIZAÇÃO. I. GONÇALVES, SILVIA MARIA MELO,
1955-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

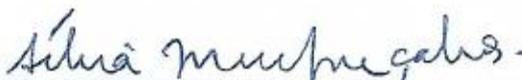
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPSI

CAROLINA MARIA FELIPE DOS SANTOS SILVA

**PERSPECTIVA DE EGRESSOS DO SISTEMA PRISIONAL EM RELÇÃO A VIDA
EM SOCIEDADE APÓS CUMPRIMENTO DA PENA**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
no Curso de Pós-Graduação em Psicologia, área de Concentração em Psicologia.

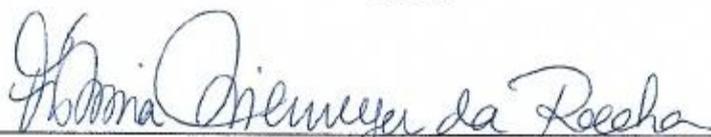
BANCA EXAMINADORA:



Profª Dra. Sílvia Maria Melo Gonçalves (Orientadora)
UFRRJ



Profª Dra. Luciene Alves Miguez Naiff
UFRRJ



Profª Dra. Fátima Niemeyer da Rocha
Universidade de Vassouras (UV)

Seropédica, RJ

2019

DEDICATÓRIA

Dedico esta Dissertação à memória de meu pai, Luiz Gonzaga Pedrosa da Silva que faleceu durante o processo de produção desta Dissertação, e a minha mãe Suraia Maria Felipe dos Santos Silva que sempre me apoiou e colaborou em todo o processo do curso.

À minha irmã Olívia Maria Felipe dos Santos Silva

Às minhas amigas Giselle e Pollyanna que em muitos momentos me deram forças para continuar com a minha caminhada.

A todos os meus tios e tias, primos e primas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado em todos os momentos de minha vida. Sem ele jamais teria chegado até aqui.

Agradeço imensamente às minhas amigas Giselle Alves e Pollyanna que estiveram comigo desde o início, me incentivando a fazer a inscrição do processo para o mestrado, me acompanhando em cada passo do processo, vibrando comigo quando passei e iniciei o curso. Durante todo o curso, essas grandes amigas me deram forças para não desistir nas dificuldades.

Agradeço à minha amiga Janaína e ao meu tio Silvino por colaborarem com a produção desta dissertação fazendo a revisão da escrita.

Agradeço às minhas amigas do mestrado Martina e Jéssica que puderam estar em todo processo da produção desta dissertação.

Agradeço ao meu Psicoterapeuta e amigo Sérgio Cintra, que esteve comigo desde o início do projeto para inscrição do curso. Sem dúvida, essa pessoa me fez acreditar que era possível ultrapassar barreiras e enfrentar os meus limites.

À SEAP, que abriu as portas para a realização desta pesquisa.

Agradeço à equipe do Patronato Magarino Torres anexo Volta Redonda, que me recebeu com muito carinho durante a realização da pesquisa e se dispôs a me ajudar, principalmente aos amigos Bezerra, Luís e Estrela.

Aos egressos que responderam o questionário aplicado colaborando em muito para a elaboração desta dissertação.

Agradeço à minha equipe de trabalho do CRAS Pirai que por muitas vezes me incentivou na caminhada e no processo da produção desta dissertação.

E à orientadora Dra. Silvia Maria Melo Gonçalves, por sua dedicação e paciência em me auxiliar no processo de produção desta dissertação.

“A grande maquinaria carcerária está ligada ao próprio funcionamento da prisão”.

Michael Foucault

SILVA, Carolina Maria Felipe dos Santos. **Perspectiva de egressos do sistema prisional em relação à vida em sociedade após o cumprimento da pena.** 2019. 192 p. (Dissertação Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

RESUMO

Esta é uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo. Pretendeu-se com isso investigar a perspectiva de egressos do Sistema Prisional em relação à vida em sociedade após o cumprimento da pena. Para isso, foi realizado uma linha do tempo trazendo a história das punições na Europa e no Brasil abordou-se a situação das políticas de atenção ao privado de liberdade do sistema penitenciário brasileiro buscando através dos conceitos da Psicologia Social dar mais ênfase nas questões de exclusão social, estigmas, preconceito e do processo de ressocialização. Os participantes desta pesquisa foram 108 egressos do sistema prisional, que estão em cumprimento do Livramento Condicional ou Programa Albergue Domiciliar, e são acompanhados pelo Patronato Magarino Torres Anexo Volta Redonda. Todos do sexo masculino e com idade superior a 18 anos. O instrumento para a coleta de dados foi um questionário misto com 19 perguntas elaborado pela autora desta dissertação e por sua orientadora. Foram respeitados os princípios éticos de pesquisa com seres humanos. Cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a sua participação na pesquisa. O comitê de Ética aprovou o questionário e a realização da pesquisa, dando o seu parecer favorável através do protocolo número 1330/19. Os dados foram analisados e categorizados de acordo com a análise de conteúdo segundo as teorias de Bardin. Como resultado, identificou-se que, dos egressos participantes da pesquisa, a maioria tem idades entre 21 e 30 anos, se autodeclararam pardos, ficaram presos entre 1 e 5 anos e estão fora do cárcere a menos de um ano. Também foi possível analisar que a maioria dos egressos estava cumprindo o Livramento Condicional e seu grau de escolaridade é o Ensino Fundamental incompleto, tendo abandonado a escola porque necessitavam trabalhar. Grande parte dos egressos participantes da pesquisa está respondendo por crime ligado a drogas. Em relação ao sentimento sobre a saída do cárcere, a maioria se colocou como estando bem e que sua vida voltou ao normal. No entanto, foi possível verificar, que a maioria está inserida no mercado de trabalho informal, relatando dificuldades sobre a inclusão em trabalhos formais. Em relação ao que pretendem fazer das suas vidas, agora que estão fora do cárcere, a maioria alegou que busca por trabalhos. Sobre a percepção dos egressos em relação às pessoas saberem que é um ex-presidiário, a maioria verbalizou que as pessoas não gostam/ têm medo/ preconceito. Quanto à vida futura, os egressos participantes da pesquisa afirmaram que pretendem estar ao lado da família. Em relação a fato de ser monitorado pela Justiça, muitos declararam que se sentem tranquilos e que não vêm problemas. A pesquisa é finalizada com reflexões sobre o sistema prisional brasileiro, necessidade de maior respeito aos direitos humanos, o quanto a sociedade precisa parar de olhar os sujeitos através do preconceito, incluindo-os em empregos formais sem ter juízos de valores, e o quanto o Governo, em todas as Instâncias, deve promover Políticas Públicas de prevenção para que um cidadão não chegue ao ponto de se tornar um encarcerado ou vir a reincidir no Sistema Prisional.

Palavras-chave: Sistema Prisional; Egressos; Exclusão; Ressocialização

SILVA, Carolina Maria Felipe dos Santos. **Perspective of egresses from the prison system in relation to life in society after serving the sentence.** 2019. 192 p. (Dissertation Master in Psychology). Psychology Postgraduate Program, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

ABSTRACT

This is an exploratory research of qualitative character. It was intended to investigate the perspective of ex-convicts from the prison system in relation to life in society after serving the sentence. Due this, a timeline was made presenting the history of punishments in Europe and Brazil, addressed the situation of policies of attention to the deprived of liberty of the Brazilian penitentiary system, looking for, through the concepts of the Social Psychology to emphasize the issues of social exclusion, stigmas, prejudice and the resocialization process. The participants in this research were 108 prison ex-convicts under Parole or Homestay Program assisted by Patronato Magarino Torres Annex Volta Redonda. All of them were adult males (above 18). The data collection were done through a mixed questionnaire with 19 questions prepared by the author of this dissertation and by her advisor. All the ethical principles of research with human beings were respected. Each participant signed the Informed Consent Form authorizing his participation in the research. The Ethics Committee approved the questionnaire and the research, by its favorable opinion with protocol number 1330/19. Data were analyzed and categorized according to content analysis according to Bardin's theories. As a result, it was found that most of the ex-convicts of the survey were mostly between the ages of 21 and 30, self-declared brown, were imprisoned between 1 and 5 years, and have been out of jail for less than a year. It was also possible to analyze that most of the ex-prisoners were under Parole and have incomplete elementary school education level, having been left school due to the need to work. Most of the ex-convicts were imprisoned due to drug-related crimes. Regarding the feeling about leaving the jail, most of them felt that they were well, and that life was back to normal. However, it was possible to verify that most are inserted in the informal labor market, reporting difficulties regarding the inclusion of regular jobs. Regarding what they intend to do with their lives now that they are out of prison, most claimed that they are looking for jobs. Regarding to their perception about other people knowing that they is a former convict, most said that most people do not like or become afraid or discriminate them. Regarding the life out of prison, the ex-convicts stated that they intend to be with their families. About being monitored by the Justice, many have stated that they feel calm and see no problem. Thus, the research ends with reflections on the Brazilian prison system that should have more respect to the human rights, the much the society needs to stop discriminating the ex-convicts and provide them formal jobs without value judgments, the much the Government in all its instances, should promote public policies of prevention to the citizens so that they do not become incarcerated or relapsing in the prison system.

Keywords: Prison System; Ex-convicts; Exclusion; Resocialization

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** Qual é a sua idade?
- Tabela 2** Como você autodeclara a sua cor?
- Tabela 3** Quanto tempo ficou preso?
- Tabela 4** Há quanto tempo você saiu do cárcere?
- Tabela 5** Esta foi a primeira vez que você foi preso?
- Tabela 6** Quantas vezes você foi preso?
- Tabela 7** O que você está cumprindo?
- Tabela 8** Você estudou até que série?
- Tabela 9** Por que parou de estudar?
- Tabela 10** Qual artigo você está respondendo?
- Tabela 11** O que aconteceu para você ser preso?
- Tabela 12** Como você está sentindo a sua vida depois que saiu do cárcere?
- Tabela 12.1** Como você está sentindo a sua vida depois que saiu do cárcere em relação a rotina profissional?
- Tabela 12.2** Como você está sentindo a sua vida depois que saiu do cárcere em relação a vida afetiva e familiar?
- Tabela 13** Qual é a sua situação no mercado de trabalho?
- Tabela 14** Qual é a sua profissão no mercado de trabalho atual?
- Tabela 15** Quais são as dificuldades na vida depois de que saiu do cárcere?
- Tabela 16** O que você pretende fazer da sua vida agora que está em uma nova etapa?
- Tabela 17** Como você percebe as pessoas em relação a saberem que você é um ex-presidiário?
- Tabela 18** Pensando no futuro, como você imagina a sua vida?
- Tabela 19** Como você sente sendo monitorado pela justiça?

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art.- Artigo

CNPCT- Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciário

CNS- Comissão Nacional de Saúde

CNCD/LGBT- Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

CTC- Comissão Técnica de Classificação

IDDD- Instituto de Defesa do Direito de Defesa

INFOPEN- Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias

LC- Livramento Condicional

LEP- Lei de Execução Penal

LGBT- Lésbicas, Gays, Bi e Transexual

PAD- Programa Albergue Domiciliar.

PNAISP- Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade no Sistema Prisional

PNAMPE- Política Nacional de Atenção às Mulheres em Situação de Privação de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional

PNSSP- Política Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário

SEAP/RJ- Secretaria Estadual de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro

SUS- Sistema Único de Saúde.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OBJETIVOS	18
2.1	OBJETIVO GERAL	18
2.2	OBJETIVO ESPECÍFICO	18
3	PROCESSO HISTÓRICO DO MODELO PRISIONAL	19
3.1	PROCESSO HISTÓRICO NA EUROPA	19
3.2	PROCESSO HISTÓRICO NO BRASIL	24
4	AS POLÍTICAS DE ATENÇÃO À POPULAÇÃO CARCERÁRIA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO	27
4.1	ASSISTÊNCIA MATERIAL	28
4.2	ASSISTÊNCIA A SAÚDE	29
4.2.1	TRABALHO DO PSICÓLOGO NO SISTEMA PRISIONAL	31
4.3	ASSISTÊNCIA JURÍDICA	33
4.4	ASSISTÊNCIA EDUCACIONAL	34
4.5	ASSISTÊNCIA SOCIAL	35
4.6	ASSISTÊNCIA RELIGIOSA	35
4.7	PATRONATO	36
5	EXCLUSÃO SOCIAL E RESSOCIALIZAÇÃO	39
5.1	EXCLUSÃO SOCIAL	40
5.2	RESSOCIALIZAÇÃO	43
6	MÉTODO	47
6.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	47
6.2	LOCAL E PARTICIPANTES	47
6.3	INSTRUMENTOS	48
6.4	PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	48
6.5	ANÁLISE DOS DADOS	49
7	RESULTADOS E DISCUSSÕES	52
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86

ANEXOS

1. PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	92
2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	93
3. AUTORIZAÇÃO DO SUBSECRETÁRIO ADJUNTO (FORMULÁRIO PRÓPRIO)	95
4. AUTORIZAÇÃO SEAP	96
5. DECLARAÇÃO SEAP	97

APÊNDICE

1. INSTRUMENTO	98
2. RESPOSTAS 1	99
3. RESPOSTA 2	100
4. RESPOSTA 3	101
5. RESPOSTA 4	102
6. RESPOSTA 5	103
7. RESPOSTA 6	104
8. RESPOSTA 7	105
9. RESPOSTA 8	106
10. RESPOSTA 9	110
11. RESPOSTA 10	115
12. RESPOSTA 11	119
13. RESPOSTA 12	129
14. RESPOSTA 13	146
15. RESPOSTA 14	147
16. RESPOSTA 15	150
17. RESPOSTA 16	159
18. RESPOSTA 17	167
19. RESPOSTA 18	177
20. RESPOSTA 19	184

1 INTRODUÇÃO

Na legislação brasileira, assim como em todos os países, existem regras de condutas próprias que quando descumpridas, podem levar o indivíduo a ser julgado e condenado à privação de sua liberdade. Essas leis, no entanto, são necessárias para que haja um respeito mútuo entre os indivíduos na sua forma de conviver no meio social. Desse modo, é importante descrever que “o sistema prisional é o local de cumprimento de pena determinado pelo Juiz” (FERNANDES; RIGHETTO, 2013, p. 121).

Contudo, apesar de o sistema prisional já ter nascido condenado ao fracasso (FOUCAULT, 1999), nem sempre esse sistema de privação de liberdade, como forma de punição, funcionou conforme é visto hoje. Percebem-se grandes transformações no modelo de punição. Cada época adotou conceitos próprios para explicar o comportamento criminoso, o que justificou algumas práticas de punições em cada período da história.

Duarte (2009) traduz a Lei do Talião como a lei mais antiga. Essa lei foi criada pelo Rei de Hamurabi, na Babilônia (SANTOS, ALCHIERI; FILHO, 2009) onde o autor do mal deveria ser punido conforme o dano cometido ao outro (DUARTE, 2009). Entretanto, o que se pode apontar é que, até o final da Idade Média, a Igreja detinha o poder e se ocupava com a moral das pessoas.

Tudo que fugia à regra era considerado “castigo divino” (BITENCOURT, 2010 p. 59). Nesse sentido, Foucault (1997, p. 7) descreve a lepra¹ como a “encarnação do mal” e que deveria ser purificada e excluído, ou seja, o autor considera a lepra como um desses castigos divinos e que teria que ser reparado. Para resolver o problema, o governo da época, fundou casas de acolhimento para os doentes com lepra, mas o seu objetivo era banir essas pessoas do meio social. Talvez, isso tenha sido, um dos primeiros modelos de segregação da história e quem nela entrava jamais saia (FOUCAULT, 1997).

Na era clássica, Foucault (1999) traz a ideia do suplício como forma de punição. Prática, esta, voltada à tortura do sujeito até a morte através de espetáculos públicos. Na época, o suplício foi adotado como forma de amedrontar a população e mostrar o que poderia acontecer àqueles que não cumprissem as regras estabelecidas pela igreja. No entanto, com o tempo, o

¹ Segundo a Lei 9.010 de 29 de março de 1995, o termo lepra foi modificado para hanseníase para evitar a estigmatização dos portadores dessa doença (BRASIL, 1995).

suplício foi questionado e o poder público adotou outras medidas de punição, sem tortura, mas em ambiente próprio sem a exposição pública (FOUCAULT, 1999).

Com o aumento do número de desempregados, na segunda metade do século XVIII, e com o alto índice de crimes contra os bens patrimoniais privados, a burguesia, que estava em ascensão, não podia mais tolerar essas práticas criminais. O delito passou a ser visto como ofensa direta à sociedade e que deveria ser reparado, mas sem a prática do suplício. No final do século XVIII surge, então, o modelo de prisão para todos os atos considerados crimes. No encarceramento, a submissão às regras e imposições existentes na época fazia do sujeito um ser mais disciplinado e obediente (FOUCAULT, 1999).

Nota-se que, no contexto descrito, o poder público em nenhum momento tomou medidas de prevenção às práticas criminais, nem tampouco deu atenção à ressocialização. Apenas adotou práticas punitivas, em que o medo imperava nas relações sociais. No Brasil, essa prática punitiva também imperou na história, mas, no final do século XX, com a ditadura militar terminando em 1985, o poder público promulgou a Constituição Federal em 1988, que possibilitou uma assistência maior à população brasileira (BRASIL, 2016).

Nos presídios, a Lei de Execução Penal (LEP) regulamentou as políticas de atenção aos encarcerados e garantiu alguns direitos, tais como: assistência material, saúde, jurídica, educacional, assistência social e religiosa (BRASIL, 2008). Entretanto, com o passar dos anos, percebeu-se que a LEP não estava conseguindo dar assistência aos privados de liberdade. Na questão da saúde, educação e atenção religiosa foram criadas algumas medidas que pudessem complementar tal lei.

No que tange à saúde, no ano de 2003, é publicada a Política Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário (PNSSP). Em 2014 houve a criação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade do Sistema Prisional (PNAISP), da Política Nacional de Atenção às Mulheres em Situação de Privação de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional (PNAMPE) e do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT).

Em relação à atenção à educação, no ano de 2006 foi realizado o Seminário Nacional pela Educação nas Prisões e, em consequência deste evento, em 2009 foi instituída a Resolução 03, de 11 de março de 2009. Quanto à assistência religiosa, no ano de 2011, o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária criou a Resolução 08, de 09 de novembro de 2011.

Muito embora as Políticas Públicas brasileiras tenham avançado bastante desde que foram instituídas pela Constituição Federal de 1988, a sua atenção deixa a desejar na prática. Em sua prática profissional na época em que atuou em uma Instituição de Segurança Pública no interior do Estado do Rio de Janeiro, a autora observou alguns problemas políticos que o país enfrenta, resultando na falta de recursos materiais e humanos que deixam falhas nos atendimentos e afetam a qualidade do serviço à população de um modo geral, dentre elas a assistência do privado de liberdade.

Ao se pensar no encarcerado, logo vem a ideia, de um criminoso e que, por isso, deve ser julgado e condenado aos piores castigos. No entanto, são deixadas de lado as questões que contribuem para o comportamento criminoso. Sabe-se que todo ser humano carrega consigo histórias de vida e que no processo de desenvolvimento da personalidade há a construção do sistema de crenças que interfere nos sentimentos e comportamentos do ser humano.

O indivíduo já nasce inserido em um “contexto histórico” de uma sociedade que possui regras e leis que precisam ser cumpridas (LANE, 2009 p. 13). Portanto, a autora afirma que as primeiras regras que se aprende são as da família e, mais tarde, as da escola e do convívio social e, assim, forma-se a identidade do sujeito. Porém, ao fazer uma análise sobre o processo de formação do indivíduo usando os conhecimentos científicos de uma abordagem psicológica, poder-se afirmar que, quando o sujeito cresce sem ter limites em relação às regras básicas ensinadas pela família, é muito provável que terá dificuldades de obedecer a regras/leis gerais de uma sociedade (LANE, 2009).

No processo de encarceramento, o sujeito passa a fazer parte dos excluídos da sociedade. Neste momento, surge um sentimento de revolta em que, em muitos casos, o desejo maior é o de vingança. Entretanto, quando estão prestes a conseguir a sua liberdade outro problema real é criado, o enfrentamento da sociedade em relação à sua condição de ex-condenado.

A sociedade brasileira é primordialmente excludente, onde poucos detêm o poder e muitos estão na linha da miséria, fato este, apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através de uma pesquisa realizada em 2016 e que identifica que 25,4% da população brasileira está na linha da pobreza. Para o Banco Mundial, pobres são aquelas pessoas que têm uma renda *per capita* abaixo de R\$387,00 mensais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017). Diante dessa situação, há de se convir que muitos desses pobres também sofrem com o problema de acesso a “bens e serviços

básicos, como: educação, proteção social, moradia adequada, serviços de saneamento básico e internet” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017).

A história do Brasil foi marcada pela colonização Portuguesa, pela escravidão do povo indígena e depois do povo africano. Este último começou a chegar em terras brasileiras por volta de 1550 permanecendo escravo até 1888, quando a Princesa Izabel assinou a Lei Áurea que deu direito à liberdade (PRIORE; VENANCIO, 2010). Durante todo esse tempo em que o afrodescendente viveu no regime de escravidão, ele passou por várias situações de torturas e exclusão social e, mesmo após ser liberto, a sociedade continuava excluindo-o e demonstrando o seu preconceito claramente por conta de sua condição social.

Atualmente, o negro continua a sofrer preconceito em relação à sua cor e, dependendo da sua situação financeira, é excluído da sociedade. O negro pobre carrega alguns estigmas que, de certa forma, atrapalham suas relações sociais e, em alguns casos, impedem seu acesso a diversos serviços públicos. Alves e Arruda (2017) e Andrade e Ferreira (2015) analisam que o grande público carcerário brasileiro é composto por jovens, negros e pobres, “não porque o crime está relacionado à pobreza, mas sim porque o sistema penal condena incontestavelmente os pobres” (ALVES; ARRUDA, 2017 p. 106).

Nas últimas duas décadas, foi observado um aumento considerável, de ingressos no sistema prisional brasileiro. O Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (2016) mostrou o crescimento de 157% da população carcerária entre os anos de 2000 a 2016.

Depois de passar pelo processo de pena, há o momento do término do processo, quando o sujeito deve retornar à sociedade. Esta etapa é difícil, tanto para o interno quanto para a sociedade. Ao sair do cárcere, o sujeito ainda está com restrição sobre seus direitos. Em alguns casos são impedidos de votar, não podem permanecer na rua depois de um certo horário e nem frequentar alguns lugares, além de serem monitorados pela Justiça. A maior dificuldade está na reinserção no mercado de trabalho formal, pelo preconceito de ser um ex-condenado e por ter baixa escolaridade, sem qualificação profissional. Portanto, é importante que a sociedade tenha um olhar um pouco diferenciado para esse público e oferte possibilidades que possam sanar esse problema.

Nas unidades de atenção ao egresso são prestados atendimentos de monitoramento e assistência técnica com profissionais da Psicologia, da Terapia Ocupacional e da Assistência Social, aos que estão respondendo no Programa Albergue Domiciliar (PAD) e Livramento Condicional (LC) (SEAP, 2012). É muito comum, no atendimento técnico, a escuta de que o

sujeito passou por um processo seletivo, mas quando chegou na última etapa para ser contratado, a empresa o dispensou por ser um ex-condenado. No entanto, outras questões também dificultam este processo, tais como a falta de qualificação profissional, a baixa escolaridade e a baixa tolerância com as frustrações (PIRES; GATTI, 2006).

Diante dessa situação, não se pode deixar de mencionar a motivação para a realização desta pesquisa.

Então, primeiramente devo me apresentar. Meu nome é Carolina, sou psicóloga formada pela Universidade Gama Filho no ano de 2003. Desde que me formei, venho atuando na área social, jurídica e clínica. No ano de 2006 ingressei na Secretaria Municipal de Ação Comunitária, no município de Volta Redonda/RJ – SMAC/PMVR – integrando a Equipe Técnica de um Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, onde atuei até o ano de 2015.

Em 2013, iniciei o meu trabalho na Secretaria Estadual de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro – SEAP/RJ –, onde fiz parte do quadro técnico da Unidade Prisional Cadeia Pública Franz de Castro, também no município de Volta Redonda/RJ, e do Patronato Magarino Torres Anexo Volta Redonda. A primeira unidade, no entanto, é de regime fechado em caráter provisório e a segunda é o último estágio de cumprimento judicial, onde as pessoas estão em cumprimento do Livramento Condicional e do Programa Albergue Domiciliar.

A ideia de pesquisar os egressos surgiu dos atendimentos que realizei no Patronato, onde foi possível verificar que alguns conseguiam ter sucesso em sua vida social e outros não.

Sendo assim, esta dissertação foi elaborada com base em uma pesquisa de campo de natureza qualitativa. O objetivo geral foi investigar a perspectiva de egressos do sistema prisional em relação à vida em sociedade após o cumprimento da pena, conforme consta no Segundo Capítulo deste trabalho.

No Terceiro Capítulo discorremos sobre o processo histórico do modelo prisional. Mais a diante, são apresentadas as políticas de atenção à população carcerária no sistema prisional brasileiro. E, no Quinto Capítulo são abordadas a exclusão social e a ressocialização utilizando como base as teorias da Psicologia Social.

Em seguida, temos o capítulo que traz o método e instrumentos usados na pesquisa. A análise dos dados foi categorizada através da Análise de Conteúdo de Bardin (2016). No Sétimo Capítulo são apresentados os Resultados e Discussões e, finalmente, trazemos algumas considerações sobre a pesquisa realizada.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Investigar a perspectiva de egressos do sistema prisional em relação à vida em sociedade após cumprimento da pena.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar as perspectivas de futuro dos egressos participantes desta pesquisa;
- Verificar, junto aos egressos, seus sentimentos, suas dificuldades e suas pretensões da vida após a saída do cárcere;
- Pesquisar a percepção dos egressos quanto ao fato dos outros tomarem conhecimento de que é um ex-presidiário;
- Averiguar os sentimentos dos egressos sobre o monitoramento da justiça pós-cárcere.

3. O PROCESSO HISTÓRICO DO MODELO PRISIONAL

Historicamente, a humanidade carrega consigo conceitos e valores sobre determinadas atitudes ou fatos. O processo evolutivo das punições deve levar em consideração cada época, pois seu conceito nem sempre foi o mesmo para os povos mais antigos. Nesse sentido, Greco (2009 p. 15) afirma que “a primeira punição aplicada foi por Deus, quando castiga Adão e Eva com a expulsão do paraíso pela desobediência de ter comido o fruto proibido”. No entanto, com o aumento considerável de pessoas no mundo, foi necessário criar regras de convivência para que todos pudessem viver bem, mas aquele que violava as regras teria que sofrer algum tipo de punição (GRECO, 2009).

Entretanto, para uma melhor compreensão sobre o modelo prisional na atualidade faz-se necessário buscar na história como eram os modelos punitivos. Para isso, foi necessário explorar o processo histórico na Europa desde a sua antiguidade, passando pela idade média até chegar à modernidade. Logo após, descreveremos o processo histórico deste modelo no Brasil perpassando desde o período colonial até tornar-se República.

3.1. PROCESSO HISTÓRICO NA EUROPA

Na antiguidade (período aproximadamente de 4000 a.C. até o século V), as normas eram religiosas e influenciavam as vidas dos povos primitivos. Acreditava-se que os deuses criavam as leis e, quando contrariados, se revoltavam através dos fenômenos da natureza e alguém deveria ser punido (BITENCOURT, 2010; MOURA; MENEGUETTI; SOARES, 2009). Entretanto, Moura *et al.* (2009) menciona que as leis se originaram através das crenças passadas de pai para filho e que não poderiam ser desobedecidas. Bitencourt (2010 p. 60) destaca que as punições tinham cunho religioso e que os sacerdotes aplicavam o castigo no intuito de “purificar a alma”.

A Lei do Talião, criada pelo Rei de Hamurabi, na Babilônia, foi um dos primeiros códigos escritos na história que delimita a punição apenas ao autor do crime praticado e não mais ao grupo de pertença (SANTOS; ALCHIERI; FILHO, 2009). O sujeito que praticou o ato criminoso deveria sofrer o mesmo mal causado (BITENCOURT, 2010).

Embora esta lei tenha acontecido por volta do ano 1750 a.C., nota-se que ainda é muito presente atualmente quando alguém comete um crime bárbaro. A própria sociedade em que vivemos exige que as autoridades deem penas compatíveis com o ato praticado, a fim de reparar o mal cometido.

No século II, os Romanos já tinham noção de culpa e podiam medir a pena através da gravidade dos atos cometidos. Para cada tipo de crime havia uma consequência diferente. No entanto, a religião sempre prevaleceu como medida de punição, pois o rei e o sacerdote eram os que faziam valer a lei e confundiam os seus papéis no momento de julgar os sujeitos.

Qualquer ato praticado, desde o mais leve até os mais graves, era visto como pecado e tinha que ser punido. Para os crimes de furto qualificado, estelionato, aborto, blasfêmia, heresia e bruxaria a consequência era a pena de morte. As prisões, nesta época, funcionavam como depósito de pessoas onde se mantinham acautelados até o dia do julgamento em plena praça pública à espera do suplício (BITENCOURT, 2010 e 2017).

O suplício foi uma técnica de punição adotada para obter a confissão das pessoas, a qualquer custo, diante de prática considerada crime. Foram verdadeiros espetáculos sanguinários, no quais, o então criminoso era exposto vivo ou morto em praça pública para que todos pudessem assistir sua total degradação. Os poderosos utilizavam do suplício para mostrar a população o que aconteceria caso fossem contra o que eles acreditavam (FOUCAULT, 1999).

A prática do suplício durou toda antiguidade e foi até o século XVIII (BITENCOURT, 2017). Mas foi na era medieval que ela ficou mais marcada e caracterizada. Nessa época, a Igreja detinha todo o controle sobre os comportamentos das pessoas e criavam regras absurdas que deveriam ser obedecidas (SANTOS *et al.*, 2009). O povo não tinha outra escolha a não ser obedecer ao que era imposto pelo poder. O sistema de punição usava a dor física, assim como práticas de torturas. Se valorizava muito as questões espirituais, o corpo ficava esquecido (FOUCAULT, 1999).

Na Idade Média (período entre os séculos V e XV) o povo temia a lei penal e, por isso, buscava seguir fielmente as ordens estabelecidas pelo rei. Os mais pobres não detinham os direitos de escolhas e, se desobedecessem às ordens do rei eram punidos da pior maneira. O cárcere funcionava como depósito de pessoas. As celas eram pequenas, escuras e não havia passagem de ar. Era um ambiente sombrio e insalubre com possibilidades de contaminação por doenças. O aparecimento de ratos, baratas, piolho, pulgas e carrapatos era muito comum (BITENCOURT, 2017).

A Europa da idade moderna (período entre os séculos XV e XVIII) iniciou-se com o declínio do sistema feudal. A agricultura entrou em crise e não conseguiu mais alimentar a população. Ao mesmo tempo, houve o surto da peste e muitos morreram (FABER, 2011). As pessoas começaram a migrar para os centros urbanos atrás de alimentos e melhor condição de sobrevivência. O número de famílias nas cidades cresceu e, com a falta de estrutura, muitos ficaram nas ruas (SOARES, *et al.*, 2009).

Paris tinha um número alto de desempregados e a miséria se estendeu por toda a cidade, representando um terço da população total. Houve o aumento da prática de crimes patrimoniais, o que levou o Estado a tomar algumas atitudes. No entanto, o suplício já não era mais bem visto pela classe burguesa e entrou em decadência com inúmeras críticas (FOUCAULT, 1997 e 1999 e PINHEIRO; GAMA, 2016). Para sanar o problema, iniciou-se o processo de penalização. Na França, muitos foram obrigados a trabalhar sem remuneração em setores públicos e privados (BITENCOURT, 2017 e SANTOS *et al.*, 2009).

Em Londres, o crescimento da mendicância começou a incomodar o clero inglês e, a partir disso, o Rei da Inglaterra criou medidas de recolhimentos a todos que eram responsáveis pelas desordens nas ruas (BITENCOURT, 2017). As primeiras casas de segregação foram criadas na Inglaterra e tinham como o objetivo impor o trabalho na linha de produção (SANTOS *et al.*, 2009). O encarceramento era na base da submissão de regras e imposições e que quando internalizadas pelo sujeito tornava-o mais disciplinado e obediente. Não reconstruía o sujeito de direitos nem ressocializava, mas o tornava-o mais dócil a uma autoridade externa (FOUCAULT, 1999).

A prisão como pena surgiu a partir da segunda metade do século XVI para substituir os castigos corporais em tempo de vida do acusado. Dessa forma era importante submeter às pessoas encarceradas a práticas comportamentais ordenadas para que se operasse uma mudança moral e psíquica. Embora “a prisão-pena tivesse o sentido punitivo e sancionador”, ela já começava a dar sinais da “pena privativa de liberdade” (SANTOS *et al.*, 2009 p. 175).

No entanto, as prisões tinham o verdadeiro objetivo de excluir, do meio social, todos aqueles que incomodavam a burguesia como os mendigos, prostitutas e vagabundos (PINHEIRO; GAMA, 2016). Nesta época, a burguesia associava os mais pobres que pediam esmolas, como pessoas preguiçosas e que isso era uma escolha subjetiva (FOUCAULT, 1997).

Com o capitalismo se desenvolvendo no século XVII, a ociosidade trazia a ideia de vadiagem, então, os religiosos aplicaram a prática do trabalho nos sujeitos como forma de ocupá-los e não dar tempo de praticarem atos delituosos. Desta maneira, as primeiras prisões adotadas tinham como formato o trabalho (PINHEIRO; GAMA, 2016).

A regra era manter os internos ocupados com o trabalho para evitar transtornos, como forma punitiva. O Estado acreditava que era preciso castigar a miséria através do trabalho para não se ocupar com a libertinagem. Com o corpo cansado, o sujeito não poderia ter maus pensamentos e poderia se arrepender dos seus atos passados (FOUCAULT, 1997).

No entanto, a disciplina começa a surgir a partir da segunda metade do século XIX, através das oficinas, manufaturas e fábricas. As pessoas ocupavam espaços físicos próprios,

onde desempenhavam as suas funções. Havia um corredor central que facilitava a vigilância individual e geral de todos na oficina. A divisão do tempo no uso da produção nas fábricas era uma maneira de não haver distrações. O poder da norma em que o observado é disciplinado, é justamente pela sanção do olhar em que enquadra o sujeito nos seus interesses (FOUCAULT, 1999).

O inglês John Howard, segundo Bitencourt (2010), foi o responsável por humanizar e racionalizar as penas através de condições mais adequadas ao preso no século XVIII. Após uma viagem a Portugal em 1755, quando acabou preso no Castelo de Brest (França), sofrendo com o encarceramento, ao retornar à Inglaterra encabeçou o processo de reforma nas prisões (BITENCOURT, 2017 e SANTOS *et al.*, 2009).

Pinheiro e Gama (2016), defendem a ideia de Howard, de que logo após visitar alguns presídios, ele ampliou seu olhar em relação a penalidade e passou a enxergar o encarceramento de uma forma mais humana. Howard preocupou-se em classificar e separar os internos, a fim de que não se misturassem e busca a “reforma do delinquente” (BITENCOURT, 2010 p. 73). Santos *et al.* (2009) complementa os outros autores e alega que Howard teve a ideia de manter o sujeito isolado, pois assim, poderia refletir sobre seus atos e arrepender. Ele reforça as mudanças nas prisões e nasce o “penitenciariismo” (SANTOS *et al.*, 2009 p. 175).

O inglês e filósofo Jeremy Benthan cria um modelo de controle, que é visto ainda atualmente, chamado de panóptico (século XVIII) e que foi adotado por várias instituições, inclusive o sistema prisional. Trata-se da arquitetura de um prédio circular com uma torre no centro. Nesta torre havia um vigia que monitorava tudo o que se passava ali dentro. As celas ficavam no prédio e eram direcionadas para a torre (BITENCOURT, 2010, FOUCAULT, 1999 e SANTOS *et al.*, 2009).

Com este modelo, Benthan buscou o controle sobre o comportamento dos sujeitos, porém respeitou os princípios éticos. Para ele, o castigo era um mal necessário para a prevenção de novos delitos que podiam trazer danos à sociedade (BITENCOURT, 2010). Benthan reformulou e estruturou as leis penais e fez do cárcere um local de cumprimento de pena. A preocupação dele era com a vida do sujeito pós-cárcere. Diante disso, adotou o trabalho como forma de reabilitar o apenado para a vida social (SANTOS *et al.*, 2009).

Dessa maneira, o poder disciplinar assume um caráter invisível e o submetido ao poder torna-se visível. O indivíduo passa a viver através de regras preestabelecidas em relação a seu comportamento. O sucesso do poder disciplinar está justamente no olhar hierárquico que amedronta, pune, normatiza, corrige, enquadra e adestra. No modelo panóptico, as celas eram individuais e os presos não poderiam comunicar-se entre si. Logo à frente das celas havia uma

torre com um vigia. O detento podia ver a torre, mas não podia saber quem estava por trás dela. Isso os deixavam mais submissos e disciplinados. Caso infringissem alguma regra, eram punidos conforme a lei (FOUCAULT, 1999).

No entanto, Bentham teve muita dificuldade para colocar em prática o seu modelo de prisão-pena. Em 1776, nos Estados Unidos, sua ideia arquitetônica foi aceita e o seu modelo ficou conhecido como “Sistema Filadélfico”. Na Europa, somente no ano 1816, na Inglaterra, conseguiu-se inaugurar uma unidade prisional com esse modelo (BITENCOURT, 2010; SANTOS *et al.*, 2009 p. 176). Contudo, cabe lembrar que este modelo não apenas foi adotado nas prisões. Outras instituições também usaram a arquitetura panóptica como as escolas, hospitais, asilos, orfanatos, fábricas e unidades militares (FOUCAULT, 1999).

No século XIX, aumentaram os delitos contra as propriedades e os crimes considerados menos graves eram cumpridos na casa de correção, cujo foco era o trabalho e a produção. Com o aumento da mão de obra carcerária, os salários dos trabalhadores livres diminuíram e o desemprego aumentou. Em 1836, as pessoas preferiam ficar no cárcere a estar em liberdade, pois ali dentro tinha o básico para a sobrevivência. Isso levou muitos a delinquir e reincidir ao cárcere.

A partir disso, os administradores dos cárceres foram alertados de que a população livre deveria ser mais valorizada que o preso e que o trabalho do encarcerado não poderia provocar mais prejuízo aos trabalhadores em geral. Assim, os presos das casas de correção ficaram no ócio e o objetivo da pena passou a ser apenas repressivo. Os privados de liberdade passaram a trabalhar por muitas horas a fim de que ficassem os mais cansados possíveis. A alimentação era inadequada e a saúde dos internos passou a ficar prejudicada pela falta de assistência (PINHEIRO; GAMA, 2016).

No século XVIII, nos Estados Unidos, foi lançado o “primeiro modelo de prisão-pena” que ficou conhecido como o “Sistema Filadélfico”. O seu principal objetivo era de provocar o arrependimento. Para isso, os sujeitos ficavam isolados em celas para meditar e fazer orações (SANTOS *et al.*, 2009 p. 176).

Bitencourt (2010), alega que este sistema reformou as prisões com seu sistema celular através do isolamento do preso. No entanto, o autor complementa a informação e verbaliza que os isolamentos em celas individuais eram apenas aos presos considerados perigosos, pois os outros viviam em celas comuns. Contudo, esses indivíduos teriam que respeitar a lei do silêncio (BITENCOURT, 2010).

No século XIX começou-se a pensar em um modelo de pena progressivo. A primeira unidade prisional a adotar esse sistema, foi na Inglaterra através do Capitão Alexander

Maconochie. O objetivo era dividir a condenação em alguns períodos de forma que pudesse possibilitar o retorno do sujeito ao convívio social momentos antes de acabar sua pena. Para isso, calculava-se o tempo da pena através da soma do trabalho e o bom comportamento durante o período do cárcere (BITENCOURT, 2010 e SANTOS *et al.*, 2009).

Neste regime, o indivíduo assim que era condenado teria que ficar isolado 24 horas por um determinado período. Mais tarde, poderia trabalhar, porém a regra principal era o silêncio. Após o cálculo do tempo de trabalho com o bom comportamento, o indivíduo ganhava a sua “liberdade condicional”. Nessa última, o apenado teria a restrição de alguns direitos, mas após cumprir a determinação conforme a lei, ele ganharia a “liberdade definitiva”. Esse sistema foi adotado por vários países, inclusive o Brasil (SANTOS *et al.*, 2009 p. 177).

3.2. PROCESSO HISTÓRICO NO BRASIL

No Brasil, anterior a 1500, os povos que aqui viviam penalizavam os seus integrantes com a expulsão de sua tribo deixando-os vulneráveis. O castigo era corporal, porém não havia tortura física e as regras eram dominadas pelo misticismo. Após a chegada dos Portugueses, em 1500, as leis de Portugal passaram a dominar as regras no Brasil (BITENCOURT, 2010).

O período colonial (até o século XVIII) foi marcado pelo sistema de escravidão através de trabalhos forçados e o sistema de punição era privatístico, corporal e público através da pena de morte, açoites, galés e trabalhos forçados (ROIG, 2013 e SANTOS *et al.*, 2009). Bitencourt (2010), compara o período colonial com o feudalismo da Europa, pois pequenos Senhores de terras poderiam julgar e punir pessoas que trabalhavam em suas terras, de acordo com suas vontades e desejos.

No período colonial brasileiro (século XVIII e início do século XIX), as prisões existentes serviam apenas para punir e isolar o sujeito da sociedade (CHAZKEL, 2017) e assim como na Europa, também tinham o objetivo de apenas acautelar o sujeito até a sua sentença final e os seus locais eram precários e adaptados (PINHEIRO; GAMA, 2016; ROIG, 2013).

Normalmente eram presos os escravos e os considerados pela sociedade como ladrões, delinquentes e vagabundos (SANTOS *et al.*, 2009). Por conta disso, a unidade prisional de Aljube, no Rio de Janeiro, superlotou, iniciando o problema da saúde. O ambiente dessa unidade não tinha estrutura física adequada, nem sanitária, para manter os sujeitos encarcerados. Era comum a proliferação de doenças e a morte pela falta da circulação de ar e por higiene inadequada (PINHEIRO; GAMA, 2016; SANTOS *et al.*, 2009).

Com a chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808 (Século XIX), algumas reformas no sistema penal começaram a surgir, as prisões passam a transformar os criminosos em trabalhadores disciplinados e as punições consideradas “bárbaras e retrógradas” passam a ser abolidas (PINHEIRO; GAMA, 2016; CHAZKEL, 2017 p. 10).

Em 1830 o Império determinou que as punições deveriam ser mais brandas e que as cadeias teriam que ser mais limpas e com mais passagem de ar para amenizar o problema da proliferação de doenças. Os sujeitos passam a ser classificados de acordo com os crimes cometidos (SANTOS *et al.*, 2009).

Em 1834, foi construída a Casa de Correção na Capital do Império (Rio de Janeiro) inspirada nos cárceres norte-americanos e nos modelos da Inglaterra. No entanto, “foram construídos apenas duas das quatro partes do modelo panóptico desenhados pelos arquitetos” (CHAZKEL, 2017 p. 10) e, em 1856, foi construída provisoriamente a Casa de Detenção em uma das alas da Casa de Correção, mas em 1888 acabou tornando-se definitiva. Entretanto, a autora esclarece que a diferença entre as duas: a Casa de Detenção era para os condenados a “pena simples” e a Casa de Correção era para os condenados a “prisão com trabalho” (CHAZKEL, 2017 p. 11 e 12).

No início do século XX, a população europeia faz o processo de imigração no Brasil. De início, foram vistos como pessoas culturalmente privilegiadas. No entanto, a imigração gera o aumento da população no Brasil, e junto disso, vem o problema do desemprego e da desqualificação do trabalho. Diante dessa situação, “os imigrantes passam a ser vistos pelos brasileiros como criminosos, vagabundos, desordeiros e subversivos” (SANTOS *et al.*, 2009 p. 181).

É de se imaginar que muitos dos imigrantes passaram a ocupar os espaços das cadeias brasileiras por conta de seus atos. Mas foi no ano de 1940, segundo Santos *et al.* (2009), que o governo brasileiro passa a ter o regime de pena progressivo. No entanto, foi no ano de 1984 que houve a promulgação da Lei de Execução Penal (LEP), que rege o Sistema Penitenciário Brasileiro até os dias atuais. De acordo com Pinheiro e Gama (2016), o objetivo da LEP foi de valorizar os direitos humanos dos privados de liberdade.

Mediante os fatos, foi possível analisar que o processo histórico das punições brasileiras foi bem semelhante com o da Europa. Antes do período colonial, a população nativa punia os errantes com a expulsão do grupo, bem parecido com o período antigo na Europa, mas com a diferença que aqui não havia castigos corporais. Depois da vinda dos portugueses para o Brasil, nota-se que o modelo do suplício citado por Foucault (2009) também aconteceu aqui, porém foi no período colonial e a população escrava foi a que mais sofreu com isso.

A prisão no modelo panóptico (1834), conforme Foucault (1999) descreve, também foi adotada no Brasil, porém apenas duas das quatro partes foram construídas na Casa de Correção, no Rio de Janeiro (CHEZKEL, 2017). Os locais que acautelavam os sujeitos que eram presos, assim como na Europa, teve problemas com a superlotação, péssimas instalações e ambiente insalubre, o que possibilitou a proliferação de doenças e morte. A diferença é que no Brasil, alguns conseguiam fugir do cárcere e na Europa era muito difícil disso acontecer.

No Brasil, a superpopulação nas cidades e a falta de estrutura política ocasionou o problema da ociosidade nas ruas e o aumento dos crimes de roubo, conforme ocorreu na Europa. A prisão celular, através do trabalho e da disciplina, como cita Pinheiro e Gama (2016), assim como na Europa, foi muito presente no Brasil no final do século XIX. No entanto, foi a partir da promulgação da LEP, em 1984, que o sistema penal brasileiro passou a direcionar o tratamento com os presos, respeitando os direitos humanos.

Atualmente, busca-se nas penas o caráter corretivo. No entanto, para que possa funcionar corretamente, é necessário haver qualificações dentro das cadeias para se oferecer aos presidiários, além de se garantir emprego e uma estrutura fora das prisões, para que o sujeito possa mudar seus hábitos.

Historicamente, o suplício desapareceu e foi substituído por outro ritual mais administrativo. No entanto, hoje este aparece de uma outra forma, quando se é preso e condenado injustamente e ainda tem a imagem e história divulgada na mídia. Na atualidade, a justiça tem vergonha de se impor ao condenado e se mantém afastada. Privar o sujeito de sua liberdade também é um direito da sociedade. Entretanto, o que vale é que a prisão sempre vai servir como medida de sofrimento (FOUCAULT, 1999).

4. AS POLÍTICAS DE ATENÇÃO À POPULAÇÃO CARCERÁRIA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO

O Brasil é um país de grandes desigualdades sociais sendo, portanto, acometido por uma política bastante excludente e que não possibilita as mínimas condições necessárias para a população mais pobre. Levando essa situação para dentro dos presídios brasileiros, é possível perceber que o nosso país é um dos que mais encarcera e, em consequência, torna o sistema prisional falho em diversos seguimentos. Segundo os dados apontados pelo Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) em junho de 2016, o Brasil tem atualmente 726.712 pessoas privadas de liberdade (BRASIL, 2017).

O Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD) confirma a informação do INFOPEN e noticia que o Brasil está posicionado no ranking mundial dos países que mais encarceram na terceira colocação (726.712), perdendo apenas para os Estados Unidos (2,3 milhões) e a China (1,7 milhões, em 2015) (INSTITUTO DE DEFESA DO DIREITO DE DEFESA, 2017).

No entanto, antes de prosseguir com o assunto, devemos mencionar aqui que o sistema prisional é um conjunto de estabelecimentos com a função de restringir a liberdade (SOARES; PEREIRA; FREITAS, 2017). Sendo assim, descreveremos, neste item, a situação das Políticas de Atenção Básica no atual sistema prisional brasileiro e o que isso acarreta à vida social desses indivíduos.

Políticas Públicas, entretanto, são aqueles projetos e ações realizadas pelo Governo nos diversos setores e seu objetivo é atender toda a população, incluindo os mais pobres (OLIVEIRA, 2012). Dentro dessa política, temos o tripé da seguridade social que são: saúde, assistência social e previdência social. A saúde é para todos; a assistência social é para quem dela necessita; e a previdência é para quem contribui. Diante disso, podemos afirmar, que o Brasil de hoje tem uma política de saúde, educação e assistência social (BRASIL, 2016). Mas, como fica a população carcerária?

Nosso sistema prisional é regido pela Lei de Execução Penal – LEP (BRASIL, 2008), que regulamenta as políticas de atenção aos encarcerados garantindo, de certo modo, alguns direitos, tais como: “a assistência material, a saúde, assistência jurídica, educacional, assistência social e religiosa” (BRASIL, 2008 p. 21 e 22). Direitos estes, que se bem cumpridos, conforme descrito na lei acima, podem fazer a diferença a uma classe totalmente excluída e que merece nossa atenção. Diante da situação, faremos uma comparação entre os serviços dispostos pela Lei de Execução Penal e como estes serviços estão de fato sendo prestados nesse sistema.

4.1. ASSISTÊNCIA MATERIAL

Sobre a questão da assistência material o artigo 12 da LEP prevê que, “o Estado deverá proporcionar ao interno alimentação, vestuário e higiene” (BRASIL, 2008 p. 22). No entanto, a realidade é bem diferente do que preconiza a lei. O Estado até fornece os alimentos, entretanto, nem sempre são adequados (MARCÃO, 2012). No ponto de vista de Machado e Guimarães (2014), os alimentos são preparados de qualquer maneira e sem o mínimo de higiene. Muitos se queixam sobre como recebem esses alimentos o que, dependendo da situação, acaba contribuindo para rebeliões no sistema penitenciário (FRAGOSO, 2008; SANTOS, 2007).

Desse modo, através de observações realizadas em uma Unidade Prisional, foi possível visualizar que aqueles que tem o apoio familiar e que recebem visitas podem contar com uma alimentação um pouco melhor, pois a família acaba subsidiando meios para isso se prevalecendo em relação aqueles que não tem o apoio da família.

O vestuário, que deveria ser fornecido pelo Estado, nem sempre é entregue ao preso. Vivemos hoje no Brasil, uma crise política marcada pela falta de recursos necessários para o bom desenvolvimento de projetos e ações públicas. Essa situação abarca todos os campos políticos e o sistema prisional é um deles. O Estado falido não tem condições de arcar com mais essa despesa. Então, a família acaba assumindo a responsabilidade de levar roupas e materiais higiênicos, assim como, artigos alimentícios aos internos. Mas nem todos possuem assistência de familiares e a esses só cabe saber viver com os poucos recursos que têm (FRAGOSO, 2008).

Dentro de cada cela há instalações próprias para que o interno possa fazer a sua higiene. No entanto, a falta de estrutura dentro dos presídios é muito grande, além disso, “as condições de higiene são precárias e deficientes, o que pode contribuir para a proliferação de doenças” (MACHADO; GUIMARÃES, 2014 p. 573). De acordo com os relatos dos internos de uma Unidade Prisional, o acesso a água é limitado, além de não ter privacidade alguma nos momentos em que vão fazer a sua higiene pessoal e as necessidades fisiológicas.

Portanto, podemos concluir que a atenção prevista por lei em relação à alimentação, vestuário e instalações higiênicas, embora existam no sistema prisional, são bastante precárias. A família é muito importante ao encarcerado, pois ela viabiliza os recursos básicos mínimos necessários para a sua sobrevivência no cárcere. Porém, aqueles que não tem o apoio familiar, provavelmente, irão depender de doações dos próprios internos ou de quem deseja doar artigos de subsistência, tais como as igrejas.

Nesse sentido Lauermann e Guazina (2013) reforçam a importância que as famílias têm para os privados de liberdade. Segundo uma pesquisa realizada pela autora com alguns egressos, a maior parte deles procuram em primeiro lugar algum familiar assim que retornam para o convívio social.

4.2. ASSISTÊNCIA À SAÚDE

Em relação à assistência à saúde no sistema prisional é importante frisar que houve alguns momentos que marcaram essa política de atenção aos encarcerados. Dentre eles, temos a Lei de Execução Penal – LEP, promulgada em 1984, que em seu art. 14 estabeleceu aos encarcerados o “direito de uma assistência à saúde mais preventiva e curativa através de atendimentos médico, farmacêutico e odontológico” (BRASIL, 2008 p. 22). Mas, caso o interno venha necessitar de atendimento médico especializado, a unidade prisional deverá encaminhá-lo para outro dispositivo que contenha o atendimento especificado (BRASIL, 2008).

A criação da LEP foi muito importante como medida de atenção à saúde do encarcerado. No entanto, na prática não foi muito eficaz, pois a responsabilidade disso era única e exclusiva da segurança pública que, muitas vezes, deixava atenção à saúde de lado. Pensando nessa situação, em 2003, foi criada a Política Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário (PNSSP) para complementar a LEP e garantir ações integrais de saúde.

Essa política tem caráter preventivo, promove a saúde física e mental, controla agravos de saúde, insere o sujeito em programas básicos de saúde, tais como: a saúde bucal, saúde da mulher, doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS, saúde mental, hepatites, tuberculose, hipertensão, diabetes e hanseníase, e prevê assistência farmacêutica (LERMEN; GIL; CÚNICO; JESUS, 2015).

Entretanto, a viabilização do atendimento supracitado só foi possível quando as unidades prisionais se adequaram e inseriram no seu interior, equipes mínimas básicas de saúde compostas por médico, enfermeiro, dentista, assistente social, psicólogo, auxiliar de enfermagem e auxiliar de consultório dentário. Cada equipe de saúde ficaria com a responsabilidade de atenção por até 500 sujeitos e aquelas unidades prisionais de menor porte, com até 100 internos, deveriam ser acompanhadas pelas Unidades Básicas de Saúde do território (LERMEN *et al.*, 2015).

Contudo, a crítica dada à PNSSP foi que esta política apenas ofertava serviços de saúde às unidades prisionais de regime fechado deixando de atender as outras unidades de regime

semiaberto, aberto e provisório. Por essa razão, em 2014, foi criada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade no Sistema Prisional (PNAISP) para garantir que todas as unidades teriam o acesso integral no SUS; e a Política Nacional de Atenção às Mulheres em Situação de Privação de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional (PNAMPE) para possibilitar um olhar diferenciado à população carcerária feminina (LERMEN *et al.*, 2015).

Portanto, podemos concluir que a LEP por si só não pode dar assistência de uma maneira integral à saúde do encarcerado. Devemos lembrar que a promulgação da LEP se deu no ano de 1984, época em que o Brasil estava politicamente na luta contra a ditadura militar, iniciando o processo de democracia e um período anterior à criação do SUS. Com o tempo, foram necessárias medidas e ações para garantir o acesso à saúde desse público totalmente excluído da sociedade.

Para isso, em 2003 criou-se a PNSSP para complementar a LEP e garantir o acesso à saúde do encarcerado respeitando o SUS. No entanto, mesmo com essa política ainda faltam meios para garantir a atenção integral à saúde desses indivíduos. Desse modo, em 2014 entrou em vigor a PNAISP e a PNAMPE para dar maior cobertura em relação à saúde integral a todas as unidades prisionais de todos os regimes.

Porém, necessitava-se ainda, de uma ação diferenciada aos portadores de transtornos mentais e à população LGBT. Então, foi constituído através do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciário (CNPCCP), o Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT), com a finalidade de atender a essa minoria podendo ofertar mais atenção (LERMEN *et al.*, 2015).

A crítica que se faz ao serviço de saúde destinado à população carcerária é que na prática nem sempre os serviços acontecem. Os processos de ações e intervenções por parte da saúde avançaram, mas a precariedade dos serviços ainda é muito grande. Faltam recursos humanos para compor uma equipe completa básica de saúde nas unidades e a assistência farmacêutica devidamente como deveria acontecer segundo a PNSSP. Muitas vezes, é necessário que o familiar forneça os medicamentos para que o interno possa ter a devida assistência farmacêutica.

A queixa dos encarcerados quanto à atenção desrespeitosa e pouco humanizada ofertada pelos profissionais atuantes no sistema prisional não é rara. Além disso, em muitos

casos, as unidades prisionais não obtêm recursos arquitetônicos que permitam o acesso dos portadores de deficiência. Também há casos em que o julgamento por parte de alguns agentes penitenciários sobre a necessidade de atendimento do preso na saúde pode facilitar ou dificultar o seu acesso aos profissionais da saúde (DIUANA *et al*,2008).

4.2.1. TRABALHO DO PSICÓLOGO NO SISTEMA PRISIONAL

Não podemos deixar de mencionar aqui o trabalho do psicólogo no sistema penitenciário, assim como a atenção psicológica ao interno. Conforme já citado, no atendimento à saúde, o psicólogo compõe a equipe mínima de técnicos. Cabendo a ele algumas responsabilidades, dentre elas: a realização de acompanhamento psicológico ao interno; a elaboração de laudos e pareceres para exames criminológicos; formação de grupos de acolhimento; atendimento ao familiar do preso e articulação com a equipe multiprofissional. Isso depende do tipo de unidade que o psicólogo estiver inserido e das demandas que surgirem.

No entanto, para que possamos analisar criticamente a situação do trabalho do psicólogo no sistema prisional, primeiramente devemos nos pautar no Código de Ética Profissional, que descreve o seguinte:

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

“II- O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

V- O psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica como campo científico de conhecimento e de prática.

DAS RESPONSABILIDADES

Art. 1º. São deveres fundamentais dos psicólogos:

c) Prestar serviços psicológicos de qualidade, em condições de trabalho dignas e apropriadas à natureza desses serviços, utilizando princípios, conhecimentos fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional.

Art. 2º. Ao psicólogo é vedado:

a) Praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2014 p. 5, 8 e 9).

Diante do exposto, acerca do que é permitido ou não ao profissional de Psicologia, seguindo o Código de Ética profissional, pode-se mencionar que o psicólogo enfrenta muitos desafios. Dentro das unidades prisionais, o princípio que rege é de um local de segurança e que a clientela do serviço é formada de pessoas que “não prestam” e que, por isso, não devem ser respeitadas. Essa clientela, no entanto, é jogada de qualquer maneira em equipamentos sem estrutura inviabilizando até mesmo a higiene corporal. Mas o que fazer diante dessa situação?

Se analisarmos bem, essa questão já fere alguns princípios do código de ética do profissional como, a convivência com práticas de negligência e discriminação, ainda que sem a intenção.

Nos atendimentos de acompanhamento psicológico, o profissional deve ser o mais ético possível atuando com respeito e promovendo o acesso às informações. Porém, em certos momentos, o psicólogo é questionado pelos profissionais de segurança pública se há, de fato, a necessidade real de estar escutando esses indivíduos. Essas situações, torna um pouco difícil o trabalho do psicólogo e desvaloriza a sua atuação profissional.

Nas unidades prisionais de condenados, a maior demanda de trabalho para o psicólogo são os exames criminológicos. Segundo Santana (2016, p. 52), “o exame criminológico consiste em uma série de avaliações do comportamento do condenado”. Analisando a situação, é muito complicado esta questão judicial, pois o profissional deve dar seu parecer psicológico baseado muitas vezes, apenas em uma entrevista. Ou seja, o psicólogo não tem tempo para fazer uma análise mais detalhada sobre a vida do sujeito. Segundo Rauter (2016, p. 45), os exames criminológicos têm “caráter julgador e podem ferir a ética do profissional”.

Entretanto, para ficar claro e compreendido por todos, faz-se necessário o detalhamento sobre o exame criminológico. A LEP, em seu Art. 6º, expressa que “uma Comissão Técnica de Classificação (CTC) deverá elaborar um programa individual de pena privativa de liberdade adequada ao condenado ou preso provisório” (BRASIL, 1984).

Na realidade, o que a LEP está assegurando é que em todas as Unidades Prisionais devem existir um programa de assistência a cada privado de liberdade respeitando a sua individualidade e que será elaborado pela Comissão Técnica de Classificação (CTC). Além disso, em seu Art. 7º, discorre que essa Comissão “será presidida pelo diretor da Unidade e composta por dois chefes de segurança, um psiquiatra, um psicólogo e um assistente social” (BRASIL, 1984).

Dessa maneira, o Judiciário acaba recorrendo aos pareceres da CTC e dos exames criminológicos para tomar a decisão em relação à vida dos sujeitos privados de liberdade e a progressão dos seus regimes. De acordo com a LEP, o psicólogo atuante no Sistema Prisional é um membro da CTC e é um dos profissionais responsáveis pela produção dos exames criminológicos com finalidade diagnóstica e prognóstica.

Inicialmente, o legislador judiciário entendia que o profissional da Psicologia deveria “elaborar pareceres técnicos, realizar classificações, construir diagnósticos e estabelecer prognósticos” (REISHOFFER; BICALHO, 2017 p. 37). No entanto, com a Lei nº 10.792, o

exame criminológico passou a não ser mais obrigatório na execução penal. Entretanto, parece que o Judiciário não entendeu essa mudança e continua a solicitar que os profissionais da Psicologia façam tal exame, visto, o grande número de solicitações de exames pelas autoridades da execução penal para dar subsídio às decisões dos juízes (REISHOFFER; BICALHO, 2017).

4.3. ASSISTÊNCIA JURÍDICA

Em relação à assistência jurídica no Sistema Prisional, a LEP preconiza que todos os privados de liberdade, independente de possuírem ou não recursos financeiros, terão direito de defesa através de advogados. Portanto, no Art. 16 da LEP é descrito que “as unidades da Federação deverão prestar serviços de assistência jurídica nos estabelecimentos penais” (BRASIL, 2008 p. 23). De fato, há defensores públicos que prestam assistência jurídica nas unidades prisionais, porém é importante levantar algumas questões que acometem a maioria dos privados de liberdade.

Obviamente, estamos aqui analisando algumas situações que acontecem no interior de unidades prisionais brasileiras. É claro que o nosso objetivo não é generalizar, mas sim apontar algumas situações reais e que devem ter uma atenção especial. Mas não podemos deixar de expor que o Judiciário não consegue atender a todos que necessitam do atendimento jurídico gratuito, até porque conforme supracitado, o Brasil hoje sofre com o problema de uma superpopulação carcerária (BRASIL, 2017). Alguns estados brasileiros acabam por apresentar mais presos provisórios do que condenados e isso impacta na morosidade do andamento do processo judicial (ZACKSESKI; MACHADO; AZEVEDO, 2017).

A grande massa dos encarcerados, no entanto, é de baixa renda e, portanto, dependem da Defensoria Pública para acompanhar o seu processo judicial (SANTOS, 2007; SANTANA, 2016). O preso provisório cuja família é presente, ainda consegue ter algum tipo de assistência. Porém os outros que não têm familiares, são abandonados à sorte. Há casos, em que o Judiciário não dá conta de atender e o sujeito privado de liberdade acaba esperando muito tempo para obter algum retorno de seu processo criminal. Enquanto espera, muitas coisas ocorrem em sua vida, como transferências de Unidades Prisionais, problemas comportamentais gerado por estresse, problemas emocionais como baixa autoestima, ansiedade, depressão e outros.

A assistência jurídica aos presos julgados e condenados também tem problemas. Depois que o sujeito cumpre uma parte do tempo de sua condenação, ele passa a ter direito a

benefícios e progressão de regime. Em muitos casos, a Defensoria Pública não consegue atender no prazo a todos e muitos passam a ter o tempo de benefício e/ou progressão de regime vencidos. Os sujeitos que têm a família mais presente e possuem um pouco mais de recursos financeiros, conseguem, mesmo com o prazo vencido ter acesso ao benefício. Para aqueles que a família abandona, a demora para adquirir a progressão de regime ou benefícios é muito maior.

Portanto, devemos analisar que a assistência jurídica é muito importante para o sujeito em privação de liberdade, pois é através dela que o preso pode se defender. No entanto, foi possível verificar que no Brasil, vários problemas no Sistema Prisional estão presentes. O número muito grande de pessoas presas é gritante, conforme informações do INFOPEN (BRASIL, 2017). Isso causa problemas nas estruturas do Sistema Prisional e torna-se um problema para a garantia de direitos, e a assistência jurídica é uma delas.

4.4. ASSISTÊNCIA EDUCACIONAL

Em relação às políticas de assistência educacional nas prisões, de acordo com a LEP deverão ser ofertados os seguintes recursos: instrução escolar e formação profissional a nível de iniciação ou de aperfeiçoamento técnico, Ensino Fundamental obrigatório, convênios com entidades públicas ou particulares e uma biblioteca com livros instrutivos, recreativos e didáticos (BRASIL, 2008).

No entanto, no ano de 2006 foi realizado o Seminário Nacional pela Educação nas Prisões e, em 2009, o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCCP) instituiu a Resolução 03/2009, que dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a Oferta de Educação nos Estabelecimentos Penais, que complementa a LEP (BRASIL, 2009).

Portanto, a educação inserida no sistema prisional deverá facilitar o acesso do encarcerado ao estudo, incentivar a leitura e elaborar estratégias de continuidade aos seus estudos fora do cárcere. Assim como, traçar parcerias em outras esferas do governo a fim de executar políticas públicas de incentivo à educação nas prisões.

Além disso, é possível que o privado de liberdade tenha práticas de monitoramento de ensino no sistema prisional, desde que esteja capacitado e que o trabalho seja remunerado. Por outro lado, é necessário que os responsáveis pelas unidades prisionais ofereçam espaços adequados, transformem em rotina a prática educacional e permitam a entrada dos materiais

fornecidos pelos Ministérios da Educação e da Justiça e das Secretarias Estaduais de Educação (BRASIL, 2009).

Desse modo, podemos afirmar que é muito importante o trabalho da escola dentro do setor prisional. Mas o que de fato acontece é que a busca pelo serviço de educação está associada à atividade de ocupação e que pode servir para demonstrar seu bom comportamento. Porém, a escola possibilita a descoberta de potencialidades que podem ser transformadas e incentivadas em situações além do cárcere (ONOFRE, 2011). Sendo assim, embora a escola seja vista pelo sujeito encarcerado como algo sem importância, deve ser mencionado que o professor pode fazer um trabalho que promova a autoestima, possibilitando o debate de assuntos atuais e fomentando o ato crítico para favorecer a construção da perspectiva de futuro.

4.5. ASSISTÊNCIA SOCIAL

Ainda convém lembrar que dentro do sistema penal há o serviço de assistência social ao ingresso, que desempenha um papel fundamental ao apenado e tudo que envolve a sua situação. É através do assistente social que o interno consegue ter acesso aos serviços ofertados dentro e fora do sistema prisional. Segundo o Art. 22 da LEP, é dever da assistência social “amparar o preso e prepará-lo para o retorno à liberdade”. Assim como ser o elo entre o interno e a direção da unidade prisional, possibilitar a inserção nos serviços de apoio socioassistencial de Políticas Públicas destinadas ao preso, além disso deverá acompanhar a saída e entrada do sujeito que obtiver o benefício de saída temporária do cárcere, providenciar documentos e benefícios previdenciários e orientar os familiares do interno, quando necessário (BRASIL, 2008).

4.6. ASSISTÊNCIA RELIGIOSA

Por último, em relação à assistência religiosa, é estabelecido pela LEP nos parágrafos 1º e 2º do Art. 24, que as unidades prisionais deverão proporcionar espaço adequado para que os internos possam expressar as suas convicções religiosas através de cultos, como também poderão ter acesso a livros religiosos. No entanto, nenhum interno deverá ser obrigado a participar desses cultos se não o desejar (BRASIL, 2008). Diante do exposto, o Conselho

Nacional de Política Criminal e Penitenciária, para complementar a LEP, em 09 de novembro de 2011 criou a Resolução 08, que “estabelece algumas diretrizes de assistência religiosas nas unidades prisionais” (BRASIL, 2011 p. 01).

Diante do exposto, foi possível verificar que a assistência religiosa é um dos serviços ofertados pelo sistema prisional que mais funciona. Nela, os representantes religiosos são cadastrados na Secretaria de Estado ou no Departamento do Sistema Penitenciário, passando a ter acesso às dependências do equipamento prisional para pregar o seu culto, porém não podem obrigar nenhum interno a participar dos atos religiosos (BRASIL, 2011). Sem dúvida, os que mais doam roupas e artigos de higiene para a população carcerária, que não tem recursos para se manter nesse sistema, são os representantes religiosos. Portanto, é de extrema importância para as unidades prisionais e aos internos, a assistência religiosa, pois não importa qual seja a religião, parece que o respeito às regras é maior.

Em suma, é fato que o trabalho nas unidades prisionais é muito desafiador para a prática de todos os profissionais que atuam no sistema. Um sistema que preconiza o trabalho dos profissionais, principalmente aos atuantes no quadro técnico de saúde (COSTA; BARBOSA; CELINO; OLIVEIRA, 2014), conseqüentemente vai refletir diretamente na população carcerária.

Nesse item foram apresentadas as políticas públicas que atuam no sistema prisional e identificado que a lei é específica e bem escrita, porém a prática muitas vezes não reflete isso. É imprescindível prestar mais atenção a esses indivíduos privados de liberdade, que de certo modo foram banidos da sociedade. E mais, são necessários meios mais eficazes que garantam a possibilidade do indivíduo se estruturar positivamente na sociedade através da oferta de trabalho.

4.7. PATRONATO

Antes de explicar o que é o Patronato, devemos considerar e descrever todo o processo e percurso que o indivíduo passa quando se encontra no Sistema Prisional. Desse modo, devemos considerar que o primeiro momento ocorre quando o sujeito é conduzido à delegacia. Isso pode acontecer por diversos motivos, tais como o flagrante do cometimento de um crime ou por denúncias.

Nesse momento, o indivíduo presta esclarecimentos ao delegado de polícia, que vai iniciar a investigação e abertura do processo. Dependendo do ocorrido, o sujeito pode ser liberado da delegacia ou pode ter que aguardar o julgamento recluso em regime fechado.

Quando ocorre de a pessoa ter que aguardar o julgamento em regime fechado, ela, então, é transferida para uma Cadeia Pública. Podemos considerar, nesse caso, como o segundo momento da nossa linha de raciocínio. Nesse local, o indivíduo pode passar dias, meses e anos. Tudo vai depender do andamento do seu processo e como ele é assistido juridicamente. Após a audiência final, o sujeito pode ser absolvido ou pode ser condenado e, neste caso, ter que cumprir algumas penas, dentre elas, a privação de liberdade, restrição de direitos e o pagamento de multas (BRASIL, 2017).

Segundo o Código Penal (2017), as penas privativas de liberdade devem ser cumpridas através dos regimes: fechado, semiaberto ou aberto. As penas restritivas de direitos poder ser a prestação pecuniária, perda de bens e valores prestação de serviço à comunidade ou a entidades públicas, interdição temporária de direitos, ou limitação de fim de semana. A pena de multa é a determinação de uma quantia que deverá ser paga ao fundo penitenciário (BRASIL, 2017). Tanto nas penas restritivas de direito quanto na pena de multa, o sujeito poderá cumpri-las em domicílio.

Quando o indivíduo é condenado às penas privativas de liberdade, com o passar do tempo e dependendo do seu comportamento durante esse processo, ele pode progredir de regime, adquirindo benefícios, tais como: visitas periódicas ao lar, trabalho extramuros, visitas íntimas etc. Ao progredir de regime, o sujeito pode chegar às penas restritivas de direitos, algumas delas são fiscalizadas pelos Patronatos.

No Estado do Rio de Janeiro existe o Patronato Magarino Torres, que “é um órgão do Poder Executivo do Estado que pertence à Subsecretaria Adjunta de Tratamento Penitenciário” (SEAP, 2013). Através do Patronato é prestada assistência ao egresso. Cabe a ele:

“orientar os condenados à pena restritiva de direitos – Prisão Albergue Domiciliar (PAD); fiscalizar o cumprimento das penas de prestação de serviço à comunidade e de limitação de final de semana; e de colaborar na fiscalização do cumprimento do Livramento Condicional (LC)” (BRASIL, 2008 p. 46).

A Sede do Patronato Magarino Torres é localizada no município do Rio de Janeiro, porém existem mais dois anexos: um no município de Campos dos Goytacazes, para atender toda a região Norte Fluminense e outro no município de Volta Redonda para atender toda a região Sul Fluminense. A partir desse ponto destacaremos a realidade do Patronato anexo Volta Redonda, pois é a Unidade em que a pesquisa foi realizada.

No município de Volta Redonda, o Patronato foi inaugurado em 04 de abril de 2013 e como fruto de uma parceria realizada entre o Governo Estadual do Rio de Janeiro e a Prefeitura Municipal de Volta Redonda (SEAP, 2013). Nessa Unidade, a assistência ao egresso até o final do ano de 2018 era dada apenas aos indivíduos que estavam cumprindo o Prisão Albergue Domiciliar (PAD) e Livramento Condicional (LC). Atualmente conta-se também com a fiscalização do cumprimento das penas de prestação de serviço à comunidade.

A Prisão Albergue Domiciliar (PAD), segundo Cunha Junior (1998), faz parte do regime aberto, mas é cumprida no domicílio quando, no município de residência do condenado, não houver uma Casa do Albergado. Quando o indivíduo recebe o benefício do PAD, ele deve informar ao Juiz o seu endereço e será em seu domicílio que deverá permanecer todas as noites, a partir das 20 horas até as 6 horas do dia seguinte, e nos finais de semanas e feriados. Para fiscalizar o cumprimento, o sujeito carregará em seu tornozelo um dispositivo rastreado por GPS, mais conhecido como tornozeleira eletrônica, ou simplesmente tornozeleira. Ele também deverá comparecer no Patronato a cada dois meses ou no prazo determinado pelo Juiz (SEAP, 2012).

O Livramento Condicional (LC), segundo o Art. 131 da Lei de Execução Penal (2008), é um benefício concedido pelo Juiz da execução. Neste caso, o sujeito deverá estar em seu domicílio a partir das 23 horas até as 6 horas do dia seguinte e não há limitação aos finais de semana e feriados, nem monitoramento por tornozeleira. No entanto, é limitado a permanecer no Estado em que ainda cumpre a sua pena. O indivíduo deverá comparecer ao Patronato a cada três meses ou no prazo determinado pelo Juiz (SEAP, 2012).

O trabalho do Psicólogo no Patronato é de suma importância para dar o suporte emocional ao egresso durante o seu processo de cumprimento da pena (PAD ou LC). Nesse caso, o profissional de psicologia realiza entrevistas psicológicas em busca do conhecimento sobre a vida profissional, saúde, escolaridade, relações tanto na família como no meio social, perspectiva de futuro, reflexões em relação ao crime cometido e possíveis sofrimentos.

Não se caracteriza como Psicoterapia, pois é um atendimento mais pontual. No entanto, se houver necessidade, o profissional irá encaminhar o egresso para acompanhamento psicológico em outra Instituição. Desse modo, o trabalho do Psicólogo é fundamental na equipe do Patronato, pois pode contribuir na vida do indivíduo e ajudar sua efetivação da cidadania e na reinserção social.

5. EXCLUSÃO SOCIAL E RESSOCIALIZAÇÃO

Nesse item, são apresentados primeiramente os aspectos gerais da Psicologia Social, o que ela estuda e qual é a relação entre o homem e a sociedade. Essa abordagem permite explicar os processos da identidade social e os processos identitários.

Posteriormente, são abordados os conceitos sobre a exclusão social, na perspectiva sócio histórica com o foco no preconceito e nos estigmas. Para finalizar, será exposto o conceito de ressocialização, o processo do retorno à sociedade depois de passar um tempo privado de liberdade e as dificuldades do egresso em se recolocar no mercado de trabalho.

O homem nasce e cresce inserido em uma determinada cultura e os seus valores morais vão se construindo de acordo com o seu desenvolvimento (LANE, 2009). Nesse processo forma-se a identidade do sujeito através de sua representação e isso determina as suas ações (JOVCHELIVICH, 2004).

Então, o contexto social somado aos valores morais determina a maneira com que o sujeito irá olhar o mundo e, conseqüentemente, os seus sentimentos e suas atitudes comportamentais perante as situações cotidianas (LANE, 2009). Dessa maneira, a Psicologia Social estuda o comportamento do homem em seu contexto social através da relação entre sujeito e sociedade (JOVCHELIVICH, 2004 e LANE, 2009).

Cada sociedade possui leis e normas de condutas próprias que vão ditar o modo como o indivíduo deverá se comportar nas diferentes situações. Porém, as normas podem ser confrontadas quando o sujeito tenta agir à sua maneira sem respeitar as regras de outro grupo. Portanto, as relações sociais são determinadas pelas normas sociais e pelos papéis que cada um desempenha na sociedade (LANE, 2009). Em outras palavras, nas relações sociais, cada indivíduo ocupa um papel social próprio e que vai determinar o seu modo de se relacionar com o outro (ZANELLA; PRADO; ABELLA, 2003).

O processo de interação se dá a partir das relações grupais. No entanto, é através dessas relações que os sujeitos buscam semelhanças e diferenças entre si, que são capazes de desenvolver a individualidade e a identidade social (LANE, 2009). Dessa forma, pode-se analisar que, na interação social, o indivíduo busca no outro modelos e padrões que se assemelham ou que diferem do seu modo de pensar e agir, tornando possível o seu distanciamento e a construção da sua individualidade.

A identidade social nos define como sujeito através dos diversos papéis desempenhados na sociedade. Porém, tomar consciência de si, pode alterar a identidade social

quando se questiona os papéis dentro dos grupos de pertença e na medida em que todos se identificam e passam a ter relações de domínio sobre o outro fazendo do grupo “agente de mudanças sociais” (LANE, 2009 p. 24). Moliner (2011) narra que a identidade social faz com que o sujeito se perceba semelhante e diferente em seu grupo de pertença, e a partir disso, forma-se a identidade pessoal que reconhece que um indivíduo tem sua “diferença em relação aos outros” (MOLINER, 2011 p. 28).

A construção da identidade, de acordo com Santinello (2011), parte do princípio da necessidade de sobrevivência do indivíduo e é constituída por significados e experiências vividas pelo sujeito. A identidade mostra, de uma maneira única, como cada indivíduo vai fazer parte de determinado grupo. Ou seja, segundo a autora, a identidade do sujeito se constrói a partir das experiências de vida e dos significados que ela carrega, de acordo com as interpretações que faz em cada situação, isso demonstra então, a individualidade e as particularidades de cada um (SANTINELLO, 2011).

O que nos diferencia do outro é justamente a identidade que cada um carrega em sua história de vida. É através dos processos identitários que o conhecimento de um indivíduo sobre si mesmo é elaborado, com isso, ele pode se diferenciar dos outros levando em consideração os seus aspectos pessoais.

Cada um de nós carrega crenças e valores morais que influenciam o nosso modo de pensar sobre determinadas situações. São justamente essas crenças que nos permitem julgar o outro como estando certo ou errado baseado em nossos princípios morais. Isso ocorre porque as representações de si mesmo são tratadas através das informações que ele recebe do próprio meio social (MOLINER, 2011).

5.1. EXCLUSÃO SOCIAL

A exclusão social é um assunto que sempre esteve presente no mundo. Está diretamente ligada às questões de discriminação, preconceito, desigualdade social e estigmas e que interferem nas relações sociais (MELO; PAESE, 2013). Ela acomete o sujeito por diversas formas, seja, fisicamente, pejorativamente ou psicologicamente.

O resultado disso são pessoas à margem da sociedade que, em busca de um pertencimento, acabam formando grupos de pertença para se sentirem mais confortáveis com o agravamento das contradições do sistema capitalista. No entanto, se pararmos para analisar, a exclusão social já acontece desde os tempos antigos. Dessa maneira, nesse item, será

apresentada uma breve contextualização histórica sobre o tema discutido, para assim, analisar criticamente a situação da exclusão social atualmente.

Nos povos mais antigos, quem não se adequava às regras de seu grupo, automaticamente era banido. Para a época, ser banido, não era algo muito bom de se acontecer, pois a exposição a outros grupos deixava o sujeito muito vulnerável em relação a sua sobrevivência (BITENCOURT, 2010).

Até o final da idade média, todos acometidos pela lepra, os bêbados e os que vagavam pela cidade, ocupavam o lugar do mal e eram responsáveis pela desordem do momento. A solução encontrada pelo governo da época foi recolhê-los e confiná-los em uma embarcação que era posta no mar sem destino (FOUCAULT, 1997).

Essas duas situações supracitadas nos mostram como a exclusão social já acontecia a um certo tempo e como ainda é o motivo de vários problemas sociais da atualidade. Foucault (1997) expressa bem esses fatos, quando descreve que com a ascensão da burguesia, no século XVII, os pobres sem recurso eram marginalizados e representavam um mal para a sociedade. Para a época, a burguesia relacionava o fato de viver de esmola como sinônimo de preguiça (FOUCAULT, 1997).

Cabe lembrar que, no meio da era clássica, as pessoas já estavam iniciando o processo de migração para os centros urbanos (BITENCOURT, 2010), no entanto, com a superlotação das cidades e com o crescimento da pobreza, aumentou a incidência dos danos a bens patrimoniais (FOUCAULT, 1999). Nem é preciso ressaltar que essa situação começou a incomodar a classe que detinha o poder e que, para sanar o problema, o poder público deveria criar medidas para acabar com a situação.

No Brasil, a nossa história nos mostra que a exclusão social sempre esteve atrelada à questão do preconceito em torno da cor, miséria, orientação sexual e gênero. Desse modo, define-se preconceito como o efeito de pré-julgar algo sem possuir o conhecimento adequado sobre aquilo. É, no entanto, construir definições sobre o outro, a partir dos padrões morais e éticos de cada um e julgá-los, sem ao menos buscar o que há por trás daquele sujeito (BANDEIRA; BATISTA, 2002).

No entanto, analisando o conceito supracitado, é possível notar que dependendo da forma com que se expõe uma ideia sobre alguém, pode-se lesionar a outra parte no aspecto emocional e moral. Dessa forma, depois que o sujeito é acometido pelo preconceito do outro, ele pode carregar crenças a respeito de si mesmo, que podem influenciar seus comportamentos e seu modo de pensar, gerando sofrimento e isolamento.

Nesse caso, o preconceito aparece de uma maneira arbitrária no modo de pensar e agir, pois torna o preconceituoso mais poderoso e transforma o afetado em derrotado. Isso promove o distanciamento entre os sujeitos diante das diferenças (BANDEIRA; BATISTA, 2002).

Pensando dessa forma, podemos afirmar que o preconceito pode trazer estigmas à vida do sujeito. Isso pode provocar culpa, promover o descrédito sobre si mesmo e acabar reproduzindo e contaminando seu próprio grupo de pertença. O estigma desperta no indivíduo “medo, vergonha e humilhação” e pode prejudicar suas interações sociais, pois carrega na alma a dor da exclusão por não estar dentro dos padrões determinados pela sociedade (BANDEIRA; BATISTA, 2002 p. 130).

No entanto, os estigmas são padrões criados pela sociedade, onde o indivíduo deve se adequar a seu grupo de pertença e passa a não ser bem visto quando age de forma contrária a este grupo (MELO, 2000). Trazendo este conceito para a realidade da população carcerária, é notório que os internos estão estigmatizados em relação à sociedade, que os rotula e que indiretamente os coloca no papel de marginalizados.

Assim, a busca pela adequação dos padrões sociais torna-se difícil ao privado de liberdade, pois mesmo que queiram, agora já pertencem a outro grupo. Nesse caso, o preconceito estigmatiza o sujeito encarcerado e o impede de se adequar aos valores éticos e morais sociais.

O preconceito e a exclusão social no Brasil são muito antigos e sempre estiveram presentes, desde a colonização. Os primeiros a sofrerem com a exclusão social foram os índios e os africanos através da escravidão (PINSKY, 2012). Esses últimos, inclusive já chegaram ao país sem identidade, sem poder de decisão e sem direitos.

Durante anos, os afrodescendentes viveram como escravos e privados de sua liberdade. Em 1888, com a Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel, o regime de escravidão acaba e todos ficam abandonados à sorte migrando, majoritariamente para os grandes centros urbanos. Sem moradia e sem a possibilidade de emprego, muitos formaram cortiços e ocuparam os morros das cidades. Sem políticas públicas de habitação e de emprego para ofertar a esses indivíduos, alguns não aguentaram e morreram e outros passaram a roubar para sobreviver (SILVA; NOBRE, 2017).

Desde a colonização dos Portugueses no Brasil, nenhum governo adotou medidas e estrutura política de inclusão dos mais pobres aos serviços básicos (SILVA; NOBRE, 2017). Até o final do século XX, as favelas não tinham saneamento básico, programas de atenção à saúde, educação e assistência social. Os moradores de favela eram mal vistos pela classe dominante.

Os mais pobres, segundo Pinsky (2012), eram marginalizados e vistos como desocupados. No período de 1933 a 1942, era comum que os mais pobres fossem presos acusados de mendicância e vadiagem por não terem trabalho (PINSKY, 2012).

5.2. RESSOCIALIZAÇÃO

O processo de socialização é um conjunto de regras e valores, estabelecidos pela coletividade, que deve ser cumprido por todos para o bem-estar social (DALL'AGNO, 2010). Ou seja, dentro de um espaço de convivência social existem regras/leis carregados de valores morais e éticos e que são ensinados de pai para filhos no processo de formação da personalidade do indivíduo. Portanto, quando na conduta do sujeito a regra/lei é burlada, é muito provável que este receba sanções que podem ser penais.

Mas é nesse sentido que a lei penal e a 'ressocialização' têm por finalidade buscar a 'recuperação' do indivíduo de uma forma que possa retornar ao convívio social sem voltar a delinquir (SILVA, 2008; DALL'AGNO, 2010). No entanto, Silva (2008) descreve que o sujeito será ressocializado através da humanização do tratamento com o preso, com orientações e reflexões. Já Dall'Agno (2010) afirma que é necessário a restrição de direitos por meio do cárcere com suas normas institucionais para que o sujeito possa se 'recuperar'.

Para Santana (2016), o surgimento da ressocialização veio com a ideia de que, através do encarceramento, o sujeito corrigido pode refletir sobre o seu comportamento e, assim, tornar-se apto para conviver socialmente. Entretanto, a visão de Trindade (2003) sobre o assunto é de que foi a própria sociedade quem buscou a ressocialização com as penas privativas de liberdade.

Se olharmos para história, até a Idade Média, o cárcere nunca foi um local que pudesse preparar o sujeito para o seu retorno ao convívio social. Muito pelo contrário, uma vez preso, sua sentença sempre acabava em morte. Portanto, essa ideia de ressocializar partiu da classe burguesa entre os séculos XVIII e XIX, com a ideia de que o trabalho poderia ser algo transformador na vida desses sujeitos e que poderia contribuir para devolvê-los à sociedade.

No entanto, o cárcere nunca foi um local que pudesse preparar o sujeito para a sua liberdade, pois o seu modelo ainda é voltado para o castigo (SILVA, 2008). Dentro dele há muita violência e regras a serem seguidas que podem gerar revolta nos privados de liberdade. O próprio contato entre os indivíduos presos pode virar uma escola para o crime (DALL'AGNO, 2010).

Atualmente, sabe-se que as prisões brasileiras estão com uma superpopulação carcerária, conforme dados do INFOPEN (BRASIL, 2017). Nesse sentido, o contato e a

convivência entre os indivíduos, que cometeram pequenos crimes, com os grandes criminosos são inevitáveis e, com o tempo, estes passam a internalizar a “realidade de infrações penais” (MEDEIROS, 2017 p. 51).

O sujeito privado de liberdade não consegue se olhar e autoanalisar sobre sua própria situação. Ou seja, não consegue perceber que está preso porque o seu comportamento foi inadequado, ou fugiu das regras sociais a que está inserido e, por isso, deve ser corrigido para poder voltar ao convívio social. Também não consegue perceber que o sistema prisional é ruim, mas que representa um castigo para aquilo que fez de errado (TRINDADE, 2003). É nesse sentido que o trabalho da equipe de saúde e, principalmente, da Psicologia é importante dentro do cárcere, para que o sujeito possa entrar em contato consigo mesmo e autoquestionar os seus atos.

A prática do psicólogo do sistema prisional é muito ampla, mas através de atendimentos em grupo ou individual com os privados de liberdade, o profissional pode pontuar algumas questões, mostrar ao sujeito o seu verdadeiro papel social e incentivar a busca de seus interesses pessoais.

Através desse olhar, podem surgir possibilidades de mudança de vida, visto que muitos já eram excluídos da sociedade mesmo antes de serem presos. É importante também fazer um paralelo com seus familiares para os internos, quando estiverem em liberdade, possam sentir que fazem parte do núcleo familiar (NASCIMENTO; NOVO, 2017).

No sistema prisional o sujeito perde a sua capacidade de decisão, fica com seus direitos violados, além de perder a sua autonomia, individualidade e privacidade (DALL’AGNO, 2010 e SANTANA, 2016). Ou seja, ao ingressar no sistema prisional, o sujeito precisa despir-se de tudo o que tinha, inclusive de sua personalidade (TRINDADE, 2003).

Ele é exposto a sanções severas, passa a viver em coletividade e não pode ter contato com seus familiares (SANTANA, 2016). É obrigado a usar uniforme e tem que conviver com pessoas desconhecidas, com pensamentos e cultura muito diferente da sua e ainda manter a calma e o controle sobre seus impulsos.

Quando alguma regra de convivência é quebrada, o sujeito é castigado duas vezes: uma pelos próprios presos e outra pela direção, pela aplicação da falta disciplinar. É por esse motivo que Trindade (2003) enxerga o cárcere de um ponto de vista negativo para a ressocialização, pois se o objetivo dele é regenerar, o que acaba acontecendo é o contrário, muitos saem de lá mais revoltados. Santana (2016, p. 58) aponta para os “problemas das instalações arquitetônicas, das relações de poder e da ociosidade como ações ineficazes para a reabilitação social e que podem contribuir para a reincidência criminal”.

Medeiros (2017 p. 51) aponta para as questões da “superlotação, dos maus tratos e da falta de infraestrutura nas prisões como um fator impeditivo para uma vida digna”. Além disso, a autora salienta que as desigualdades sociais no Brasil são gritantes e a falta de investimento na educação acaba provocando o aumento da criminalidade. Então, jogar esses indivíduos em cárcere em condições desumanas acaba contribuindo para que a função social das penas seja um grande mito (MEDEIROS, 2017).

No entanto, o que está faltando é a educação da sociedade para ter um olhar diferenciado para as pessoas com histórico de encarceramento. O que acontece, de modo geral, é que as instituições penais são enxergadas como um local de recolhimento de sujeitos em conflito com a lei (SANTANA, 2016) e a visão sobre os privados de liberdade é tão negativa que até dificulta o seu retorno ao convívio social (MEDEIROS, 2017).

Uma vez em liberdade, o sujeito pensa em inserir-se no mercado de trabalho e muitos tentam de fato isso, mas a dificuldade em ser aceito é muito grande. O estigma da condenação é muito forte para o egresso, pois raramente ele consegue emprego formal (DALL’AGNO, 2010; MEDEIROS, 2017).

No imaginário da sociedade, o delinquente precisa ser preso e castigado para que, com o seu sofrimento, pague a sua dívida com a sociedade. No cárcere, o sujeito se vê enjaulado e em uma rotina de muita ociosidade. Sem o direito de exercitar a sua cidadania, ele às vezes se doa na realização de trabalhos institucionais, que ao menos podem oportunizar a sua profissionalização. Todavia, as questões futuras da vida em liberdade não são trabalhadas de modo satisfatório. Por isso, pensar em outras formas de lidar com o privado de liberdade é imprescindível, pois não se pode prevenir algo que já aconteceu e o castigo não educa ninguém, só traz revolta (SANTANA, 2016).

Além disso, não podemos deixar de pensar que o retorno desses sujeitos ao convívio social traz a eles algumas dificuldades pelo fato de carregar a marca de ser um ex-presidiário. Sem Políticas Públicas e sem apoio da sociedade, o egresso acaba trazendo como referência própria “a antiga instituição que o excluiu da sociedade” (LAUERMANN; GUAZINA, 2013 p. 189).

Quando o sujeito está na fase final de concluir a sua sentença, em alguns casos, por determinação judicial ele pode terminar de cumprir a sua pena em regime de Programa Albergue Domiciliar (PAD) ou Livramento Condicional (LC). Ou seja, o sujeito pode conviver em sociedade, mas tem algumas restrições.

O Equipamento de Segurança Pública responsável pelo atendimento desses indivíduos são os Patronatos. Segundo a LEP, em seu Art. 78, o Patronato é o local que presta assistência

aos egressos do Sistema Prisional e a ele cabe “orientar os condenados, fiscalizar o cumprimento das penas e colaborar na fiscalização do cumprimento das condições da suspensão ou do livramento condicional” (BRASIL, 2008 p. 46).

Nesse contexto, o egresso em cumprimento do PAD e do LC deve comparecer no Patronato de acordo com o tempo determinado pelo Juiz (atualmente os que cumprem o PAD vão a cada dois meses e os que cumprem o LC vão a cada três meses) até que encerre o seu processo. Nesse equipamento, a cada vez que o sujeito comparece, ele deve prestar esclarecimentos aos Inspetores responsáveis pelo local e posteriormente, é encaminhado para atendimento com a equipe técnica formada por Assistente Social, Psicólogo, Pedagogo e Terapeuta Ocupacional. No atendimento técnico são muito comuns as queixas de dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal.

Alguns egressos relatam o desejo de não voltar a delinquir, porém só conseguem subempregos. A pesquisa realizada por Lauermann e Guazina (2013) confirma esta questão. Os autores entrevistaram alguns sujeitos que estavam em cumprimento do LC. Em resposta às suas perguntas, a maioria dos indivíduos verbalizaram que estão desempregados e em busca de trabalho formal, porém alegaram que em nenhum local encontram “portas abertas” para eles (LAUERMANN; GUAZINA, 2013 p. 190).

A sociedade vê o trabalho de uma forma digna para manter a sua subsistência e de sua família. Atualmente, o medo que temos de perder o emprego é muito grande, pois é ele que nos fortalece economicamente. No entanto, pode-se analisar que se já é difícil nos mantermos empregados nesse mercado altamente competitivo, que exige um grau de escolaridade alta, pode-se imaginar as dificuldades para o egresso, cuja escolaridade é, muitas vezes baixa, e quase sempre não tem experiência profissional (SANTANA, 2016).

A baixa escolaridade e a falta de perspectiva de vida futuro está muito presente entre os egressos do ambiente carcerário (PIRES; GATTI, 2006). Isso dificulta o processo de inserção no mercado de trabalho formal. Contudo, o empenho da sociedade para receber esses indivíduos com novas possibilidades de vida, por meio da oferta de emprego formal e de capacitação para o mercado de trabalho, possivelmente, poderá contribuir para que o sujeito não volte a delinquir ou, pelo menos, poderá favorecer a diminuição da reincidência criminal.

6. MÉTODO

6.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA

A presente dissertação foi uma pesquisa de campo exploratória e de natureza qualitativa. Entende-se por pesquisa exploratória as etapas em que o pesquisador “escolhe o tópico de investigação, delimita o problema, define quais serão os objetos e os objetivos, constrói o marco teórico conceitual e escolhe os instrumentos de coleta de dados e o campo a ser pesquisado” (MINAYO; DESLANDES; NETO; GOMES, 2002 p. 32).

Para explicar o conceito de pesquisa qualitativa, buscamos a contribuição de Godoy (1995 p. 21), que afirma que “é o estudo dos fenômenos que envolvem os seres humanos e as suas relações sociais” nos diferentes ambientes. Ou seja, é a investigação de como o homem se comporta em diferentes situações no seu meio social. Para que seja possível investigar tais fenômenos, é necessário ir a campo com o propósito de capturar “o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY, 1995 p. 21).

6.2. LOCAL E PARTICIPANTES

O local da realização da pesquisa foi o Patronato Magarino Torres Anexo Volta Redonda. Nessa unidade, o sujeito não está mais encarcerado e está cumprindo o término de sua pena em domicílio. No entanto, ainda são monitorados pela segurança pública e possuem algumas restrições de direitos, tais como: os horários que podem permanecer na rua, proibição de sair do Estado em que estão cumprindo a pena, não poder exercer o direito de voto eleitoral, etc.

Atualmente, estão em cumprimento do Livramento Condicional (LC) e do Programa Albergue Domiciliar (PAD) cerca de 501 egressos, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, oriundos de 28 municípios do Sul do estado do Rio de Janeiro.

Participaram desta pesquisa, os egressos do sexo masculino, com idade acima de 18 anos e que estavam em cumprimento do LC (81 egressos) e do PAD (27 egressos). Nesta pesquisa, os egressos do sexo masculino foram selecionados por comporem o maior público em atendimento no Patronato supracitado, sendo, portanto, o grupo mais viável. Assim, 108 egressos compõem a amostra de sujeitos entrevistados nesta pesquisa.

Dos 108 sujeitos entrevistados, 70 informaram que passaram pelo sistema prisional apenas uma vez e 38 mencionaram que já foram presos outras vezes. A maioria (62) estão fora do cárcere a menos de um ano e 76 egressos permaneceram presos entre 1 a 5 anos. Apenas dois egressos chegaram a iniciar o ensino superior e somente 21 possuem emprego na formalidade contrapondo 57 que trabalham na informalidade e 28 que se definiram desempregados.

6.3. INSTRUMENTOS

O instrumento de coleta de dados foi o questionário misto formulado pela autora desta dissertação e juntamente com sua orientadora. O questionário pode ser consultado no apêndice 10.5, no final do trabalho. A aplicação do questionário foi de extrema importância para alcançar os objetivos desta pesquisa. No entanto, devemos informar que a instituição na qual esta pesquisa foi realizada não permitiu a utilização de gravadores. Sendo assim, as respostas ao questionário foram coletadas integralmente pela entrevistadora.

6.4. PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS

O questionário foi aplicado no Patronato Magarino Torres Anexo Volta Redonda, individualmente para os egressos em cumprimento do LC e do PAD. Em média, cada participante levou de 20 a 30 minutos para responder ao questionário, entretanto, alguns demoraram um pouco mais. Isso revelou o interesse pessoal de cada sujeito, pois alguns foram objetivos em suas respostas, enquanto outros foram mais prolixos e chegaram a desabafar as suas angústias.

Para a preservação do sigilo, tomamos o cuidado de aplicar o questionário na sala em que os técnicos de nível superior realizam os seus atendimentos, para garantir que fosse um ambiente reservado e acolhedor. Os nomes dos participantes não serão divulgados em nenhuma hipótese, durante o desenvolvimento ou publicação desta pesquisa.

Não podemos deixar de mencionar que foram respeitados os princípios éticos de pesquisa com seres humanos, apesar deste estudo ser considerado de risco mínimo, sem previsão de gerar mal-estar físico, psicológico, ideológico, político, religioso ou quaisquer outros previstos em decorrência da participação. Dessa maneira, os participantes receberam a

orientação que poderiam retirar os seus consentimentos a qualquer momento, caso se sentissem desconfortáveis para responder, sem que isso acarretasse prejuízos pessoais.

Cada egresso participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a sua participação na pesquisa indicando que responderam ao questionário de forma voluntária e espontânea. Não houve compensação financeira sob nenhuma forma. Contudo, não podemos deixar de informar que foi solicitado ao Centro de Pesquisa da SEAP autorização para a realização desta pesquisa e que, com sucesso, obtivemos a autorização em formulário próprio da instituição.

Portanto, cabe frisar que o questionário da pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética, tendo sido aprovado. O parecer foi favorável, de acordo com a Resolução 466/12, que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos e está no anexo 1 desta dissertação sob o número de protocolo 1330/19.

6.5. ANÁLISE DE DADOS

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, os dados coletados na aplicação do questionário foram categorizados de acordo com a Análise de conteúdo de Bardin (2016), em frequência simples e em percentuais. A decisão por essa análise, deve-se ao fato de considerarmos ser esta a melhor alternativa para o estudo das percepções através de dados qualitativos.

Segundo a autora, a Análise de conteúdo é a reunião de técnicas de “análises das comunicações” estejam elas em forma de texto, áudio ou vídeo. Nesse processo, a sistematização e os objetivos da pesquisa foram importantes para os procedimentos na descrição do conteúdo (BARDIN, 2016 p. 19).

Desde muitos séculos, a humanidade já buscava por interpretações sobre os acontecimentos e tentavam identificar as mensagens que havia por trás dos mesmos. A Bíblia, os hinos e discursos religiosos, os sonhos e outros são exemplo do que se tentavam interpretar neste período histórico. No entanto, o estudo da análise de conteúdo começa a ser utilizada no início do século XX e cada vez mais vai se aprimorando (BARDIN, 2016).

No período de 1900 a 1940, nos Estados Unidos, a Análise de conteúdo basicamente era utilizada pela imprensa jornalística e H. Lasswell foi o primeiro a utilizar esse recurso na Escola de Jornalismo da Colúmbia.

Entre os anos 1940 e 1950, a Análise de Conteúdo teve destaque, pois entre 1939 a 1945 o mundo sofria com a 2ª Guerra Mundial, passando esta técnica a ser utilizada pela investigação política através dos jornais e periódicos que eram considerados suspeitos. Entretanto, no período pós-guerra, esta análise é marcada pelo desinteresse de alguns investigadores que a abandonam (BARDIN, 2016).

Entre os anos 1950 e 1960, a análise de conteúdo expande a sua técnica aos diversos campos de pesquisa. O seu alcance descritivo não é mais exclusivo e o seu objeto passa a ser a inferência baseada nos indicadores de frequência a partir dos resultados das análises. Entre os anos 1960 e 1970, a análise de conteúdo é afetada por três fenômenos: “computadores, interesse pelos estudos da comunicação não verbal, e inviabilidade de precisão dos trabalhos linguísticos”. Após os anos 1970, com os avanços tecnológicos dos computadores, a análise de conteúdo em matéria de metodologia inova e suas aplicações são multiplicadas (BARDIN, 2016).

De acordo com Bardin (2016), na Análise de Conteúdo o processo de análise dos dados consiste em três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. Na primeira etapa desenvolveu-se a organização do material, sendo, portanto, realizada a “escolha dos documentos a serem analisados, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final” (BARDIN, 2016 p. 125).

Conforme mencionado no princípio desta dissertação, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar a perspectiva de egressos do sistema prisional em relação à vida em sociedade após o cumprimento da pena. E os objetivos específicos foram investigar as perspectivas de futuro dos egressos, verificar os sentimentos, dificuldades e as pretensões da vida após a saída do cárcere, pesquisar a percepção dos egressos sobre o fato de outro tomar conhecimento de que é um ex-presidiário e averiguar os sentimentos dos egressos sobre o monitoramento da justiça no pós-cárcere.

Baseado nesses objetivos, um questionário misto com 19 itens foi aplicado, e a partir das respostas dadas pelos egressos foi realizada a leitura flutuante, possibilitando a seleção de categorias que surgiram em cada questão e a consequente formação de temas (BARDIN, 2016).

A segunda etapa foi denominada exploração do material. Esse foi o momento em que definimos e codificamos as categorias e identificadas as unidades de registro. Portanto, nessa etapa, cada tema codificado foi categorizado e transformado em unidade (BARDIN, 2016).

Desse modo, cada item do questionário tornou-se um tema: idade, definição da cor, tempo de reclusão, tempo pós reclusão, quantidade de vezes em que se esteve recluso, tipo de determinação em cumprimento, escolaridade, motivos de abandono escolar, artigo de

cumprimento da pena, visão sobre a prisão, sentimentos pós-prisão, situação atual no mercado de trabalho, dificuldades encontradas pós prisão, perspectiva sobre a vida presente, percepção sobre o outro em relação a saber que é um ex-presidiário, perspectiva de vida futura e sentimentos em relação a estar monitorado pela justiça.

Por fim, temos a terceira etapa, que foi constituída pelas interpretações dos resultados brutos e transformados em percentagens. Essa é a etapa mais subjetiva do processo, pois vai além do conteúdo manifesto das respostas. Conforme Bardin (2016) preconiza, é nesta fase que as interpretações deverão ir além do conteúdo manifesto das respostas. Nesse sentido, é interessante capturar o conteúdo latente que se encontra por trás das palavras.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No questionário aplicado aos egressos atendidos pelo Patronato Magarino Torres anexo Volta Redonda, as perguntas juntamente com as frequências e os percentuais das respostas de cada categoria estão em ordem numérica, conforme os temas explorados. Neste sentido, devemos informar que as categorias formadas em cada tabela, foram criadas *posteriores* as respostas de cada egresso entrevistado.

A Tabela 1 apresenta as respostas dos participantes referentes à idade mais frequente dos atendidos pelo Patronato Magarino Torres anexo Volta Redonda.

Tabela 1: Qual é a sua idade?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
18 a 20	2	1,86
21 a 30	46	42,59
31 a 40	37	34,25
41 a 50	16	14,81
51 a 59	4	3,70
+ 60	3	2,79
Total	108	100,

Diante disso, foi possível identificar que 1,86% (f=2) dos sujeitos relataram ter idade entre 18 a 20 anos, 42,59% (f=46) dos sujeitos informaram estar com idade entre 21 a 30 anos, 34,25% (f=37) dos sujeitos verbalizaram possuir idade entre 31 a 40 anos, 14,81% (f=16) dos sujeitos anunciaram ter entre 41 a 50 anos, 3,70% (f=4) dos sujeitos alegaram ter idade entre 51 a 59 anos e 2,79% (f=3) dos sujeitos mencionaram possuir idade acima de 60 anos.

Contudo, analisando a questão, notamos um pequeno número de sujeitos entrevistados entre as idades de 18 a 20 anos (1,86%), isso pode ser justificado pelo fato de que o Patronato Magarino Torres, dependendo da situação e do que for determinado judicialmente, pode ser um dos últimos estágios do Sistema Prisional. Então, o público entre 18 a 20 anos, provavelmente, ainda deve estar em situação de privação de liberdade. Os dois sujeitos que fazem parte deste grupo têm idade de 20 anos.

O grupo maior de sujeitos entrevistados foi o de idade entre 21 a 30 anos (42,59%) e o segundo maior foi o de idades entre 31 a 40 anos (34,25%). Pires e Gatti (2006) observam que esta faixa etária deveria ser economicamente ativa. É importante apontar para esta questão, pois geralmente os sujeitos que estão nesta faixa etária estão em fase produtiva tanto em relação à vida profissional como na vida afetiva.

Logo após, vem o grupo de idades entre 41 a 50 (14,81%) e começa a diminuir a frequência de sujeitos acima de 51 anos.

A Tabela 2 representa a resposta 2 do questionário aplicado aos egressos do sistema prisional. O seu objetivo foi de verificar que forma os próprios sujeitos se autodeclararam em relação a sua cor.

Tabela 2: Como você autodeclara a sua cor?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Branco	31	28,70
Preto	28	25,92
Pardo	49	45,38
Total	108	100,

Sendo assim, foi identificado através do questionário aplicado aos egressos que, 28,70% (f=31) dos sujeitos se autodeclararam brancos, 25,92% (f=28) dos sujeitos se autodeclararam pretos e 45,38% (f=49) se autodeclararam pardos.

A história do Brasil nos mostra que o negro sempre foi excluído da sociedade. Alves e Arruda (2017) analisam que o negro pobre carrega alguns estigmas na sociedade que, de certa maneira, acabam atrapalhando as suas relações. Como supracitado pelas autoras, “o grande público carcerário brasileiro é composto de negros e pobres” (ALVES; ARRUDA, 2017 p. 106).

Outra fonte pesquisada e que retrata muito bem esta realidade são os dados levantados pelo INFOPEN em junho de 2016. Segundo as informações obtidas pelo Levantamento, 64% da população carcerária é composta por negros, enquanto 35% desta população é composta por brancos (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA, 2016). Ou seja, o número de presos negros chega a ser quase o dobro em relação ao de internos brancos.

Analisando os resultados da nossa pesquisa, onde a maioria (45,98%) dos egressos se autodeclarara pardos, concluímos que a soma dos quantitativos de pessoas que se autodeclararam pardos e negros chega ao total de 71,3%. Dados estes que confirmam a afirmação desses autores.

No entanto, não podemos deixar de mencionar que os participantes desta pesquisa são egressos, ou seja, estão cumprindo o término de sua prisão no seu domicílio. Isso pode justificar o número de auto declarantes de cor branca (28,70%) ser maior que o número de auto declarantes negros (25, 92%).

Na Tabelas 3, as respostas estão relacionadas ao tempo em que o participante ficou recluso no Sistema Prisional.

Tabela 3: Quanto tempo ficou preso?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Menos de 1 ano	7	6,49
1 a 5 anos	76	70,38
5 a 10 anos	20	18,51
Mais de 10 anos	5	4,62
Total	108	100,

Visualizando os resultados da Tabela 3, é possível identificar que 6,49% (f=7) dos sujeitos informaram que ficaram menos de um ano, 70,38% (f=76) dos sujeitos verbalizaram que ficaram entre 1 a 5 anos, 18,51% (f=20) dos sujeitos noticiaram que ficaram entre 5 a 10 anos, e 4,62% (f=5) dos sujeitos mencionaram que ficaram presos por mais de 10 anos.

Portanto, fazendo a análise sobre os egressos pesquisados, foi possível demonstrar que a maioria permaneceu no sistema prisional entre 1 a 5 anos (70,38%). Número este, bastante expressivo em relação a outros tempos. O segundo grupo foi o de sujeitos que passou por este Sistema em regime fechado ou semiaberto entre 5 a 10 anos (18,51%).

Podemos notar que embora seja um número alto de indivíduos, este não chega nem à metade do quantitativo de sujeitos que ficaram entre 1 a 5 anos. Verifica-se que os períodos de reclusão de menos de 1 ano (6,49%) e de mais de 10 anos (4,62%) foram cumpridos por um número muito pequeno de sujeitos em relação ao universo amostral da pesquisa.

Na Tabela 4, o objetivo foi de verificar o tempo em que os egressos entrevistados não estão mais em situação de privação de liberdade.

Tabela 4: Há quanto tempo você saiu do cárcere?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Até 1 ano	62	57,41
1 a 5 anos	43	39,81
Mais de 5 anos	3	2,78
Total	108	100,

Mediante a situação foi possível visualizar que 57,41% (f=62) dos sujeitos informou que estão a menos de um ano no convívio social, 39,81% (f=43) dos sujeitos verbalizaram que estão entre 1 a 5 anos no convívio social e 2,78% (f=3) dos sujeitos noticiaram que estão há mais de 5 anos no convívio social.

Entretanto, esses dados, nos faz refletir sobre algumas questões abordadas mais a diante em relação à vida profissional. Fazendo uma comparação entre o tempo de saída do cárcere com a situação ex-detento no mercado de trabalho, é possível analisar a seguinte situação: dos 57,41% (f=62) dos egressos que estão há menos de um ano fora do cárcere, 37,09% (f=23) encontram-se desempregados, 51,61% (f=32) trabalham na informalidade, 9,68% (f=6) estão trabalhando na formalidade e 1,62% (f=1) está aposentado/auxílio doença.

Enquanto os 39,81% (f=43) dos egressos que estão no convívio social entre 1 e 5 anos, 9,30% (f=4) encontram-se desempregados, 55,81% (f=24) trabalham na informalidade, 32,55% (f=14) estão trabalhando na formalidade e 2,32% (f=1) está aposentado/auxílio doença.

Podemos, então, perceber que a dificuldade enfrentada pelos sujeitos ao deixarem o cárcere em relação a emprego no mercado de trabalho formal é maior do que aqueles que já estão há mais tempo no convívio social. Talvez isso ocorra devido aos estigmas que o ex-presidiário carrega em si. Segundo o conceito de estigma supracitado por Melo (2000), é notório que estes sujeitos são rotulados pela sociedade e que os colocam no papel de marginalizados. Por isso a dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal.

Nas Tabelas 5 e 6, as respostas têm a intenção de apresentar a quantidade de vezes que os sujeitos passaram pelo setor prisional.

Tabela 5: Esta foi a primeira vez que você foi preso?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Sim	70	64,81
Não	38	35,19
Total	108	100,

A finalidade da Tabela 5 foi apenas de demonstrar que no público de egressos entrevistados 64,81% (f=70) estiveram em situação de privação de liberdade apenas uma vez enquanto 35,19% (f=38) já estiveram presos mais de uma vez.

O propósito da Tabela 6, foi o de mostrar o número de vezes em que os sujeitos reincidiram no Sistema Prisional a partir dos entrevistados.

Tabela 6: Quantas vezes você foi preso?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
1 vez	70	64,81
2 vezes	23	21,30
3 vezes	10	9,26
Mais de 4 vezes	5	4,63
Total	108	100,

Diante aos fatos, primeiramente, repetiremos a informação da Tabela 5, que aponta que 64,81% (f=70) dos sujeitos passaram apenas uma vez no Sistema e ainda não reincidiu.

Dos sujeitos que reincidiram no Sistema, verifica-se na Tabela 6 que 21,30% (f=23) dos sujeitos relataram que passou duas vezes pelo Sistema Prisional, 9,26% (f=10) dos sujeitos narraram que passou três vezes pelo Sistema Prisional e 4,63% (f=5) dos sujeitos informou ter passado quatro vezes ou mais pelo Sistema Prisional.

“A 1ª vez que fui preso, eu já era casado, comprei algumas drogas, estava em um bar e alguém me viu com drogas. Fui para casa e alguém que estava no bar falou para a polícia. Fui preso dentro de casa. A 2ª vez que fui preso, foi por conta de uma desavença com minha ex-esposa e o marido dela. Fui preso por agressão e ameaça. A 3ª vez que fui preso foi porque fui a uma festa em Acari no Rio de Janeiro, na volta fui parado pela polícia e estava com drogas que não eram minhas” (Egresso entrevistado).

Esta é a resposta de um dos egressos que participaram desta pesquisa. Nota-se em seus relatos que ele foi preso por três vezes: a primeira vez por ser usuário de drogas e acusado de tráfico; a segunda vez, por agressão e ameaça a mulher; e a terceira vez, novamente pelo tráfico. Diante a situação, o fato de ter ido preso primeiramente por motivo de tráfico de drogas o deixou estigmatizado que acabou sendo acusado novamente pelo mesmo crime de tráfico na terceira vez que foi preso.

“Estava em casa quando a polícia invadiu a minha casa. A viatura da polícia tinha 4 pessoas presas lá dentro. Na minha casa, a polícia não encontrou nada, só estavam meu filho, minha mãe e eu. Mas devido a minha fama e de eu já ter sido preso no passado, me levaram preso também” (Egresso entrevistado).

Nesta resposta, mais uma vez reforça a questão do que o estigma de ter passado pelo sistema prisional faz com o sujeito. Segundo o egresso, ele estava em casa com a esposa e filho e por conta de uma denúncia, a polícia invadiu a sua casa e o levou preso com a acusação de tráfico, mesmo não tendo encontrado nada.

Fazendo uma ponte com a história do sistema prisional, Bittencourt (2010) e Foucault (1999) informam que, em meados da era clássica na Europa, muitos camponeses iniciam o processo migratório para os centros urbanos em busca de melhorias. No entanto, o que ocorre é o aumento de pobres perambulando pelas ruas e a incidência de danos aos bens patrimoniais. A burguesia, então, se sente incomodada e passa a pressionar o poder público a tomar providências. Ou seja, todos aqueles que estavam à margem da sociedade e que incomodavam as pessoas de posse eram excluídos e presos (FOUCAULT, 1997).

Atualmente, no Brasil, ainda encontramos o pensamento da exclusão social. Nos presídios brasileiros tentamos sempre mostrar para os encarcerados que através do trabalho e da disciplina ele pode voltar a conviver socialmente. Entretanto, com o aumento da população carcerária nos últimos anos (BRASIL, 2017), muitos vivem neste ambiente a base de violência e com regras a serem seguidas saindo do sistema prisional revoltados.

Segundo Lauermann e Guazina (2013, p. 184) a reincidência ocorre, muitas vezes, devido aos vínculos de amizade que se formam entre os sujeitos durante o período de privação de liberdade e que acabam funcionando como aprendizado para novos crimes. No entanto, não podemos deixar de trazer os estigmas para essa questão, pois de acordo com Melo (2000), muitos internos são rotulados perante à sociedade o que, por muitas vezes, acaba colaborando com o retorno do sujeito ao sistema prisional somente pelo fato de já ter sido preso alguma vez em sua vida.

Na Tabela 7, as respostas indicam o quantitativo de pessoas que estão cumprindo PAD e LC.

Tabela 7: O que você está cumprindo?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
LC	81	75
PAD	27	25
Total	108	100,

O propósito da Tabela 7 foi de demonstrar que, dos egressos participantes desta pesquisa, 75% (f=81) estava em cumprimento do Livramento Condicional (LC) enquanto 25% (f=27) estava cumprindo o Programa Albergue Domiciliar (PAD).

No entanto, devemos informar que não houve escolha dos participantes da pesquisa. As entrevistas aconteceram no Patronato Magarino Torres anexo Volta Redonda e a sua duração foi de um mês com entrevistas realizadas três vezes por semana. Todos os egressos que chegavam na Unidade para cumprir a sua determinação judicial foram solicitados a participar. Aqueles que se prontificaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido responderam o questionário aplicado. O fato de ter mais pessoas cumprindo LC do que PAD, nesta pesquisa, foi pura coincidência.

O propósito da Tabela 8 foi de apresentar o grau de escolaridade dos egressos a partir da entrevista realizada.

Tabela 8: Você estudou até que série?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Analfabeto	1	0,92
Até 5º ano/ Fund.	17	15,74
6º ao 9º ano/ Fund.	41	37,96
Fundamental Completo	11	10,18
Médio incompleto	19	17,60
Médio Completo	17	15,74
Superior incompleto	2	1,86
Total	108	100,

Verifica-se que apenas 0,92% (f=1) dos egressos declararam ser analfabeto, 15,74% (f=17) dos sujeitos relataram ter estudado até o 5º ano do Ensino Fundamental, 37,96% (f=41) dos sujeitos verbalizaram ter estudado entre o 6º e 9º ano do Ensino Fundamental, 10,18% (f=11) dos sujeitos informaram possuir o Ensino Fundamental completo, 17,60% (f=19) dos sujeitos disseram ter o Ensino Médio incompleto; 15,17% (f=17) dos sujeitos narraram ter concluído o Ensino Médio; e 1,86% (f=2) dos sujeitos alegaram que chegaram a cursar o Ensino Superior, sem conseguir sua conclusão.

Trazendo os dados do INFOPEN sobre o grau de escolaridade dos encarcerados a nível nacional foi possível visualizar que:

“4% são de analfabetos; 6% são alfabetizados, porém sem cursos regulares; 51% possuem o ensino fundamental completo; 14% possuem o ensino fundamental incompleto; 15% possuem o ensino médio incompleto; 9% possuem o ensino médio completo; e 1% possui o ensino superior incompleto” (BRASIL, 2016, p. 33).

Ou seja, a grande parcela da população carcerária brasileira tem apenas o Ensino Fundamental incompleto.

Diante dos fatos, podemos afirmar que os dados obtidos no questionário aplicado nos egressos do Patronato Magarino Torres anexo Volta Redonda juntamente com as referências do INFOPEN em 2016, reafirmam a pesquisa realizada por Pires e Gatti (2006), quando descrevem que o grande público do Sistema Prisional possui baixa escolaridade. De fato, o que percebemos é que muitos não chegaram a concluir o Ensino Fundamental. Isso acaba influenciando sua inserção no mercado de trabalho formal.

Na Tabela 9, buscou-se categorizar os motivos pelos quais os sujeitos pararam de estudar. No entanto, cabe ressaltar que alguns indivíduos deram mais de uma justificativa, o que levou o número de respostas ser maior que o de pessoas.

Tabela 9: Por que parou de estudar?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Trabalho	54	41,87
Crime/ preso	25	19,38
Formou família	13	10,08
Desânimo	12	9,30
Concluiu os estudos	9	6,98
Morava longe da escola	4	3,10
Financeiro	4	3,10
Não aprendia	2	1,55
Falta de tempo	1	0,77
Entrou para o exército	1	0,77
Não responderam	4	3,10
Total	129	100,

Na categoria, “precisei trabalhar”, encontramos 47,87% (f=54) egressos. Logo após vem a categoria “fui preso” ou “entrei no crime” com 19,38% (f=25). Em seguida, as categorias: “formei família” com 10,08% (f=13); “desanimei” com 9,30% (f=12); e “concluí os estudos” tiveram 6,98% (f=9). As categorias: “morava longe da escola” e “por conta do financeiro”, encontramos 3,10% (f=4) dos egressos respectivamente; e “não aprendia” foi de 1,55% (f=2).

Podemos concluir que um dos maiores motivos responsáveis pelo abandono a escola, desses egressos, é o trabalho, o segundo motivo foi estar preso ou começar a praticar o crime e o terceiro foi por ter formado família.

O trabalho, no entanto, tem grande significado para a população de modo geral. Historicamente, a ociosidade era considerada como vadiagem (PINHEIRO; GAMA, 2016), os burgueses no século XVI associavam os pobres que pediam esmolas, como pessoas preguiçosas (FOUCAULT, 1997). Neste contexto, o trabalho acaba trazendo essa ideia de ocupação ao

sujeito e, assim, não estariam praticando a libertinagem, pois com o corpo cansado o sujeito não teria mais pensamentos (FOUCAULT, 1997).

No Brasil, a cultura do trabalho dignificante sempre existiu. Iniciou-se com a chegada dos Padres jesuítas, perpetuou durante anos e ainda hoje pensamos desta forma. Por conta disso, muita evasão escolar aconteceu por todos esses anos. As famílias mais pobres que não podiam sustentar seus filhos nas escolas, os inseriam no trabalho para aumentar a sua capacidade de mão de obra (PAGANINI, 2011).

Na Tabela 10, buscamos os relatos sobre o tipo de crime em que os sujeitos foram processados. No entanto, devemos informar que alguns indivíduos estão respondendo processo por mais de um crime justificando o número de respostas serem maior que a quantidades de sujeitos.

Tabela 10: Qual artigo você está respondendo?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Ligados a drogas	52	42,98
Assalto/ Roubo	29	23,97
Homicídio	13	10,74
Porte ilegal de armas	9	7,44
Estupro/ atentado ao pudor	5	4,13
Agressão	4	3,30
Outros	9	7,44
Total	121	100,

Sendo assim, neste item chegou-se às seguintes categorias: crimes ligados a drogas (tráfico/ associação ao tráfico), com 42,98% (f=52), crimes de assalto/ roubo, 23,97% (f=29), homicídio, 10,74% (f=13), porte ilegal de armas, 7,44% (f=9), crime de estupro/ atentado ao pudor, 4,13% (f=5), agressão, 3,30% (f=4) e outros crimes (dano ao patrimônio público, incêndio, formação de quadrilha, corrupção), 7,44% (f=9).

Os resultados obtidos por nossa pesquisa reafirmam os dados do INFOPEN, de junho de 2006, quando menciona que os crimes ligados a drogas estão em primeiro lugar, os crimes relacionados a assalto/ roubo estão em segundo lugar, os crimes relacionados a homicídio estão

em terceiro lugar e os crimes ligados a porte de arma ilegal estão em quarto lugar (BRASIL, 2016).

Diante do exposto, podemos buscar os autores Pires e Gatti (2006) que descrevem que “a maioria dos crimes são cometidos por motivos fúteis e/ou por falta de perspectiva, em momento de extremo desespero”. Muitas vezes os usuários de drogas acabam parando no cárcere acusados de ser traficante de drogas. Essa situação vai ser reafirmada na Tabela 11 quando os egressos respondem o item o que aconteceu para você ser preso.

Na Tabela 11 buscou-se informações sobre a percepção dos sujeitos em relação ao motivo da sua prisão. No entanto, devemos apontar que alguns indivíduos relataram mais de um motivo, o que justifica o número maior de respostas.

Tabela 11: O que aconteceu para você ser preso?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Pego com drogas	24	21,06
Assalto/Roubo	21	18,42
Traficando	15	13,17
Briga/Agressão	11	9,65
Armado	9	7,89
Acusado de Assalto/Roubo	8	7,01
Acusado de tráfico	7	6,15
Acusado de estupro	5	4,38
Péssimas companhias	4	3,51
Foragido	2	1,75
Outros	8	7,01
Total	114	100,

Dentre as respostas dos egressos chegamos as seguintes categorias: pego com drogas, 21, 05% (f=24); assalto/ roubo, 18,42% (f=21); traficando, 13,17% (f=15); briga/ agressão, 9,65% (f=11); estava armado, 7,89% (f=9); acusado de assalto/roubo, 7,01% (f=8); acusado de tráfico, 6,15% (f=7); acusado de estupro, 4,38% (f=5); péssimas companhias, 3,51% (f=4); foragido, 1,75% (f=2); e outros (não sei, adulterava combustível, escuta telefônica, incêndio, matar, acusado de matar, extorsão e ameaça), 7,01% (f=8).

Na Tabela 12, o objetivo foi de verificar como os egressos se sentem agora que estão fora do cárcere. No entanto, é importante informar que alguns sujeitos em questão, nos deram mais de uma resposta justificando este ser maior que o número de indivíduos.

Tabela 12: Como você está sentindo a sua vida depois que saiu do cárcere?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Está bem/voltou ao normal	54	37,50
Reconstruindo a minha vida	22	15,27
Estou trabalhando	20	13,89
Estou ao lado da família	16	11,11
Discriminado pelas pessoas	11	7,64
Sinto mal/medo	6	4,17
Dificuldade para emprego	5	3,47
Continua como era antes de ser preso	4	2,79
Sinto preso ainda	2	1,39
Aliviado	1	0,69
Pouco tempo na rua	1	0,69
Sem resposta	2	1,39
Total	144	100,

Sendo assim, foi possível identificar que 37,50% (f=54) dos sujeitos indicaram que estão se sentindo bem e que a vida voltou ao normal. Esta informação também foi verificada na pesquisa realizada por Lauermann e Guazina (2013) sobre o sentimento ao sair do cárcere. Segundo as autoras, a maioria dos egressos que foram entrevistados por elas verbalizaram “estar bem e querer esquecer o tempo que passaram ali, recomeçar a vida e não voltar mais”.

Dentre os 15,27% (f=22) dos sujeitos que se declararam estar reconstruindo as suas vidas, obtivemos algumas respostas, como: “estou reconstruindo minha vida em processo lento”, “está tudo embolado ainda”, “mudei do local em que morava e não ando mais com más companhias”, “estou com a sensação de uma nova vida”, “tenho feito de tudo para tentar me integrar na sociedade”, “me sinto uma nova pessoa”, “estou vendendo o almoço para comprar a janta”, “praticamente nasci de novo”, “vida renovada, estou correndo atrás de serviço”, “na

realidade estou correndo atrás dos meus objetivos”, “tenho que começar novamente e fazer as coisas certas”, “estou sentindo oportunidade de mudança de vida”, “comecei a enxergar o mundo diferente”.

Através destes relatos foi possível notar que ao sair do cárcere, alguns egressos têm a pretensão de mudar os seus hábitos antigos de vida e tentar se reestruturar. Lauermann e Guazina (2013) reforçam esta ideia quando expõem que os egressos de sua pesquisa alegaram “vontade de mudar de vida” e “não fazer nada que os leve de volta a prisão”.

Nos 13,89% (f=20) dos sujeitos que verbalizaram já estarem trabalhando, foi percebido alguns relatos: “ainda tenho trabalho”, “estou trabalhando”, “hoje trabalho de pintor”, “arrumei um emprego”, “faço meus biscates”, “voltei para o meu serviço”, “achei um emprego”, “depois que saí da cadeia, comecei a trabalhar”.

Para Santana (2016), a sociedade tem no trabalho, a forma mais digna de manter a sua subsistência e da família. Durante o processo de encarceramento do sujeito, diversas vezes é passado a ele a importância do trabalho na vida das pessoas. Quando o indivíduo conquista a sua saída do cárcere, mas ainda está em monitoramento do LC ou PAD, mais uma vez é reforçado o dever de estar inserido no mercado de trabalho.

Já 11,11% (f=16) dos sujeitos expuseram que estão ao lado da família. Os relatos que nos chamaram atenção para isso, foram: “estou com os meus filhos”, “juntei com uma mulher”, “posso cuidar dos meus filhos”, “estou bem, porque tenho minha família”, “fui morar com uma tia”, “posso agora acordar perto do meu filho e levá-lo para a escola”, “estou passando mais tempo com os meus filhos”, “moro com minha mãe ainda”, “tem uma semana que casei”, “estou perto da minha família”.

A representação da família para alguns dos egressos demonstram ser muito importante, principalmente a aproximação da vida de seus filhos. Lauermann e Guaniza (2013) reforça essa teoria através de sua pesquisa, onde observa que a primeira coisa que os egressos fazem ao sair do cárcere é buscar pelos seus familiares.

Dos 7,64% (f=11) dos sujeitos que alegaram se sentir discriminados pelas pessoas, as respostas foram: “sinto muitas mudanças em relação à sociedade”, “minha vida está complicada, pois muita coisa mudou”, “faço de tudo para tornar possível o dia a dia, pois sou discriminado”, “bem complicado, o preconceito e a dificuldade para arrumar serviço é muito grande”, “pela sociedade e por quem sabe da minha situação, me sinto desprezado”. No entanto, nos chamou a atenção para o argumento de um egresso:

“Você sai do cárcere, mas o cárcere nunca sai de você. É igual uma tatuagem, ou seja, você fica marcado. Nesses quatro anos na rua, arrumei apenas um emprego de carteira assinada e eu nem consegui ficar nem 90 dias neste emprego, pois estava na experiência. As tatuagens realizadas na cadeia, todo mundo sabe como é. Quando a gerente da empresa que eu estava trabalhando percebeu as minhas tatuagens, não falou mais nada e em menos de uma semana fui chamado no escritório e fui mandado embora. Minha esposa me abandonou logo que saí da cadeia” (Egresso).

O interessante neste depoimento, é peso do estigma de presidiário que o sujeito carrega após a sua saída do cárcere. Este egresso, já tinha quatro anos fora do cárcere, mesmo assim, continuou com dificuldades para arrumar emprego na formalidade. Dall’Ago (2010) e Medeiros (2017) também fazem críticas a esta questão. Segundo esses autores, os sujeitos quando conseguem a sua liberdade pensam na inserção no mercado de trabalho, mas a aceitação pelos empregadores é muito difícil, pois o estigma da condenação é muito forte para os egressos.

Entretanto, 4,17% (f=6) dos sujeitos explanaram sentirem-se mal ou com medo: “depois que eu saí do cárcere, não me sinto muito bem”, “está difícil a minha vida”, “ficou terrível”, “minha vida está complicada, pois perdi minha mãe e família”. E 3,47% (f=5) dos sujeitos afirmaram estar com dificuldades para empregar-se: “por eu ter uma passagem é difícil para arrumar emprego”, “estou sentindo minha vida um pouco difícil, pois não tinha terminado a escolaridade, mas estou na batalha”, “parece que mudou, arrumar serviço está difícil agora”, “antigamente eu arrumava emprego facilmente, hoje já não consigo mais, a confiabilidade das pessoas não é mais a mesma”.

Contudo, 2,79% (f=4) dos sujeitos mencionaram que as suas vidas continuam da mesma maneira como era antes do cárcere: “minha vida não mudou muita coisa, apenas não tenho mais envolvimento com o tráfico”, “meu dia a dia não mudou muito como era antes de eu ser preso”, “mudou quase nada, mesmo com a pulseira na perna arrumei trabalho fichado”, “está a mesma coisa que antes, meus documentos estão bloqueados e não arrumo emprego”.

No entanto, 1,39% (f=2) dos sujeitos relataram que se sentem ainda presos: “estou preso do mesmo jeito que na cadeia, só que estou em casa”, “estou sentindo a vida muito chata, pois ficar monitorado é muito ruim, fico só dentro de casa e ninguém quer dar emprego”. Esses dois egressos se referem ao fato de estar sendo monitorado pela Justiça e ser limitado a muitas coisas como: não poder sair do Estado do RJ e não poder estar na rua em determinados horários.

E 0,69% (f=1) dos sujeitos narrou que se sente aliviado; 0,69% (f=1) dos sujeitos declarou que não tem o que informar, pois está há muito pouco tempo fora do cárcere; e 1,39% (f=2) dos sujeitos não responderam a esta questão.

Na Tabela 12.1, o objetivo foi o de identificar qual é o sentimento dos egressos em relação a sua rotina profissional. No entanto, não podemos deixar de informar que alguns dos sujeitos deram mais de uma resposta enquanto outros 11.61% (f=13) não responderam a este item.

Tabela 12.1: Como você está sentindo a sua vida depois que saiu do cárcere em relação a rotina profissional?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Rotina ótima	39	34,82
Dificuldade para emprego	25	22,32
Bicos	12	10,71
Parada	11	9,82
Continua como antes da prisão	6	5,36
Está voltando ao normal	6	5,36
Sem resposta	13	11,61
Total	112	100,

Desta forma, obtivemos as seguintes categorias: rotina ótima, 34,82% (f=39); dificuldade para emprego, 22,32% (f=25); “bicos”, 10,71% (f=12); parada, 9,82% (f=11); continua como antes da prisão, 5,36% (f=6); e está voltando ao normal, 5,36% (f=6).

Dentre os 34,82% dos sujeitos que verbalizaram que a rotina profissional está ótima, alegaram o seguinte: “a rotina profissional está bem”, “tenho trabalhado bastante”, “hoje trabalho de Uber”, “sou serralheiro durante o dia e a noite sou cozinheiro e segurança”, “trabalho com meu pai e não preciso me identificar, isso não me afeta”, “Graças a Deus apareceu emprego, sou pedreiro e mecânico de carro”, “agora minha vida está bem melhor, casa/trabalho, trabalho/casa”, “eu arrumei um carrinho de churrasco e estou vendendo churrasquinho”.

Dentre os 22,32% que narraram estar com dificuldades para empregar-se, justificaram o seguinte: “não consegui emprego”, “fiz entrevista, mas ninguém me chamou para trabalhar”, “penei muito para consegui trabalhar”, “a rotina profissional está difícil, pois a pulseira na perna me atrapalha”, “serviço de carteira assinada está difícil, pois quando falo que já tive passagem pelo sistema, as pessoas se assustam”, “para arrumar trabalho é bem difícil, pois quando é solicitado o nada consta, fica ruim para mim”, “a vida é muito difícil, pois não tenho título de eleitor e sem isso fica difícil arrumar emprego”.

Dentre os 10,71% que declararam trabalhar na informalidade (“bicos”), dispuseram o seguinte: “minha rotina profissional é fazer ‘bico’ para poder comer”, “estou trabalhando em obras informalmente”, “trabalho fazendo bico de pintor na academia militar”, “até agora só consegui fazer bicos”, “estou trabalhando em uma serralheria que é o meu próprio negócio”, “estou fazendo o bico que aparece”.

Dentre os 9,82% dos egressos que mencionaram sentir a sua rotina profissional parada, argumentaram o seguinte: “minha rotina profissional está parada agora”, “a rotina profissional está parada, pois estou tendo que resolver ainda o problema do meu PAD”, “em relação as questões de trabalho, ainda não pensei muito”, “estou recebendo auxílio doença e devo retornar ao trabalho no próximo ano”, “não estou trabalhando ainda, pois tenho antecedentes criminais e porque saí a pouco tempo da cadeia”, “o serviço nem procurei ainda por conta da pena”.

Dentre os 5,36% que comunicaram que a rotina profissional continua da mesma maneira de como era antes do cárcere, declararam o seguinte: “minha rotina profissional é a mesma de antes, pois sempre trabalhei”, “a rotina profissional está bem tranquila, pois já era a minha profissão de electricista, então não mudou muita coisa”, “em relação a rotina profissional, continua a mesma coisa, não me atrapalhou em nada”.

E dentre os 5,36% que noticiaram que a sua rotina profissional está voltando ao normal, alegaram o seguinte: “minha rotina profissional está voltando aos eixos”, “fui até a firma em que trabalhava antes de ser preso e eles vão me dar mais uma oportunidade”, “estou tentando me reerguer, estou lutando para arrumar emprego, estou entregando vários currículos”, “minha rotina profissional está bem, estou começando a pegar mais confiança com as pessoas e vice-versa”, “estou me levantando e as pessoas estão começando a valorizar o meu trabalho”.

Diante do exposto, algumas categorias nos remeteram ao que Dall’Agno (2010) e Medeiros (2017) pensam sobre os egressos. Segundo os autores, o estigma de ter passado pelo Sistema Prisional é muito forte, por isso a dificuldade de inserir-se no mercado de trabalho

formal. As pessoas de um modo geral, enxergam o cárcere de forma negativa, o que acaba dificultando os privados de liberdade no seu retorno ao convívio social (SANTANA, 2016; MEDEIROS, 2017).

Na Tabela 12.2, o objetivo foi o de identificar qual é o sentimento dos egressos em relação a sua vida afetiva e familiar. No entanto, não podemos deixar de informar que alguns dos sujeitos deram mais de uma resposta enquanto outros 8,33% (f=10) não responderam a este item.

Tabela 12.2: Como você está sentindo a sua vida depois que saiu do cárcere em relação a vida afetiva e familiar?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Maior proximidade da família	75	62,50
Vivo com a esposa	17	14,17
Afastamento da família	6	5,00
Continua como era antes	4	3,33
Mora sozinho	4	3,33
Vida afetiva difícil	3	2,50
Apenas namoro	1	0,84
Não responderam	10	8,33
Total	120	100,

Desta forma, foi possível identificar as seguintes categorias: maior proximidade da família, 62,50% (f=75); vivo com a esposa, 14,17% (f=17); afastamento da família, 5% (f=6); continua como antes, 3,33% (f=4); mora sozinho, 3,33% (f=4); vida afetiva difícil, 2,50% (f=3); e apenas namoro, 0,84% (f=1).

Dentre os 62,50% que se referiram que teve a sensação de mais proximidade da família depois que saiu do cárcere, alegaram o seguinte: “toda a minha família me recebeu em casa, me mostraram que não preciso disso e posso contar com eles”, “hoje minha família me dá mais atenção do que antes”, “minha mãe e meu irmão me receberam bem depois que saí do cárcere”, “hoje tenho um bom relacionamento com minha família”, “hoje estou com minha dona e tranquilo”, “estou podendo cuidar mais da minha esposa e dos meus filhos”, “convivo muito bem com os meus pais e irmãos, família em primeiro lugar”, “a vida com a esposa está tranquila,

não brigamos mais”, “a minha vida afetiva e familiar está boa, antigamente não esquentava muito para a família, hoje o relacionamento melhorou”.

Desta maneira, Lauermann e Guazina (2013) analisam o quanto a família acaba se tornando importante para a vida do egresso, pois durante todo o processo de encarceramento do sujeito são os familiares quem sempre estão ao lado dele. Muitos se queixam de abandono por parte de amigos e cônjuges.

Dentre os 14,17% que verbalizaram viver muito bem com a cônjuge, discorre o seguinte: “tem quase dois anos que arrumei uma companheira e ela está me ajudando bastante”, “tenho uma companheira que me entende melhor”, “depois que eu saí do cárcere, conheci uma pessoa que hoje é minha companheira e a nossa relação é muito legal”, “casei e agora estou vivendo a minha vida, não tem nada melhor que viver em paz”, “vivo com minha esposa e filha, minha esposa está grávida”, “hoje, moro com minha namorada e nos damos bem”.

Dentre os 5% que narraram sentir o afastamento dos familiares, descrevem o seguinte: “não tenho ninguém na minha vida, meus pais estão mortos”, “meus pais são afastados de mim”, “os meus familiares eu deixo para lá, pois eles brigam muito”, “em relação a família, não tenho contato, não sei explicar se foram eles ou eu quem se afastou”, “a minha família, nem sei como estão, parei de procurar para não ficar dependendo deles”, “na verdade a minha família são as crianças e está um pouco difícil, pois a mãe delas me impede de estar com elas”

Dentre os 3,33% que afirmaram que a relação familiar continua da mesma maneira de como era antes do cárcere, justificam o seguinte: “a vida familiar segue normalmente, continua da mesma maneira, todos me tratam da mesma forma que antes”, “a família não mudou em nada comigo”, “a minha vida afetiva e familiar está bem, todos me tratam da mesma maneira que me tratavam antes”, minha vida familiar está tranquila”

Dentre os 3,33% que expuseram que moram sozinhos, declararam o seguinte: “estou separado da minha esposa, mas mantenho contato com os meus filhos”, “quando ainda estava preso, a única que não me evitava era a minha dona, mas depois ela faleceu e eu fiquei sem visitas, a vida que eu tinha acabou, foi uma perda muito grande”. “minha mãe morreu quando eu tinha dois anos, moro sozinho, mas muito próximo dos meus irmãos”, “sou divorciado e não moro com os meus pais, moro sozinho”,

E dentre os 2,50% que explanaram que as suas vidas afetivas estão bem difíceis, alegaram o seguinte: “a vida afetiva está um pouco difícil, estou brigando muito com a minha companheira, pois ela está me estressando muito”, “estava casado, mas depois que saí do

cárcere separei, não deu certo minha união”, “minha esposa me abandonou logo depois que saí da cadeia”.

O objetivo da Tabela 13 foi de apontar, através da entrevista, como está a situação dos egressos no mercado de trabalho atualmente.

Tabela 13: Qual é a sua situação hoje no mercado de trabalho?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Informal	57	52,78
Desempregado	28	25,92
Formal	21	19,44
Aposentado/ Auxílio doença	2	1,86
Total	108	100,

Diante do exposto, foi possível visualizar que 25,92% (f=28) dos sujeitos se declararam desempregados; 52,78% (f=57) dos sujeitos informaram trabalhar na informalidade; 19,44% (f=21) dos sujeitos afirmaram trabalhar em regime formal; e 1,86% (f=2) dos sujeitos mencionaram estar aposentado ou auxílio doença.

De acordo com o pensamento de Santana (2016), a sociedade busca o trabalho como forma de manter a subsistência. No entanto, se é difícil para todos se manter empregados atualmente com esse mercado altamente competitivo, imagina para o egresso cuja escolaridade é muitas vezes baixa e quase sempre não possuem experiência profissional.

O que foi possível visualizar neste item é que de fato poucos conseguem inserção no mercado de trabalho formal. Muitos, no entanto, estão na informalidade ou no desemprego.

O objetivo da Tabela 14 foi de verificar qual é área no mercado de trabalho em que os egressos estão mais inseridos. Primeiramente devemos informar que 23,15% (f=25) dos sujeitos não responderam a este item, pois estão em situação de desemprego ou aposentadoria/ auxílio doença.

Tabela 14: Qual é a sua profissão atual?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Construção civil	37	34,27
Motorista/ ajudante	10	9,26
Comércio	9	8,33
Mecânico	6	5,56
Trabalhador rural	4	3,70
Reciclagem/ coleta seletiva	4	3,70
Serviços Gerais	4	3,70
Outras	9	8,33
Sem resposta	25	23,15
Total	108	100,

No entanto, foi possível visualizar que 34,27% (f=37) realizam trabalhos voltados para a construção civil (pedreiro, ajudante de pedreiro, eletricista, pintor, marceneiro e serralheiro); 9,26% (f=10) dos egressos informaram que atuam como motorista (caminhão/ ajudante de caminhão, Uber e motoboy); 8,33% (f=9) dos sujeitos verbalizaram trabalhar com comércio realizando atividades de compra e venda ou inseridos no próprio comércio; 3,70% (f=4) dos entrevistados relataram trabalhar com mecânica tanto de carros como industrial; 3,70% (f=4) mencionaram desenvolver atividades voltadas para a reciclagem ou coleta seletiva; 3,70% (f=4) alegaram trabalhar como serviços gerais (neste caso também foi incluso o cozinheiro).

Contudo, 8,33% (f=9) desenvolvem outras atividades que não essas acima e que não foi possível classificá-las (operador de retroescavadeira, cabista, auxiliar de inspeção, flanelinha, cabeleireiro, conferente logístico e auxiliar de qualidade).

Na Tabela 15 buscou-se informações sobre as dificuldades encontradas na vida do egresso depois que sai do cárcere.

Tabela 15: Quais são as dificuldades na vida depois que saiu do cárcere?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Emprego formal	54	43,90
Nenhuma dificuldade	28	22,76
Preconceito	24	19,52
Documentos	4	3,25
Estrutura familiar	4	3,25
Vergonha	3	2,44
Financeiro	3	2,44
Outros	3	2,44
Total	123	100,

Neste item, encontramos as seguintes categorias: emprego formal, 43,90% (f=54); sem dificuldade, 22,76% (f=28); preconceito, 19,52% (f=24); documentos, 3,25% (f=4); estrutura familiar, 3,25% (f=4); vergonha, 2,44% (f=3); financeiro, 2,44% (f=3) e outros (limitação de horários e lugares, regularizar a situação na justiça e adaptação).

Sendo assim descrevemos abaixo os depoimentos dos sujeitos que tiveram dificuldades para se inserir no mercado de trabalho: “tenho dificuldades para arrumar trabalho fichado”, “as dificuldades são de arrumar um trampo”, “está difícil arrumar serviço de imediato para manter minha família e eu”, “a maior dificuldade foi arrumar um trabalho decente”, “a maior dificuldade foi arrumar emprego formal”, “a maior dificuldade é arrumar um emprego bom, serviço fichado, ter dinheiro todo mês e poder pagar as contas”.

Dentre os 22,76% que mencionaram que não teve dificuldade alguma: “não tive nenhuma dificuldade”, “mudei de cidade e não tenho como falar disso, pois ninguém me conhece”, “na minha vida, não me atrapalhou em nada”, “no momento, não vejo dificuldade, estou cheio de gás”.

Dentre os 19,52% que relataram que o preconceito foi a maior dificuldade: “a maneira com que as pessoas me olham e trata é muito ruim”, “por conta do meu nome sujo, não consegui mais serviço formal”, “a aceitação das pessoas e a maneira como elas me olham”, “as pessoas nos olham de uma maneira diferente”, “todas, pois você se habilita ou tenta se habilitar, mas a sociedade não te aceita”, “muitas pessoas não acham que podemos mudar”, “parece que as

peças te olham com outros olhos, não é mais aquela coisa de antes”, “a dificuldade que eu passei foi de fazer as pessoas entenderem que eu errei, mas que não sou uma pessoa má”, “sofri preconceito em relação a vida que eu já tive”.

Dentre os 3,25% que afirmaram muita dificuldade para regularizar a situação dos documentos: “tive dificuldade para arrumar meus documentos, pois estando no LC não posso tirar o título de eleitor e com isso não posso ter o CPF”, “dificuldade de tirar o título de eleitor”, “tive dificuldade de arrumar a documentação”, “tirar documentos que foi uma burocracia danada”.

Dentre os 3,25% que relataram dificuldades na estrutura familiar: “sinto muita falta do meu avô e do meu pai que faleceram”, “ter uma moradia, quando se tem moradia, as coisas ficam mais fáceis, dormir na rua é muito ruim, acontecem muitas covardias”, “falta da minha mãe, antes de fazer qualquer coisa pensava nela, hoje não tenho mais ela”.

Dentre os 2,44% que verbalizaram que a vergonha foi a maior dificuldade: “foi encarar os meus parentes que estão mais afastados, eles me dão muitos conselhos para não mexer mais com drogas e encará-los foi dose”, “foi difícil me aproximar das pessoas que acreditavam em mim antes de eu ser preso para pedir desculpas, elas não imaginavam que eu fazia coisas erradas”, “a pulseira na minha perna, por causa dela só posso usar calça, pois se ela ficar exposta não arrumo emprego”.

E dentre os 2,44% que informaram que a questão financeira foi a maior dificuldade: “a maior dificuldade é na questão do financeiro, pois tenho gastado o que tenho e o que não tenho”, “a maior dificuldade é manter financeiramente minha família”, “a primeira dificuldade é a rentabilidade, seria me manter financeiramente”.

Contudo, foi possível notar que as três maiores categorias se deram: em primeiro lugar, de arrumar emprego formal, em segundo, nenhuma dificuldade e, em terceiro, o preconceito. Neste caso, podemos considerar que a dificuldade de arrumar emprego está diretamente relacionada à questão do preconceito.

Bandeira e Batista (2002) descrevem que o preconceito pode trazer estigmas à vida do sujeito. Esses estigmas podem despertar no indivíduo “medo, vergonha e humilhação” o que prejudicam suas interações sociais. Desta forma, nota-se que os encarcerados estão estigmatizados em relação à sociedade que os rotulam e que indiretamente os colocam no papel de marginalizados (MELO, 2000). Por isso, a dificuldade de se colocar no mercado de trabalho formal.

Na Tabela 16, a finalidade foi de verificar o que o egresso pretende fazer de sua vida agora que está fora do cárcere. Neste item cada sujeito pode dar mais de uma resposta, o que justifica o número ser maior do que o quantitativo de entrevistados.

Tabela 16: O que você pretende fazer da sua vida agora que está em uma nova etapa?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Trabalhar	72	46,75
Constituir família	27	17,53
Ser mais presente na vida dos meus familiares	20	12,99
Estudar/ fazer curso	18	11,69
Construir uma casa	11	7,14
Mudar de endereço	3	1,95
Outros	3	1,95
Total	154	100,

Desta maneira, foi possível identificar as seguintes categorias: trabalhar, 46,75% (f=72); constituir família, 17,53% (f=27); ser mais presente na vida dos familiares, 12,99% (f=20); estudar/ fazer curso, 11,69% (f=18); construir uma casa, 7,14% (f=11); mudar de endereço 1,95% (f=3); e outros (aposentar, comprar um carro, não sabe), 1,95% (f=3).

Verificando as três primeiras categorias, foi possível visualizar que trabalho e família são muito significativos aos egressos. Como citado na tabela 9, o trabalho parece ser o mais importante a ser buscado agora que está com a “oportunidade de viver em sociedade novamente”. A cultura do trabalho, traz a ideia de ocupação ao sujeito para não praticar a libertinagem (FOUCAULT, 1997). Quando o sujeito está em situação de privação de liberdade, os assuntos mais abordados pelos profissionais, são sobre trabalho e escolaridade. Ao sair, o primeiro discurso é justamente sobre procura de emprego formal.

Em relação à questão familiar, o sujeito quando está encarcerado passa a perceber a importância de ter uma família, pois são justamente estes que os apoiam no momento da privação de liberdade trazendo roupas, artigos de higiene e fazendo visitas. Segundo Dall’Agno (2010) e Santana (2016), é neste local que o indivíduo se vê sozinho, sem capacidade de decisão, perde sua autonomia, individualidade e privacidade. Por isso, ao sair do cárcere, muitos buscam os familiares.

A Tabela 17 traz as respostas que ressaltam a percepção do sujeito em relação ao outro ao saber que é um ex-presidiário.

Tabela 17: Como você percebe as pessoas em relação a saberem que você é um ex-presidiário?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Não gostam/ medo/preconceito	61	56,49
Bem aceito/normalmente	31	28,70
Não importo com o pensamento do outro	13	12,04
Curiosa	1	0,92
Sem resposta	2	1,85
Total	108	100,

A finalidade da Tabela 17 foi de buscar, através dos relatos, informações a respeito da percepção dos sujeitos quando o outro toma o conhecimento que que é um ex-presidiário. No entanto, devemos informar que duas pessoas (1,85%), responderam de forma errada a este item e por isso foi anulada.

Deste modo, foi possível identificar quatro categorias: as pessoas não gostam/medo/preconceito, com 58,49% (f=61); fui bem aceito/me tratam normalmente, 28,70% (f=31); não importo com o pensamento do outro, 12,04% (f=13); e curiosa, 0,92% (f=1).

Dentre os 58,49% que verbalizaram que as pessoas não gostam/ sentem medo/ tem preconceito: “tem gente que não gosta e fica assustada”, “parece que algumas pessoas tem recalque por saber que fui preso, pois achavam que eu sairia da cadeia morto”, “as vezes eu sinto as pessoas com um certo preconceito, outras vezes, com piedade, outras com medo por saber que já matei e trafiquei”, “percebo um certo espanto ao saber que sou um ex-presidiário”, “me sinto mal, pois as pessoas ficam olhando a pulseira na minha perna, a discriminação é muito grande”, “muitos nem querem ficar perto, pois pensam que a polícia vai passar perto e vai prendê-los também”, “percebo os olhares das pessoas, esses olhares são tortos, tem cochichos e medo”, “percebo que tem gente que me olha estranho, pensa que vou fazer alguma coisa como roubar ou que tenho alguma coisa comigo”.

Dentre os 28,70% que relataram que foram bem aceitos ou que são tratados normalmente pelas pessoas: “as pessoas acham o fato de eu estar usando a tornozeleira bem legal, fui bem aceito pelas pessoas aqui na rua”, “as pessoas me olham normalmente”, “muitos nem acreditam quando conto que já fui preso, nunca me senti discriminado”, “não houve diferença alguma na minha vida em relação as pessoas na sociedade”, “as pessoas que me conhecem no passado e agora me veem na igreja ficam felizes, elas me falam para eu continuar neste caminho”, “não noto diferença em relação as pessoas saberem que já fui preso, elas nem precisam perguntar, eu mesmo já falo com elas que sou um ex-presidiário”, “Graças a Deus na minha cidade todos sabem que fui preso e ninguém me julga”, “percebo nas pessoas que elas viram a minha mudança de vida”.

E dentre os 12,04% que narraram não se importar com a opinião do outro ou que não sabem: “não olho para a vida dos outros, não ligo para o que os outros pensam”, “eu não esquento, eles não pagam as minhas contas”, “não dou muita importância, não escondo de ninguém que já fui preso e não ligo para o que as pessoas pensam”, “não tiro conclusão nenhuma de ninguém, a não ser, se ela me falar, não presto atenção se as pessoas sabem ou não se sou um ex-presidiário”, “interpreto que não tenho que provar para as pessoas que quero mudar, tenho que provar para mim mesmo e que sou capaz de mudar e que quero outra vida”, “no momento, só estou em contato com as pessoas da minha família, não tive contato com as outras pessoas de fora do meu convívio, então, não sei ainda qual seria a reação das pessoas”, “as pessoas que não me conhecem, não posso saber o que pensam e falam de mim”.

Portanto, podemos destacar, neste item, as três categorias que mais apareceu: a primeira sendo as pessoas não gostam (medo e preconceito), a segunda, fui bem aceito ou me tratam normalmente e a terceira, não importo com o pensamento do outro. Nota que são três categorias bastante distintas, mas que ainda impera o preconceito na percepção desses sujeitos.

Como supracitado por Santana (2016), a sociedade tem a necessidade de imaginar que o condenado precisa ser preso e castigado, e com o seu sofrimento possa pagar a sua dívida com a coletividade. No entanto, o que acontece é justamente o contrário. O sujeito se vê preso, ocioso e sem poder exercer a sua cidadania. Por conta disso, Lauer mann e Guazina (2013) pensam sobre o retorno dessas pessoas no convívio social e o quanto passam por algumas dificuldades. As autoras relacionam a falta de Políticas Públicas e o apoio da sociedade como meios que facilitam estes a trazer as suas referências próprias sobre a instituição que os excluiu. Deste modo, essas questões acabam corroborando com o pensamento do egresso de perceber as pessoas como não gostando deles através do medo e do preconceito.

Na Tabela 18, buscou-se mencionar a respeito da perspectiva de futuro dos egressos. Devemos, então, informar que neste item cada sujeito pôde dar mais de uma resposta. Isto justifica o quantitativo de resposta estarem maior que o número de sujeitos.

Tabela 18: Pensando no futuro, como você imagina a sua vida?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Ao lado da família	45	23,80
Trabalhando	44	23,29
Casa própria	24	12,70
Não penso no futuro	16	8,47
Estabilidade financeira	11	5,83
Velho/ aposentado	10	5,30
Carro	8	4,22
Vida tranquila	8	4,22
Estudar	7	3,70
Viajar/ ir e vir	6	3,17
Sem drogas	3	1,59
Estar na igreja	3	1,59
Outras	4	2,12
Total	189	100,

Desta forma, conseguimos identificar treze categorias, são elas: ao lado da família, 23,80% (f=45); trabalhando, 23,29% (f=44); ter casa própria, 12,70% (f=24); não penso no futuro, 8,47% (f=16); estabilidade financeira, 5,83% (f=11); velho/aposentado, 5,30% (f=10); com carro, 4,22% (f=8); com vida tranquila, 4,22% (f=8); estudando, 3,70% (f=7); podendo viajar/ir e vir, 3,17% (f=6); sem drogas, 1,59 (f=3); na igreja, 1,59% (f=3), e outros (ajudando as pessoas, respeitado perante as pessoas, com sua documentação completa e com saúde), 2,12% (f=4).

Neste item, foi possível visualizar que alguns egressos pensaram no futuro como algo muito distante enquanto outros pensaram bem próximo. Analisando as três categorias mais frequentes: ao lado da família, trabalhando, e ter casa própria, podemos perceber que mais uma vez a família e trabalho aparecem como importante na fala desses egressos. Ter casa própria é apenas uma consequência de estar empregado.

Durante o tempo em que o sujeito esteve encarcerado, a família provavelmente foi muito importante em todo o processo. Normalmente é a família que subsidia suas roupas e material de higiene. Nas visitas, muitas vezes, vem contribuir para a autoestima do interno e força psicológica para que este consiga permanecer no local privado de sua liberdade até que seu processo acabe. Portanto, aparecer como categoria mais frequente, não nos surpreende, neste caso.

O trabalho ser a segunda categoria mais procurada deve-se ao fato já mencionado a outros itens acima de que a sociedade relaciona o trabalho como uma forma de o indivíduo estar ocupado e de certa maneira não possa ter tempo para praticar atos delituosos (PINHEIRO; GAMA, 2016). Isso nos remete Foucault (1997) quando descreve que até a idade média todos que vagavam pelas ruas, sejam por estarem bêbados, sem emprego ou acometido pela lepra, ocupavam o lugar do mal, pois a sociedade da época pensava que esses indivíduos eram os responsáveis pelas desordens e que por isso deveriam ser recolhidos.

Durante o tempo em que o sujeito permanece no cárcere, o que mais escuta dos profissionais e de seus familiares, quando recebe visitas, é sobre a importância de ter um trabalho e os benefícios que ganha com um emprego formal. Desta maneira, o sujeito começa a internalizar que o emprego formal é o “melhor”. Quando este indivíduo se vê fora do cárcere, a sua intenção é de fato buscar emprego, mas a sua atual condição acaba esbarrando nos estigmas que a sociedade os impõe: de ser um ex-presidiário com escolaridade muito baixa, em muitas vezes.

Por último, na Tabela 19, buscou-se informações a respeito dos sentimentos dos egressos em saberem que ainda estão em situação de monitoramento, embora possam estar em casa, trabalhar e andar na rua.

Tabela 19: Como você se sente sendo monitorado pela justiça?

	Frequência Simples	Frequência Percentual
Tranquilo/ Sem problemas	47	43,51
Péssimo	36	33,33
Preso	17	15,75
Medo	6	5,57
Envergonhado	1	0,92
Não sabe	1	0,92
Total	108	100

De acordo com as respostas foi possível categorizar da seguinte maneira: tranquilo/sem problema, 43,51% (f=47); péssimo, 33,33% (f=36); preso, 15,75% (f=17); medo, 5,56% (f=6); envergonhado, 0,92% (f=1); e não sabe, 0,92% (f=1).

Segundo Lauermann e Guazina (2013 p. 191), o controle sobre a vida do sujeito após o encarceramento continua, de outra maneira, porém com a “mesma finalidade que é de isolar ou colocar barreiras ao que foge dos padrões”. O fato de o sujeito ter que comparecer em um órgão do Poder Público, como o Patronato, de tempos em tempos, corrobora, para alguns, com o sentimento de sentir-se péssimo ou ainda preso.

Na categoria onde os 33,33% dos egressos que verbalizaram sentir-se péssimo ao ser monitorado, encontramos alguns discursos, são eles: “me sinto péssimo, não posso sair de casa na hora que quero e não posso fazer nada”, “horrível, onde eu vou, tem gente me olhando sempre, é chato ver as pessoas me olhando e apontando o dedo”, “bom não é, mas estou pagando por alguma coisa que fiz no passado”, “me sinto mal, pois é chato, ruim e complicado ser monitorado, mas a gente tem que pagar pelos nossos erros”, “as vezes me dá raiva, pois não posso ficar andando muito na rua depois do horário, tenho medo de ser prejudicado novamente”, “me sinto uma criança, pois onde eu vou tenho que falar, isso é meio chato”, “acho muito chato, outro dia eu estava na casa da minha namorada e saí, eram mais de 22:00 e tomei uma dura da polícia que me levaram para casa”, “é ruim não poder sair na rua em determinados horários, mas quando isso acabar, vou poder andar mais”.

Neste caso, nota-se que o discurso desses indivíduos está cheio de estigmas impostos pela sociedade. Fazendo um contraponto com Melo (2000) que conceitua a palavra estigma, pode-se analisar que esses egressos se sentem péssimos em ser monitorado pela justiça devido

“aos olhares das pessoas”; em não poder andar na rua tranquilamente em qualquer horário; e em ser surpreendido pela polícia inesperadamente por ela achar que são “suspeitos”.

Dentre os 43,51% dos sujeitos que declararam sentir-se tranquilo/ sem problemas em continuar a ser monitorados, mencionaram o seguinte: “me sinto tranquilo, pois não estou errando mais, sei que estão vendo que não faço mais nada de errado”, “não vejo problema algum, não tenho negócio com facção, então, não me preocupo com nada”, “me sinto normal, fiz errado e tenho que pagar mesmo”, “me sinto normal, pois não faço nada de errado”, “não me incomoda, pois nada mudou em minha vida, ou se mudou, foi para melhor”, “nenhum problema, pois tenho que cumprir a determinação e pagar pelo que fiz, ainda tenho que assinar por 5 anos, mas é melhor estar aqui assinando do que estar preso no massacre, lá dentro sinto calor, frio e fome”.

É interessante notar que o discurso desses egressos em sentir-se “tranquilo/ sem problemas” com o monitoramento, nos parece bastante conformista com a sua nova situação. Alguns alegam estar melhor agora e relembra os tempos difíceis que passaram dentro do cárcere para justificar sentir-se “tranquilo”.

Dentre os 15,75% dos sujeitos que ainda se sentem presos, afirmaram o seguinte: “me sinto preso, pois não posso sair da rota, tenho horário para tudo”; “me sinto preso, porque não posso ir para onde quero”; “me sinto preso, pois não posso fazer muitas coisas, as 23h tenho que estar em casa”; “me sinto bastante restrito com as coisas”; “parece que ainda estou preso, não posso ficar na rua e tenho restrições a várias coisas”.

Os sujeitos que declararam sentirem-se ainda presos alegaram sentirem-se restringidos quanto a poder viajar e horários que possam permanecer fora de casa. Houve alguns que reclamaram não poder participar de eventos familiares em determinados horários.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nesta dissertação nos trouxe várias discussões sobre as condições de vida que os egressos do Sistema Prisional brasileiro vêm enfrentando no seu retorno a sociedade. Aprendemos, no Referencial Teórico desta pesquisa, que na Europa antiga as normas eram vistas pelo viés religioso e que todo o período da antiguidade até o século XVIII, o suplício foi utilizado para obter confissões das pessoas. Além de tudo, que o cárcere era completamente insalubre e funcionava como um depósito de pessoas. Na modernidade, as primeiras casas de segregação impunham que os presos deveriam trabalhar.

No Brasil, o período colonial foi marcado pelo sistema de escravidão e as prisões serviam apenas de punição e isolamento social. Mas com a chegada da corte portuguesa em 1808, as prisões passaram a transformar os criminosos em trabalhadores disciplinados. No entanto, foi a partir da promulgação da LEP em 1984 que o nosso sistema penal passou a tratar e respeitar os direitos humanos. Atualmente o Psicólogo compõe a equipe técnica de saúde no Sistema Prisional Brasileiro e é o responsável pela realização do acompanhamento psicológico do preso, grupos de acolhimento, atendimento ao familiar do preso e articulação com a equipe multiprofissional.

Aprendemos, ainda, que o Patronato é o local onde se presta assistência ao egresso cabendo a ele a responsabilidade de orientar e fiscalizar o cumprimento das penas PAD, Prestação de Serviço à Comunidade e de Limitação de Final de Semana, assim como e no cumprimento do LC. E que no Estado do Rio de Janeiro a sua sede é localizada no Rio de Janeiro com dois anexos, nos municípios: Campos dos Goytacazes e Volta Redonda.

Em relação ao assunto exclusão social, estudamos que desde a antiguidade já acontecia a exclusão quando alguém não se adequava às regras do grupo. Até o final da Idade Média, na Europa, os excluídos eram os leprosos, os bêbados e os que vagavam pelas ruas. Entretanto, no Brasil, a exclusão se deu pelo preconceito sobre a cor, a miséria, a opção sexual e gênero. Os primeiros a serem excluídos foram os índios e os escravos. Mais tarde tivemos os pobres e moradores de favelas que não trabalhavam.

A ideia da ressocialização, portanto, é de trazer a reflexão no sujeito, durante o período de cárcere, sobre o seu comportamento inadequado anterior, para que ele possa retornar à sociedade e voltar a conviver com as pessoas. No entanto, alguns autores afirmam que o cárcere nunca preparou o sujeito para a liberdade, pois nas prisões eles perdem qualquer poder de

decisão e seus direitos acabam ficando violados. Muitos acabam saindo do cárcere mais revoltados do que nunca.

Portanto, quando se iniciou a proposta para esta pesquisa, de investigar a perspectiva de egressos do Sistema Prisional em relação à vida em sociedade após o cumprimento da pena, não se contou o quanto nos sentiríamos sensibilizados com os apontamentos dos sujeitos ao verbalizar que sofrem com os rótulos das pessoas por serem ex-presidiários. Estes estigmas refletem diretamente na inserção no mercado de trabalho formal.

Isso foi identificado na Tabela 13 – **Qual a sua situação hoje no mercado de trabalho?** – onde a maioria dos egressos alegaram estar trabalhando na informalidade e, em seguida, vem o grupo dos desempregados. Somando os dois, chegamos a 78,70% dos egressos que não estão inseridos no mercado de trabalho formal, ou seja, mais da metade dos sujeitos entrevistados.

O contato com os egressos participantes dessa pesquisa, no momento da aplicação do questionário, foi primordial para o desenvolvimento do trabalho. Através disso, foi possível mergulhar no contexto histórico dos modelos prisionais, entender como funcionam as políticas de atenção a população carcerária no sistema prisional brasileiro e aprofundar as questões da exclusão social e ressocialização. Assim foi possível compreender o discurso de cada sujeito e como as condições discutidas traduzem as demandas sociais e históricas existentes.

Durante o tempo em que realizamos o desenvolvimento da pesquisa, os egressos pontuaram várias questões em relação a idade; cor; tempo que ficou preso; tempo que saiu do cárcere; quantas vezes passou pelo sistema prisional; qual medida está cumprindo na Instituição; grau de escolaridade; motivo do abandono a escola; artigo que está respondendo; o que aconteceu para ser preso; como sente a vida depois que saiu do cárcere; situação no mercado de trabalho; profissão; dificuldades na vida depois que saiu do cárcere; o que pretende fazer da vida agora que está fora do cárcere; como percebe as pessoas ao saber que é um ex-presidiário; vida futura; e como se sente sendo monitorado pela justiça.

Diante a situação, foi possível destacar que a maioria dos egressos participantes da pesquisa possuía idade entre 21 a 40 anos. É importante destacar que, em condições normais, os indivíduos desta faixa etária estão no auge da carreira profissional e da vida afetiva. Ou seja, é a fase em que deveriam ser economicamente ativos (PIRES; GATTI, 2006).

Em relação à autodeclaração sobre a cor, a maioria se pronunciou sendo pardo. No entanto, se somarmos a quantidade de sujeitos pardos com os sujeitos negros, os números

chegam a duplicar comparando com os sujeitos que se autodeclararam brancos. Avalia-se esta questão sendo bastante grave, pois nos mostra o quanto a população negra ainda sofre com a exclusão social. Muitas vezes são eles os considerados “suspeitos” por ter cometido o crime.

Tratando-se do tempo de prisão e do tempo fora do cárcere, no primeiro caso a maioria declarou que ficou no sistema prisional entre 1 a 5 anos, no segundo, a maioria dos egressos entrevistados informaram estar a menos de um ano fora do cárcere. Esta situação reflete diretamente na inserção do mercado de trabalho formal.

Contudo, a pesquisa nos apontou que a maioria dos entrevistados esteve apenas uma vez preso. Como a aplicação do questionário nos egressos foi realizado em um mês no Patronato Magarino Torres Anexo Volta Redonda aproveitando todos os que chegavam para o atendimento na Unidade, a maioria estava em cumprimento do Livramento Condicional (LC).

É importante destacar que a maioria dos egressos entrevistados possui o Ensino Fundamental Incompleto. A justificativa maior para o abandono da escola foi o de ter que trabalhar e, logo em seguida, é o fato de ter entrado para a vida do crime ou por ter sido preso. Dados que chamam bastante atenção: os egressos estão na faixa etária entre 21 a 40 anos e que abandonaram a escola ainda adolescentes.

Sendo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) criado no ano de 1990 com o objetivo de proteger e garantir direitos a todas as crianças e adolescentes. Entendemos, então, que esses indivíduos tiveram seus direitos violados, na época em que eram adolescentes, quando abandonam a escola para ter que trabalhar ou entrar para o crime. Diante a situação, devemos pensar em Políticas Públicas que possam atender melhor a população menos privilegiada dando suporte e incentivo para que os adolescentes não abandonem a escola.

Outro ponto que merece ênfase é o fato de que grande parte dos egressos participantes desta pesquisa está respondendo por crimes ligados a drogas. Atualmente, no Brasil a questão das drogas está virando um grande problema de saúde pública, que deve ser combatido através de políticas de enfrentamento ao uso de drogas. Grande parte da população carcerária que está presa por motivos ligados a drogas, na realidade, é usuário de substância ilícita e, muitas vezes, foi flagrada consumindo drogas. Esses sujeitos acabam parando no cárcere e respondendo pelo o crime de tráfico, muitas vezes, por conta de sua aparência e condição social.

Em relação à vida pós cárcere, os participantes da pesquisa, por sua maioria responderam que a vida está bem, que voltou ao normal e que sua rotina profissional está ótima. Entretanto, muitos verbalizaram que estão trabalhando na informalidade ou estão

desempregados. Ainda alegaram que a maior dificuldade é a inserção no mercado de trabalho formal e o preconceito. Porém, houve aqueles que mencionaram não estar passando por nenhuma dificuldade. Esta questão pode ser explicada, pois aqueles que estão a mais tempo fora do cárcere já podem se estabelecer, mas aqueles que estão recentes no convívio social ainda enfrentam o problema do preconceito e da exclusão, por isso a dificuldade de inserção no trabalho formal.

Sobre a questão: **o que pretende fazer da vida agora que está em uma nova etapa?** representada pela Tabela 16, a maioria dos egressos participantes da pesquisa verbalizaram ter o desejo de trabalhar e, em seguida, há aqueles que pretendem constituir família. Em relação à questão: **como percebe as pessoas ao saber que é um ex-presidiário?** representada pela Tabela 17, muitos afirmaram que percebem que as pessoas não gostam, sentem medo deles e têm preconceito com eles.

Sobre a vida futura, representada pela Tabela 18, é importante destacar que a maioria dos egressos participantes da pesquisa, se veem ao lado da família. Neste caso, devemos levar em consideração o fato de que em todo período que o sujeito passa pelo cárcere, é apenas a família quem lhe dá o suporte. É justamente a família quem fornece as roupas e artigos de higiene, e nas visitas, contribui para as questões emocionais. Logo em seguida, há aqueles sujeitos que imaginam a sua vida futura trabalhando. No entanto, cabe pontuar que alguns dos egressos enxergaram o futuro como algo distante, enquanto outros, o perceberam como estando bem próximo.

Em relação a ser monitorado pela Justiça, a maioria dos egressos participantes não vê problemas, o que nos pareceu ser um discurso conformado com sua situação atual e por isso se sente “normal”. Isso nos leva a pensar que o discurso da sociedade em condenar os comportamentos ditos “errados” levam muitas vezes os sujeitos encarcerados a repensar sobre sua vida e ao sair ter um discurso altamente conformista. É como um passarinho que acaba de ser enjaulado. De início, vai se debater e tentar fugir, depois começa a ver que tem as suas vantagens e, no final, acostuma-se com a vida preso.

O sujeito quando vai preso, de início fica revoltado, mas o tempo no cárcere o transforma em pessoa mais calma. Muitos tem o propósito de inserção no mercado de trabalho e estar próximo a família, mas as dificuldades, principalmente logo após deixar o cárcere, são inúmeras.

No entanto, os outros discursos de se sentir péssimo e preso com o monitoramento, nos apontam que alguns querem disfrutar de sua liberdade. Ou seja, desejam sair de suas casas em qualquer horário, sem ter que se preocupar com o seu retorno. Assim como, almejam viajar para outros Estados.

Desta forma, no contexto institucional dos egressos do Sistema Prisional, pode-se considerar grande evidência entre as contradições sobre as Políticas de Proteção aos encarcerados e a violação dos direitos deles. Analisando o nosso referencial teórico abordado no capítulo 2 sobre as políticas de atenção à população carcerária no sistema prisional, identificamos que a Lei de Execução Penal (LEP) que garante alguns direitos aos presos muitas vezes são violadas.

No entanto, quando esse sujeito chega na fase final do sistema prisional, ou seja, quando está em situação de Livramento Condicional (LC) ou Programa Albergue Domiciliar (PAD), muitos se tornam conformados de que precisa mudar. Porém, outros ficam revoltados com o sistema e com a maneira com que são tratados pela sociedade após o cárcere.

O trabalho do psicólogo é fundamental no sistema prisional em todas as instâncias, pois a ele compete trabalhar as questões de prevenção da saúde mental dos encarcerados, além de promover diálogos e informações sobre a sua situação jurídica. Isso permite ao sujeito ser escutado e potencializado sobre as suas questões, além de promover reflexões sobre suas histórias de vida.

A pesquisa é finalizada trazendo reflexões, aos leitores, a respeito de quanto o sistema prisional brasileiro ainda deve ser melhorado para atender a população carcerária respeitando os preceitos dos direitos humanos. O quanto a sociedade precisa parar de olhar os sujeitos através do preconceito, incluindo-os em empregos formais sem ter juízos de valores. E o quanto o Governo, em todas as Instâncias, deve promover Políticas Públicas que assegurem direitos a população, de modo geral, que previnam os sujeitos a não chegar no sistema prisional ou reincidindo no neste sistema.

9. REFERÊNCIAS

ALVES, M.; ARRUDA, R. A. Direito de resistência no sistema prisional brasileiro: sobre a violência institucional. **Revista de Criminologia e Políticas Criminais**. Brasília, v.3, n.1, p 98-114, 2017.

ANDRADE, U. S.; FERREIRA, F. F. Crise no Sistema Penitenciário Brasileiro: capitalismo, desigualdade social e prisão. **Revista de Psicologia, Diversidade e Saúde**. Salvador, v. 4, n. 1, p. 116-129, 2015. Disponível em:
<<http://depen.gov.br/DEPEN/depen/espen/Crisenosistemapenitenciriobrasileiro2015.pdf>>

BANDEIRA, L.; BATISTA, A. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.10, n.1, p 119-141,2002.

BARDIN, L. (2016). **Análise de Conteúdo**. 1ed. São Paulo: Edições 70, 2016

BITENCOURT, C. R. **Tratado de direito penal: parte geral 1**. 15 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

BITENCOURT, C. R. **Falência da pena de prisão: causas e alternativas**, 5a ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 2016. Disponível em:
<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>

BRASIL. **Decreto-Lei n. 2847/1940 do Código Penal**. Brasília, 2017. Disponível em:
<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf>

BRASIL. **Lei n. 9010**, de 29 de março de 1995. Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. Brasília, 1995. Disponível em:
<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1995/lei-9010-29-marco-1995-348623-publicacaooriginal-1-pl.html>>

BRASIL. **Lei n. 7210**, de 11 de julho de 1984. Dispõe sobre a Lei de Execução Penal. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7210-11-julho-1984-356938-normaAtualizada-pl.pdf>>

BRASIL. Ministério da Justiça. **Resolução nº. 3, de 11 de março de 2009**. Dispõe sobre Diretrizes Nacionais para a Oferta de Educação nos Estabelecimentos Penais. Brasília, seção 1, p. 22-23, 2009. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10028-resolucao-3-2009-secadi&Itemid=30192>

BRASIL. Ministério da Justiça. **Resolução nº. 8**, de 09 de novembro de 2011. Estabelece Diretrizes de Assistência Religiosa nas Unidades Prisionais. Brasília, seção 1, p. 66, 2011. Disponível em:
<<http://www.criminal.mppr.mp.br/arquivos/File/ExecucaoPenal/CNPCP/2011resolucaoCNPCP08.pdf>>

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias Atualização – Junho 2016**. Brasília, 2017. Disponível em: < http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias-2016/relatorio_2016_22111.pdf>

CHAZKEL, A. Uma perigosíssima lição: a Casa de Detenção do Rio de Janeiro na Primeira República. In: MAIA, C. N.; NETO, F.; COSTA, M.; BRETAS, M. L. (orgs). **História das Prisões no Brasil, Volume 2**. Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP n. 010/05**, de 27 de agosto de 2005. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: 2014.

COSTA, G. M. C.; BARBOSA, M. L.; CELINO, S. D. M.; OLIVEIRA, L. V. Perfil Demográfico e das Condições de Trabalho: a realidade das equipes de saúde implantadas em unidades prisionais. **Revista Brasileira Pesquisa em Saúde**. Vitória, v. 16, n.4, p. 12-22, 2014. Disponível em:

<file:///C:/Users/carol/Desktop/Refer%C3%A2ncias%20bibliogr%C3%A1ficas%20-%20Projeto/Cap%C3%ADtulo%202%20-%20A%20pol%C3%ADtica%20de%20aten%C3%A7%C3%A3o%20ao%20c%C3%A1rcere/11169-28706-1-SM.pdf>

CUNHA JUNIOR, F. Prisão-albergue domiciliar. Discrepância da realidade social com a positividade penal. Dissonância Jurisprudencial. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília, a. 35, n. 137, p. 151-156, 1998. Disponível em:

<<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/342/r137-15.pdf?sequence=4>>

DALL'AGNO, L. L. **Ressocialização do apenado**: a dificuldade no retorno à sociedade. 2010. 64 f. Monografia (Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, 2010.

DIUANA, V.; LHUILIER, D.; SANCHEZ, A. R.; AMADO, G.; ARAÚJO, L.; DUARTE, A. M.; GARCIA, M.; MILANEZ, E.; POUBEL, L.; ROMANO, E.; LAROUZÉ, B. Saúde em prisões: representações e práticas dos agentes de segurança penitenciária no Rio de Janeiro, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 8, p. 1887-1896, 2008.

DUARTE, M. A lei de talião e o princípio de igualdade entre o crime e punição na filosofia do direito de Hegel. **Revista Estudos Hegelianos**. A. 6, n.10, p 75-85, 2009.

FABER, M. O Feudalismo. **História Ilustrada do Feudalismo**. 1a ed., 2011.

FERNANDES, B. R.; RIGETTO, L. E. C. O sistema carcerário brasileiro. **Revista Eletrônica de Iniciação Científica**. Itajaí, v.4, n.3, p 115-135, 2013. Disponível em: <ww.univali.br/ricc>

FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1997

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRAGOSO, G. A. O. A assistência material do Estado para com o preso. **Âmbito Jurídico**. Rio Grande, XI, n. 54, jun 2008. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=2980>

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GRECO, R. **Curso de direito penal: parte geral**. 11 ed., v. 1. Rio de Janeiro: Impetus, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTADÍSTICA. **Um quarto da população vive com menos de R387 por mês**. Agência IBGE notícias, 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18825-um-quarto-da-populacao-vive-com-menos-de-r-387-por-mes>>

INSTITUTO DE DEFESA DO DIREITO DE DEFESA. **Brasil Ocupa 3ª Posição em População Prisional Mundial**. 2017. Disponível em: <<http://www.iddd.org.br/index.php/2017/12/21/brasil-ocupa-3a-posicao-em-populacao-prisional-mundial/>>

JOVCHELOVITCH, A. Psicologia Social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**. V.16, n. 2, p. 20-31, 2004.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: vozes, 2009.

LAUERMANN, J. D.; GUAZINA, F. M. N. Para Além dos Muros Institucionais: problematizando os discursos dos egressos do Sistema Prisional. **Revista Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 178-197, 2013.

LERMEN, H. S.; GIL, B. L.; CÚNICO; S. D.; JESUS, L. O. Saúde no cárcere: análise das políticas sociais de saúde voltadas à população prisional brasileira. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 25, p. 905-924, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312015000300012>>

MACHADO, N.; GUIMARÃES, I. A realidade do sistema prisional brasileiro e o princípio da dignidade da pessoa humana. Revista Eletrônica de Iniciação Científica. Itajaí, Centro de Ciência Sociais e Jurídicas da UNIVALI, v. 5, n.1, p. 566-581, 2014. Disponível em: <www.univali.br/ricc-ISSN2236-5044>

MARCÃO, R. **Curso de Execução Penal**. 10ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

MEDEIROS, A. A. **Sistema Prisional Brasileiro: crise e implicações na pessoa do condenado**. 1ª ed., São Paulo: Letras Jurídicas, 2017.

MELO, L. V.; PAESE, C. R. As políticas sociais e o combate a exclusão: repensando o papel do Estado na contemporaneidade. **Argumentum**. Vitória, v. 5, n. 1, p. 102-119, 2013.

MELO, Z. M. Estigmas: espaço para a exclusão social. **Ciência, Humanidade e Letras**. Pernambuco, a. 4, n. especial, p. 18-22, 2000. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/2457/2457.PDF>>

MINAYO, M. C.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Departamento Penitenciário Nacional – DEPEN. Brasília, 2016. Disponível em: http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio_2016_junho.pdf

MOLINER, J. C. D. P. **A Identidade em Psicologia Social: dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOURA, S.; MENEGHETTI, T. V.; SOARES, J. S. A relação entre direito e religião na origem das leis nos povos antigos. **X Salão de Iniciação Científica PUCRS**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/XSalaoIC/Ciencias_Sociais_Aplicadas/Direito/71285-SKARLETTREGISDEMOURA.pdf

NASCIMENTO, J. P. L.; NOVO, B. N. A psicologia na ressocialização prisional. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, n.114, p. 1-15, 2017. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/psicologia-na-ressocializacao-profissional>

OLIVEIRA, C. B. F. Análise de políticas públicas em programas de governo: o programa de inclusão social do egresso no sistema prisional do governo do Estado de Minas Gerais (PRES-P). **Revista do Laboratório de Estudos da Violência**. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 9ª ed., p. 253-261, 2012.

ONOFRE, E. M. C. O papel da escola na prisão: saberes e experiências de alunos e professores. **Revista Childhood & philosophy**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 271-297, 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/5120/512051604008>

PAGANINI, J. O trabalho infantil no Brasil: uma história de exploração e sofrimento. **Revista Animicus Curiae**, v.5, n.5, p. 01-11, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Downloads/O%20trabalho%20infantil%20no%20Brasil.pdf>

PINHEIRO, L. F.; GAMA, T. S. As origens do sistema penitenciário brasileiro: uma análise sociológica da história das prisões do Estado do Rio de Janeiro. **Sociedade em Debate**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 157-190, 2016. Disponível em: <http://www.rle.ucepel.tche.br/index.php/rsd/article/view/1438/970>

PINSKY, J. **A Escravidão no Brasil**. 21 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

PIRES, A. A. C.; GATTI, T. H. A reinserção social e os egressos do Sistema Prisional por meio de Políticas Públicas da educação, do trabalho e da comunidade. **Inclusão Social**. Brasília, v. 1, n. 2, p. 58-65, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Documents/1518-2213-1-PB.pdf>

PRIORE, M.; VENANCIO, R. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

RAUTER, C. O trabalho do psicólogo em prisões. **O Trabalho da (o) psicóloga (o) no sistema prisional: problematizações, ética e orientações**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, p. 43-52, 2016. Disponível em: < <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/12/O-trabalho-do-psicologo-grafica-web1.pdf>>

REISHOFFER, J. C.; BICALHO, P. P. G. Exame Criminológico e Psicologia: crise e manutenção da disciplina carcerária. **Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 34-44, 2017.

ROIG, R. D. E. **Direito e Prática Histórica da Execução Penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

SANTANA, S. M. **A prática da psicologia nas políticas públicas de ressocialização em Pernambuco**. 2016. 151 f. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco – UCP, Recife, 2016. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2017-01-06T170631Z-910/Publico/silvana_maria_santana.pdf>

SANTINELLO, J. A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos. **Revista Estudo Comunitário**. Curitiba, v.12, n. 28, p. 153-159, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/viewFile/22367/21465>>

SANTOS, M. M.; ALCHIERI, J. C.; FILHO, A. J. F. Encarceramento humano: uma revisão histórica. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 170-181, 2009. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v2n2/v2n2a12.pdf>>

SANTOS, M. M. **Assistência ao Preso Contida na Lei 7210/84 e o Princípio da Dignidade da Pessoa Humana**. 2007. 85 f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Direito). Fundação Universidade Federal de Rondônia – FUFRR, Rondônia, 2007.

SECRETARIA ESTADUAL DE ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA. **Patronato Magarino Torres**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seap/exibeconteudo?article-id=1484134>>

SECRETARIA ESTADUAL DE ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA. Cartilha do Egresso da Secretaria de Administração Penitenciária. **Patronato Magarino Torres**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://visitanteseap.detran.rj.gov.br/VisitanteSeap/documentos/cartilhaegressos20set2012.pdf>>

SILVA, M. F.; NOBRE, M. N. S. Racismo, exclusão social e a construção da identidade das crianças negras no Brasil. **Socializando**, v. 4, n. 1, p. 20-34, 2017.

SILVA, P. G. **Ressocialização do sentenciado**. 2008. 58 f. Monografia (Graduação em Direito). Universidade do Vale do Rio Doce – UNIVALE, Governador Valadares, 2008.

SOARES, A. M.; PEREIRA, G. R.; FREITAS, R. F. Lei de Execução Penal (LEP) em penitenciária de segurança máxima para ressocialização de apenado: análise de políticas públicas. **Revista Multitexto**, Montes Claros, v. 5, n. 1, p. 57-65, 2017. Disponível em: <<https://favenorte.com.br/pesquisa/Artigos%20Publicados/248-1-637-1-10-20170808.pdf>>

TRINDADE, L. A. **A Ressocialização... uma (dis)função da pena de prisão**. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris, 2003.

ZACKSESKI, C.; MACHADO, B. A.; AZEVEDO, G. O Encarceramento em Massa no Brasil: uma proposta metodológica de análise. **Revista Crítica Penal y Poder**. Barcelona, n.12, p. 269-289, 2017. Disponível em:

<<file:///C:/Users/carol/Desktop/Refer%C3%Aancias%20bibliogr%C3%A1ficas%20-%20Projeto/Cap%C3%ADtulo%202%20-%20A%20pol%C3%ADtica%20de%20aten%C3%A7%C3%A3o%20ao%20c%C3%A1rcere/18420-39416-1-PB.pdf>>

ANEXO**1- Parecer do Comitê de Ética**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMISSÃO DE ÉTICA NA PESQUISA DA UFRRJ / CEP

Protocolo Nº 1.330/19

PARECER

O Projeto de Pesquisa intitulado “Perspectiva de egressos do sistema prisional em relação a vida em sociedade após cumprimento da pena” sob a coordenação da Professora Dr^a. Sílvia Maria Melo Gonçalves, do Instituto de Educação/Programa de Pós-Graduação em Psicologia, processo 23083.011787/2019-86, atende os princípios éticos e está de acordo com a Resolução 466/12 que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos.

UFRRJ, 05/07/19.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Lúcia Helena Cunha dos Anjos', written in a cursive style.

Prof.^a Dra. Lúcia Helena Cunha dos Anjos
Pró-Reitora Adjunta de Pesquisa e Pós-Graduação

2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor Participante;

Convidamo-lo a participar, através de questionário, da pesquisa intitulada PERSPECTIVA DE EGRESSOS EM RELAÇÃO A VIDA EM SOCIEDADE APÓS CUMPRIMENTO DA PENA, sob a responsabilidade da pesquisadora Carolina Maria Felipe dos Santos Silva e orientação da Professora Dra. Silvia Maria Melo Gonçalves, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A presente pesquisa é vinculada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRRJ.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Descrição: Trata-se de uma pesquisa exploratória e de caráter qualitativo cujo objetivo é de investigar como são as perspectivas dos egressos em sociedade após o cumprimento da pena. Para isso pretende-se investigar as perspectivas de vida futura desses egressos, assim como, verificar junto a estes sujeitos os seus sentimentos, as suas dificuldades e as suas pretensões de vida presente após a saída do cárcere. Ainda buscaremos pesquisar a percepção desses indivíduos em relação ao outro quando toma conhecimento de que é um ex-presidiário e averiguar através deles os seus sentimentos diante ao fato de estarem monitorados pela justiça após o cárcere.

Benefícios decorrentes na participação da pesquisa: A participação nesta pesquisa trará dados importantíssimos sobre o modo como o sujeito se percebe no convívio social logo após ter ficado em situação de privação de liberdade no sistema prisional.

Riscos e condutas decorrentes da participação da pesquisa: Considera-se que esta pesquisa tenha risco mínimo que possa gerar mal-estar físico, psicológico, ideológico, político, religioso, ou quaisquer outros previstos em decorrência do questionário. No entanto, se por algum motivo

sentir-se desconfortável com os procedimentos, a qualquer momento você poderá desistir de participar da pesquisa, sem que isto acarrete qualquer ônus a você.

Período de participação, sigilo e consentimento: Sua participação será no próprio Patronato Magarino Torres anexo Volta Redonda. Haverá total sigilo, não serão divulgados nomes, em nenhuma circunstância, durante o desenvolvimento e publicação da pesquisa. Caso concorde com a participação, a qualquer tempo, será possível retirar o seu consentimento, sem qualquer prejuízo pessoal ou institucional. Sua participação será voluntária, não haverá compensação financeira, sob nenhuma forma, e sem custos.

Dados e Instrumentos: A pesquisadora usará um questionário para coletar os dados em que os egressos irão fornecer. Esses dados ficarão arquivados com a pesquisadora no período de cinco anos e após esse tempo serão destruídos.

Termo: O termo será fornecido em duas vias de acordo com a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde. Uma via ficará com os pesquisadores e a outra será fornecido a você.

Resultado da pesquisa: Os resultados da pesquisa deverão auxiliar a produção científica através de artigos publicados e/ou divulgados em encontros científicos. Entretanto, será resguardado a privacidade do participante.

Contatos para obter maiores informações sobre a pesquisa:

Pesquisador responsável: Carolina Maria F. dos Santos Silva

E-mail: carolamaria25@yahoo.com.br

Orientadora: Dra. Silvia Maria Melo Gonçalves

E-mail: gsilviamm@gmail.com

E-mail da Comissão de Ética da UFRRJ: comissaodeetica@ufrj.br

Eu, _____ estou
ciente das informações dadas acima e concordo em participar desta pesquisa.

Volta Redonda, _____ de _____ de 20____

Assinatura do Participante

3 – Autorização do Subsecretário Adjunto (formulário próprio)

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
 Processo E-21/087/100043/2018
 Data: 06/09/2018 fls: 57
 Rubrica:  4274896-8



Governo do Estado do Rio de Janeiro
 Secretaria de Estado de Administração Penitenciária
 Subsecretaria Adjunta de Gestão Operacional

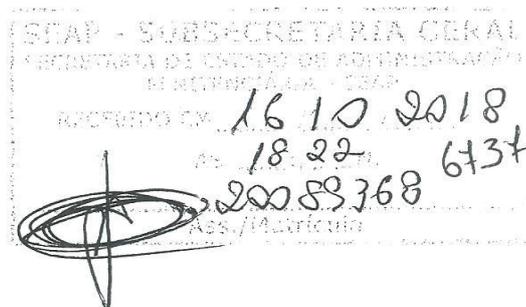
De: SEAP-OP

Para: SEAP-SG

No seguimento para deliberação, informando que este Subsecretário Adjunto não se opõe ao prosseguimento da referida pesquisa no que tange “**Perspectiva de Egressos do Sistema Prisional Sobre o Retorno à Sociedade**”. Ratificando a proibição de utilização de equipamentos eletrônicos (ex. máquinas fotográficas, gravadores e etc.), bem como, que, nas entrevistas realizadas, deverá ser velado o anonimato dos internos e egressos; vetada, ainda, a produção de documentos pertencentes à Unidade Prisional a ser pesquisada, que só poderão ser manuseados a título de consulta. Por derradeiro, solicitamos o encaminhamento a SEAP-EP para continuidade dos procedimentos.

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 2018.


LEONAM LEÃO DE OLIVEIRA
 Subsecretário Adjunto de Gestão Operacional
 ID: 1980036-3



SEAP-OP End. Pça. Cristiano Ottoni, s/nº Ed. D. Pedro II, 5º andar Sala 508 Centro
 Rio de Janeiro - RJ CEP: 20221-250 Tel. (2334-5182/2334-5192/Fax-2334-5189)

4 – Autorização SEAP



Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Administração Penitenciária
Escola de Gestão Penitenciária

CI SEAPEP/CESP N° 113

Rio de Janeiro, 31 de outubro de 2018.

Para: **Patronato Margarino Torres, anexo Volta Redonda**

Do: **Centro de Estudos e Pesquisa**

Assunto: **Encaminhamento de documentação de pesquisa autorizada**

Cumprimentando-a, encaminho a essa Direção documentação anexa relativa ao processo E-21/087/100043/2018, no qual a pesquisadora Carolina Maria Felipe dos Santos Silva, RG: 11.557.970-8, foi autorizada a realizar pesquisa nessa Unidade a partir desta data. A referida pesquisa terá a duração de 90 dias úteis, segundo o Art.11 da Resolução Seap N° 671.

Atenciosamente,


José Paulo de Morais Souza
Diretor do Centro de Estudos e Pesquisa
Id. Func.19984529

5 - Declaração da SEAP



Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Administração Penitenciária
Escola de Gestão Penitenciária

DECLARAÇÃO

Declaramos para comprovação junto à Vara de Execuções Penais que a pesquisadora Carolina Maria Felipe dos Santos Silva, RG: 11.557.970-8, solicitou autorização de pesquisa junto à Unidade: Patronato Margarino Torres - Anexo: Volta Redonda, com o tema “Perspectiva de Egressos do Sistema Prisional sobre o Retorno à Sociedade” e que para tal se faz necessária paralela autorização do Juiz da VEP.

Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 2018.


José Paulo de Morais Souza
Diretor do Centro de Estudos e Pesquisa
Id. Func.19984529

*SEAP opasial,
pela VEP.
RS, 05/11/2018.*



APÊNDICE

1. Instrumento



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

QUESTIONÁRIO

- 1) Qual sua idade?
- 2) Como você autodeclara a sua cor?
- 3) Quanto tempo ficou preso?
- 4) Há quanto tempo você saiu do cárcere?
- 5) Esta foi a primeira vez que você foi preso? () sim () não
- 6) Quantas vezes você foi preso?
- 7) O que você está cumprindo? () LC () PAD
- 8) Você estudou até que série?
- 9) Por que parou de estudar?
- 10) Qual é o artigo que você está respondendo?
- 11) O que aconteceu para você ser preso?
- 12) Como você está sentindo sua vida depois que saiu do cárcere? (Rotina profissional, afetiva e vida familiar)
- 13) Qual é sua situação hoje no mercado de trabalho?
() Desempregado () Informal () Formal () aposentado/auxílio doença
- 14) Qual é sua profissão atual?
- 15) Quais são as dificuldades na vida depois que saiu do cárcere?
- 16) O que você pretende fazer da sua vida agora que está em uma nova etapa?
- 17) Como você percebe as pessoas em relação a saberem que você é um ex-presidiário?
- 18) Pensando no futuro, como você imagina sua vida?
- 19) Como você se sente sendo monitorado pela justiça?

2. Respostas

Pergunta 1. Qual é a sua idade?

25 anos	32 anos	24 anos	28 anos
29 anos	27 anos	36 anos	35 anos
35 anos	48 anos	43 anos	24 anos
56 anos	34 anos	28 anos	22 anos
34 anos	48 anos	35 anos	24 anos
55 anos	42 anos	23 anos	28 anos
22 anos	31 anos	23 anos	27 anos
28 anos	32 anos	34 anos	41 anos
24 anos	32 anos	47 anos	33 anos
27 anos	34 anos	31 anos	42 anos
41 anos	60 anos	39 anos	50 anos
39 anos	28 anos	33 anos	30 anos
28 anos	26 anos	31 anos	35 anos
29 anos	27 anos	34 anos	23 anos
42 anos	27 anos	28 anos	21 anos
24 anos	38 anos	51 anos	38 anos
41 anos	49 anos	31 anos	30 anos
61 anos	26 anos	37 anos	44 anos
24 anos	30 anos	45 anos	22 anos
39 anos	20 anos	66 anos	47 anos
56 anos	38 anos	38 anos	28 anos
39 anos	26 anos	39 anos	
37 anos	31 anos	29 anos	
33 anos	34 anos	32 anos	
23 anos	23 anos	20 anos	
23 anos	34 anos	24 anos	
42 anos	22 anos	27 anos	
26 anos	24 anos	26 anos	
29 anos	23 anos	37 anos	

Pergunta 2. Como você autodeclara a sua cor?

pardo	preto	branco	branco
pardo	branco	pardo	branco
branco	preto	pardo	pardo
preto	branco	pardo	pardo
pardo	pardo	pardo	preto
branco	pardo	pardo	branco
pardo	preto	preto	pardo
preto	pardo	pardo	pardo
preto	pardo	preto	preto
preto	pardo	branco	pardo
branco	pardo	preto	pardo
branco	preto	branco	pardo
preto	preto	branco	preto
pardo	preto	branco	preto
pardo	preto	pardo	preto
pardo	branco	branco	
preto	pardo	branco	
preto	branco	branco	
branco	branco	pardo	
pardo	pardo	branco	
branco	pardo	preto	
pardo	pardo	pardo	
pardo	pardo	branco	
pardo	branco	pardo	
preto	branco	pardo	
pardo	preto	pardo	
pardo	branco	pardo	
pardo	preto	branco	
branco	pardo	pardo	
pardo	pardo	preto	
branco	branco	preto	

Pergunta 3. Quanto tempo ficou preso?

3 anos e 4 meses	27 anos ou mais	2 anos	2 anos
9 anos	6 anos	2 anos e 1 mês	10 anos
4 anos e 1 mês	2 anos e 4 meses	2 anos	4 anos
5 anos	4 anos	2 anos	2 anos e 1 mês
2 anos e 3 meses	5 anos e 4 meses	4 anos e 6 meses	4 anos e 6 meses
7 anos	7 anos	10 meses	5 anos
2 anos e 8 meses	3 anos	2 anos e 3 meses	1 ano e 2 meses
4 anos e 6 meses	12 anos	2 anos e 11 meses	2 anos e 4 meses
2 anos	6 anos	3 anos	9 meses
2 anos e 6 meses	6 anos e 4 meses	3 anos e 11 meses	3 anos e 6 meses
1 ano e 4 meses	7 anos	8 anos	1 ano e 3 meses
6 meses	4 anos e 5 meses	1 ano e 3 meses	2 anos e 9 meses
4 anos e 8 meses	6 anos	5 anos	3 anos e 11 meses
4 anos e 4 meses	12 anos e 6 meses	7 anos	4 anos e 6 meses
2 anos e 2 meses	8 anos	4 anos	1 ano e 8 meses
2 meses	3 anos	3 anos e 6 meses	
4 anos e 8 dias	1 ano e 8 meses	4 anos	
6 anos	1 ano e 2 meses	1 ano e 11 meses	
4 anos	11 meses	5 anos	
7 anos	3 anos e 9 meses	6 anos	
3 anos e 2 meses	2 anos e 10 meses	2 anos e 1 mês	
1 ano e 4 meses	12 anos	1 ano e 10 meses	
7 anos	1 ano e 10 meses	5 anos	
2 anos e 2 meses	6 anos e 9 meses	2 anos e 7 meses	
2 anos	4 anos	11 anos	
2 anos e 6 meses	2 anos e 6 meses	3 anos e 3 meses	
2 anos e 8 meses	2 anos e 8 meses	5 anos e 8 meses	
2 meses	11 meses e 2 dias	1 ano e 9 meses	
3 anos e 8 meses	2 anos e 4 meses	2 anos e 10 meses	
2 anos e 4 meses	4 anos e 4 meses	1 ano e 11 meses	
3 anos e 8 meses	2 anos e 4 meses	5 anos e 4 meses	

Pergunta 4. Há quanto tempo você já saiu do cárcere?

4 meses	5 ou 6 anos	11 meses	7 meses
6 meses	2 anos	10 meses	1 ano e 2 meses
1 ano	9 meses	1 semana	1 ano e 4 meses
1 semana	1 ano	4 meses	3 meses
1 ano e oito meses	4 meses	2 anos	2 anos
2 anos	1 ano e 3 meses	1 ano e 3 meses	6 dias
1 ano e 7 meses	2 anos	1 ano e 4 meses	7 dias
20 dias	3 anos	9 meses	7 meses
03 meses	9 meses	8 meses	1 semana
1 ano e 6 meses	2 anos	5 meses	1 ano e 6 meses
3 meses e 15 dias	1 ano e 5 meses	5 meses	3 anos
20 dias	2 anos	1 ano e 3 meses	1 ano e 4 meses
3 meses	3 anos	1 semana	1 ano e 6 meses
6 meses	9 meses	8 anos	2 anos
3 meses	4 anos	9 meses	1 ano e 5 meses
1 ano e 3 meses	1 ano e 4 meses	2 anos	
1 ano e 13 dias	4 anos	1 ano e 6 meses	
2 anos	7 meses	1 semana	
4 meses	4 dias	4 meses	
10 anos	6 meses	1 mês	
1 mês	1 semana	9 meses	
3 meses	4 meses	23 dias	
11 meses	1 mês	8 dias	
2 anos	4 anos	5 meses	
3 anos	1 semana	1 semana	
3 semanas	7 meses	1 ano e 9 meses	
1 ano	5 meses	1 ano e 2 meses	
1 ano e 6 meses	9 meses	4 anos	
2 anos	5 dias	6 meses	
1 ano	9 meses	1 mês	
1 ano e 6 meses	1 ano e 6 meses	1 mês	

Pergunta 5. Esta foi a primeira vez que foi preso?

sim	não	não	não
não	sim	sim	não
sim	sim	sim	sim
sim	sim	sim	sim
sim	sim	sim	não
sim	sim	sim	não
sim	não	não	sim
sim	não	não	não
sim	não	sim	não
sim	não	não	sim
não	sim	não	sim
sim	sim	sim	sim
não	sim	sim	sim
não	não	sim	sim
sim	não	sim	sim
sim	sim	sim	
sim	sim	sim	
sim	sim	sim	
não	não	não	
sim	não	sim	
sim	não	sim	
sim	não	sim	
não	não	sim	
sim	não	sim	
sim	sim	não	
sim	sim	sim	
sim	sim	sim	
sim	não	sim	
sim	não	não	
sim	não	sim	
sim	não	não	

Pergunta 6. Quantas vezes você foi preso?

1 vez	5 vezes	2 vezes	2 vezes
4 vezes	1 vez	1 vez	2 vezes
1 vez	1 vez	1 vez	1 vez
1 vez	1 vez	1 vez	1 vez
1 vez	1 vez	1 vez	2 vezes
1 vez	1 vez	1 vez	3 vezes
1 vez	3 vezes	2 vezes	1 vez
1 vez	2 vezes	2 vezes	2 vezes
1 vez	2 vezes	1 vez	3 vezes
1 vez	3 vezes	2 vezes	1 vez
2 vezes	1 vez	2 vezes	1 vez
1 vez	1 vez	1 vez	1 vez
4 vezes	1 vez	1 vez	1 vez
2 vezes	4/5 vezes	1 vez	1 vez
1 vez	2 vezes	1 vez	1 vez
1 vez	1 vez	1 vez	
1 vez	1 vez	1 vez	
1 vez	1 vez	1 vez	
2 vezes	2 vezes	3 vezes	
1 vez	2 vezes	1 vez	
1 vez	2 vezes	1 vez	
1 vez	3 vezes	1 vez	
2 vezes	2 vezes	1 vez	
1 vez	3 vezes	1 vez	
1 vez	1 vez	2 vezes	
1 vez	1 vez	1 vez	
1 vez	1 vez	1 vez	
1 vez	3 vezes	1 vez	
1 vez	9 vezes	2 vezes	
1 vez	3 vezes	1 vez	
1 vez	3 vezes	2 vezes	

Pergunta 7. O que você está cumprindo?

PAD	LC	LC	LC
LC	LC	LC	LC
LC	LC	LC	LC
LC	LC	LC	LC
LC	LC	LC	LC
LC	LC	LC	LC
PAD	LC	LC	LC
PAD	LC	LC	LC
PAD	LC	LC	LC
PAD	LC	LC	LC
PAD	LC	PAD	LC
PAD	LC	LC	LC
LC	LC	LC	LC
LC	LC	PAD	LC
LC	LC	LC	LC
LC	LC	LC	
LC	LC	LC	
LC	PAD	PAD	
LC	LC	LC	
PAD	LC	LC	
PAD	PAD	LC	
PAD	PAD	PAD	
PAD	PAD	LC	
PAD	LC	LC	
PAD	LC	LC	
PAD	LC	LC	
LC	PAD	LC	
LC	PAD	LC	
PAD	PAD	LC	
LC	LC	PAD	
LC	LC	LC	

Pergunta 8. Você estudou até que série?

Até a 6ª série/ fundamental

Até a 8ª série/ fundamental

Até a 5ª série/ fundamental

Até a 7ª série/ fundamental

Médio Completo

Até 8ª série/ Fundamental (não concluiu)

Até 7ª série/ Fundamental

Até 2º ano/ Médio

Até 1º ano/ Médio

Até 9º ano/ Fundamental (incompleto)

Até 6ª série/ Fundamental

Fundamental completo

Até 6ª série/ Fundamental

Até 2ª série/ Fundamental

Até 4ª série/ Fundamental

Até 1º ano/ Médio (incompleto)

Até 4ª série/ Fundamental

Até 4ª série/ Fundamental

Até 4ª série/ Fundamental

Até 5ª série/ Fundamental (na prisão concluiu o fundamental e estava cursando o ensino médio)

Até 4ª série/ Fundamental (na prisão conclui o fundamental)

Até 8ª série/ Fundamental (incompleto)

Fundamental completo

Até 8ª série/ fundamental (incompleto).

Até 1º ano/ médio

Até 2º ano/ médio

Até 2º ano/ médio

Até 6ª série/ Fundamental

Ensino médio completo

Ensino fundamental completo

Ensino médio completo

Até a 6ª série/ fundamental

Cursando o 2º ano/ médio

Até 1º ano/ médio

Ensino médio completo

Ensino médio completo

Até o 2º ano/ médio

Até 7ª série/ Fund.

Até 6ª série/ Fund.

Não estudei

Até 4ª série/Fund.

Até 7ª série/Fund.

Até 5ª série/Fund.

Ensino médio completo

Até 1ª série/Fund.

Até 4ª série/Fund.

Até 6ª série/Fund.

Até 8ª série/Fund. (incompleto)

Até 8ª série/Fund. (incompleto)

Médio Completo

Até 4ª série/ Fund.

Ensino médio completo

Até 4ª série/Fund.

Até 7ª série/Fund.

Até 8ª série/Fund. (incompleto)

Até 1º ano/ Médio

Até 1º ano/ Médio

Até 1º ano/ Médio

Até 6ª série/ Fund.

Até 5ª série/ Fund.

Até 6ª série/ Fund.

Até 1º ano/ Médio. Mas estou cursando o ensino médio por supletivo.

Médio completo

Até 7º ano/ Fund.

Até 8ª série/ Fund. (incompleto)

Superior incompleto (até 3º período do curso de Ciências Contábeis)

Até 5ª série/ Fund.

Até 5ª série/ Fund.

Até 8ª série/ Fund.

Fundamental completo

Ensino médio completo

Até 3ª série/ Fund.

Até 8ª série/ Fund. (incompleto)

Fundamental completo

Até o 2º ano/ Médio.

Ensino médio completo

Fundamental completo

Até 2ª série/ Fund.

Até 3º ano/ Médio (incompleto).

Ensino médio completo

Até o 9º ano/ Fund. (incompleto)

Ensino médio completo

Até 9º ano/ Fund. (incompleto)

Médio Completo

2º ano/ Médio

Até o 1º ano/ Médio

Até 8ª série/ Fund. (incompleto)

Médio completo

Até 7ª série/ Fund.

Fundamental completo

Até o 1º ano/ Médio (Fundamental completo)

Até a 5ª série/ Fund.

Até a 6ª série/ Fund.

Até a 6ª série/ Fund.

Até a 5ª série/ Fund.

Até a 5ª série/ Fund.

Até 2º ano/ Médio

Fundamental completo

Até 5ª série/ Fund.

Até 5ª série/ Fund.

Até 5ª série/ Fund.

Até 5ª série/ Fund.

Médio completo

Médio completo

Até 6ª série/ Fund.

Até 5ª série/ Fund.

Médio completo, sou técnico de mecânica.

Até o 2º ano/ Médio

Pergunta 9. Por que parou de estudar?

Eu era muito novo, tinha 18 anos quando parei de estudar. Conheci algumas pessoas, decidi sair de casa e parei de estudar.

Parei por conta do crime, também tive que trabalhar muito novo.

Parei por parar, mas me arrependo hoje. Hoje preciso do estudo e não tenho.

Tinha que trabalhar para ajudar meus pais.

Porque na época era muito difícil estudar e trabalhar. Morava na roça e a escola era muito longe de casa. A escola ficava na cidade e não havia transporte. Onde eu morava só tinha até a 4ª série/ fundamental. Mas até que eu estudei um pouco mais.

Desanimei de estudar.

Porque entrei para servir no exército e não consegui concluir.

Parei de estudar porque estava trabalhando. O horário do trabalho não batia com o da escola.

Parei de estudar porque fui preso

Estava apertado em casa. Tinha que ajudar a minha família. Tive filho muito cedo.

Precisei trabalhar.

Porque não estava dando muito certo. Eu era da bagunça e resolvi parar.

Pelas condições. Tive que trabalhar muito cedo.

Precisei de trabalhar e tive que parar de estudar.

Não tenho motivos, simplesmente parei de estudar. Mas estou voltando a estudar agora e inclusive já fiz até a minha matrícula na escola.

Quando eu era pequeno, nunca tinha local certo de moradia, pois minha mãe mudava muito. Depois fui trabalhar para ajudar em casa.

Por conta de ter que trabalhar para sustentar a família.

Parei porque fui preso. Mas enquanto estava preso, também estudei.

Parei de estudar para ajudar a minha família no trabalho. Sou de família do interior, morador da roça e somos produtores rurais.

Parei de estudar porque não quis mais estudar. No entanto, na cadeia, eu acabei concluindo o ensino fundamental.

Parei de estudar porque tinha que trabalhar.

Parei de estudar porque tinha que trabalhar e ajudar em casa. Quando parei de estudar eu tinha por volta de 16/17 anos. Sempre chegava cansado em casa.

Parei de estudar por conta do trabalho. Tive filho muito cedo, aos 20 anos.

Parei de estudar por conta do trabalho. Tinha 17 anos e precisava de trabalhar. Minha mãe faleceu muito cedo e só ficou meu pai e eu.

Parei de estudar porque na época era adolescente e acabei me envolvendo com más companhias que me fez desistir de estudar.

Por conta do trabalho.

Parei de estudar porque precisava de trabalhar. Saí de casa com 15 anos.

Conclui os estudos

Porque comecei a trabalhar. O trabalho necessitava que eu viajasse e estudava a noite. Não dava mais tempo, perdia muita aula.

Porque conclui os estudos

Na época ficou muito difícil. A escola era longe da minha casa.

Por desistência e por ter que trabalhar

Conclui os estudos

Conclui os estudos

Parei porque tive um filho e precisei trabalhar, mas acabei me envolvendo com coisa errada e fui preso.

Não sei o motivo de ter parado de estudar, me lembro que foi uma época em que eu morei com minha avó. Depois disso minha avó faleceu, meu pai já estava preso e não me registrou e minha mãe trabalhava. Eu não era um filho muito perfeito, eu era rebelde. Quando eu era pequeno estudava no bairro, mas quando fiquei maior (entre 14/15 anos) tive que estudar fora do bairro de onde morava. Então comecei a aprontar e fiquei rebelde. Mas sempre trabalhei.

Porque estava com filho e tinha que correr atrás do sustento. Precisava de trabalhar.

Cheguei até a estudar, mas não aprendi nada. Enganava a minha mãe dizendo que eu ia para a escola e não ia.

Parei por conta da situação ruim familiar e financeira. Também foi por falta de vergonha na cara.

Parei de estudar para trabalhar. Para poder ficar independente da família, comecei a trabalhar e aí saí da escola.

Parei de estudar porque comecei a me envolver com “coisa errada”. Mas pretendo voltar a estudar.

Porque concluí os estudos

Porque me envolvi no crime muito novo. Eu tinha 12 anos mais ou menos.

Porque eu tinha que trabalhar para poder comer, se não, eu não comeria.

Porque eu entrei para a vida errada.

Na realidade foi ai que tudo começou. Eu tinha 18 anos, comecei a namorar, ela engravidou e eu tive que trabalhar. Parei de estudar, pois começou a faltar as coisas dentro de casa, então comecei a fazer coisas na rua.

Parei de estudar porque tinha que trabalhar.

Porque entrei no mundo das drogas muito cedo e acabei largando os estudos.

Porque completei os estudos

Porque não gostava de estudar. A professora me batia em sala de aula.

Porque fui morar sozinho e depois arrumei uma mulher e comecei a trabalhar.

Porque fui pai muito cedo e tive que parar de estudar para trabalhar

Porque fiquei desanimado com os estudos.

Parei de estudar por revolta da vida, pois não me dava muito bem com os meus pais. Eles brigavam muito comigo. "Eu era a ovelha negra da família".

Na época parei de estudar porque meu filho nasceu.

Devido ao envolvimento com o tráfico. Começou a morrer muita gente onde eu morava, então preferi parar de estudar por questão de segurança.

Porque eu era jovem na época e comecei a andar com uma rapaziada errada.

Parei de estudar porque estava trabalhando e pagando aluguel. Eu já morava com uma mulher. Como eu estudava a noite, fiquei cansado. Depois comecei a trabalhar a noite como vigia.

Parei de estudar porque eu tinha a mente fraca e não soube aproveitar as oportunidades.

Porque estava trabalhando e chegava muito cansado em casa, então desistir de estudar.

Precisava trabalhar, eu tinha 16 anos na época.

Parei por falta de renda.

Parei de estudar por conta do trabalho mesmo.

Porque a escola era muito longe de onde eu morava. Eu era do Ceará, tinha 12/13 anos. Também, eu precisava de trabalhar.

Porque comecei a trabalhar. Eu tinha 21 anos.

Porque estava trabalhando durante o dia e estudando durante a noite, cursava o 1º ano do ensino médio por apostila e fiquei reprovado. Então desisti de estudar.

Porque concluí a escola e não tinha dinheiro para continuar a estudar. O tempo também é muito corrido. Também porque precisava de trabalhar.

Na época, meu pai falou que eu precisava de trabalhar e só precisava saber assinar o meu nome e fazer conta. Eu era da roça e tinha 14 anos quando parei de estudar.

Tive uma filha com 17 anos e tive que parar de estudar, pois precisava trabalhar. Eu morava de aluguel, na época, e precisei parar de estudar.

Na época eu estava trabalhando para ajudar em casa. Eu tinha 15/16 anos.

Parei de estudar porque não consegui mais conciliar o trabalho com os estudos, na época eu tinha 20/21 anos.

Parei de estudar pela falta de paciência

Parei de estudar por conta das necessidades, eu tinha 14 anos e precisava de trabalhar. Depois tentei voltara a estudar, mas não estava dando certo, pois não consegui conciliar o trabalho com os estudos.

Porque eu tinha que trabalhar. Eu era da lavoura e tinha que levar almoço para o meu pai. Eu tinha 7/8 anos na época. Trabalhei na lavoura por 20 anos.

Parei no 1º ano do ensino médio, pois sou músico. Parei para me dedicar a carreira. Não lembro muito bem a idade que eu tinha na época, mas devia estar na faixa dos 18 a 20 anos. Depois de preso, voltei a estudar e ficou faltando 6 mese para eu concluir os estudos.

Não continuei por falta de tempo.

Parei de estudar porque fui preso. Eu tinha 21 anos

Terminei os estudos no cárcere.

Parei de estudar porque fui preso. Eu tinha 18 anos.

Queria fazer um curso, mas fui preso. Eu tinha 21 anos.

Parei de estudar, porque tinha que trabalhar, eu precisava de trabalhar para me sustentar. Eu tinha de 15 para 16 anos quando parei de estudar.

Parei de estudar, porque entrei no tráfico. Eu tinha 18/19 anos

Parei de estudar, porque na época não queria estudar mais. Eu tinha 16 anos.

Parei de estudar por conta da minha condição financeira. Mas fiz um curso de cabeleireiro e hoje trabalho com isso.

Devido a condição de vida. Precisei trabalhar e depois fui fazer coisas erradas que deu ruim mesmo. Eu tinha 22 anos quando parei de estudar.

Precisei trabalhar e toda semana mudava o turno. Até o ano passado eu estava estudando ainda.

Por conta do trabalho. Eu tinha 15 anos na época.

Porque a minha família tinha me abandonado e eu precisava arrumar um serviço para colocar as coisas dentro de casa. Na época, eu tinha uns 15/16 anos.

Porque a minha mulher ficou grávida, então precisei de trabalhar. Eu tinha uns 15/16 anos.

Com 16 anos parei de estudar, pois tive um filho e precisava de trabalhar. Com 18 anos voltei a estudar e fui preso, mas dentro da cadeia eu estava estudando. Vou voltar agora, a estudar.

Parei de estudar, pois já tinha formado família e já não podia mais estudar. Eu tinha 17 anos quando me casei e parei de estudar.

Parei de estudar por conta do trabalho e filhos. Eu tinha 14 anos quando parei de estudar para poder trabalhar.

Depois que eu me casei com a mãe da minha filha, desanimei um pouco de estudar, pois precisava de trabalhar. Eu tinha 21/22 anos, trabalhava em dois lugares e isso me desanimou de estudar.

Eu tinha 22 anos, parei de estudar para trabalhar.

Parei de estudar porque entrei nesta vida, mas agora eu quero cuidar da minha filha, sair desta vida e arrumar um emprego bom. Eu tinha 16 anos quando saí da escola.

Parei de estudar para trabalhar. Na época eu tinha 18 anos.

Parei por parar, eu tinha 16 anos, na época.

Depois que comecei a ter filho, me envolvi com coisa errada e parei de estudar. Eu tinha 15/16 anos.

Porque concluí o ensino médio. Eu tinha 30 anos quando concluí.

Porque com filho fica difícil. Concluí com 19 anos.

Para trabalhar e para cuidar da minha falecida mãe. Eu tinha 16 anos quando parei de estudar.

Parei porque tinha dificuldade em matemática. Eu tinha 13 anos quando parei de estudar.

Parei de estudar, porque fui preso. Eu tinha iniciado o curso de Direito, estava no 4º período e tive que parar de estudar.

Na época arrumei 2 filhos ao mesmo tempo. Eu tinha 20 anos e tinha dado baixa no quartel.

Pergunta 10. Qual artigo você está respondendo?

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 214 – Atentado violento ao pudor

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 e 35 – Tráfico de drogas e associação ao tráfico

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 129 - Agressão

Art.: 33 e 35 – Tráfico de drogas e associação ao tráfico

Art.: 121 – Tentativa de homicídio. Art.: 33 – Tráfico de drogas. Art.: 14 – Porte ilegal de armas

Art.: 157 - Roubo

Art.: 157 caput – Assalto a mão armada

Art.: 33 – tráfico de drogas.

Art.: 121 - Homicídio

Art.: 33 – tráfico de drogas

Art.: 121 - Homicídio

Art.: 33 – Tráfico de drogas. Art.: - Posse ilegal de armas (pegaram a arma guardada em minha casa)

Art.: 33 – Tráfico de drogas. Antigo art. 12, tráfico de drogas que hoje é o art. 33.

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 157 – Furto a mão armada

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 121 – Tentativa de homicídio

Art.: 157 caput – Dano ao patrimônio público

Art.: 129 – Lesão corporal gravíssima, inciso 1 e 2.

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 121 - Homicídio

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 157 – Assalto a mão armada.

Art.: 33 – tráfico de drogas. Art.: 34 – Posse ilegal de armas

Art.: 157 – Assalto a mão armada

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 217 – Estupro de vulnerável

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 34 – Associação ao tráfico

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas. Art.: 35 – Associação ao tráfico

Art.: 214 – Estupro de adolescente.

Art.: 157 – Assalto a mão armada

Art.: 33 – Tráfico de drogas. Art.: 35 – Associação ao tráfico

Art.: 155 – Roubo. Arrombamento de uma loja.

Art.: 121 - Homicídio

Art.: 157 – Assalto a mão armada

Art.: 157 – Assalto a mão armada

Art.: 157 – Assalto a mão armada

Art.: 155 - Furto

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 155 – Assalto (roubo)

Art.: 157 – Assalto a mão armada

Art.: 157 – Assalto a mão armada

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 157 – Assalto a mão armada

Art.: 35 – Associação ao tráfico

Art.: 12 – Posse ilegal de armas.

Art.: 147 – Incêndio (Fazenda Santa Cecília – Vila Rica)

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas. Art.: 35 – Associação ao tráfico. Art.: - Corrupção ativa

Art.: 157 – Assalto a mão armada.

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: - Maria da Penha com tortura.

Art.:157 – Roubo

Art.:121 – Tentativa de homicídio.

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 33 – Tráfico de drogas. Art.: 16 – Posse ilegal de munição. Art.: 169 – Concurso material

Art.: 121 – Tentativa de assassinato.

Art.: 121 – Tentativa de homicídio.

Art.: 33 – Tráfico de drogas. Art.: 35 – Associação as drogas. Art.: 244 – Corrupção de menor

Art.: – Maria da Penha. Art.: – Agressão ao idoso. Art.: – Incêndio

Art.:121 – Tentativa de homicídio

Art.:157 § 3º - Latrocínio (roubo seguido de morte)

Art.: 33 – Tráfico de drogas.

Art.: 214 – Atentado ao pudor.

Art.: 33 – Tráfico de drogas. Art. 35 – Associação ao tráfico.

Art.: 244 – Extorsão

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 217 – Estupro de vulnerável. Art.: 344 - Coação

Art.: 16 – Porte de armas. Art.: - Formação de quadrilha

Art.: 157 – Assalto a mão armada

Art.: 157 – Assalto a mão armada. Art.: - Porte ilegal de armas

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 121 – Homicídio. Art.: - Medida protetiva

Art.: 33 – Tráfico de drogas

Art.: 157 – Tentativa de assalto.
Art.: 157 – Assalto a mão armada.
Art.: 157 – Assalto a mão armada.
Art.: 157 – Assalto a mão armada.
Art.: 33 – Tráfico de drogas. Art.: - Posse ilegal de armas
Art.: 33 – Tráfico de drogas.
Art.: 157 – Assalto a mão armada.
Art.: 33 – Tráfico de drogas
Art.: 157 – Assalto a mão armada.
Art.: 33 – Tráfico de drogas
Art.: 33 – Tráfico de drogas
Art.: 333 – Corrupção ativa.
Art.: 157 – Assalto a mão armada
Art.: 33 – Tráfico de drogas. Art.: - Posse ilegal de armas
Art.: 157 – Assalto a mão armada.
Art.: 157 – Assalto a mão armada.
Art.: 121 – Tentativa de homicídio.
Art.: 157 – Assalto a mão armada
Art.: 157 – Assalto a mão armada
Art.: 157 caput – Roubo

Pergunta 11. O que aconteceu para você ser preso?

Estava com um amigo e peguei as drogas deste amigo e levei para casa. Este amigo ficou de me ajudar a levar esta droga para a minha casa. No caminho de casa, meu amigo viu a polícia e saiu correndo. Corri e acabei entrando em uma rua sem saída. Fui encurralado pela polícia e acabei preso.

Estava na boca de fumo e a polícia invadiu a minha casa. Ela achou drogas e armas comigo na minha casa.

Estava traficando na época. Fui preso por denuncia, por P2 (polícia apaisano).

Na época, eu tinha uma companheira. Nós resolvemos visitar uma tia dela. Estávamos na casa da tia dela, quando resolvi visitar meus primos que moram próximos dali. Minha companheira até falou para eu não ir, mas acabei indo. Lá na casa do meu primo, havia uma menininha que era filha dele. Ela estava jogando um joguinho no computador. Quando parou de jogar, a criança me chamou para brincar de pique esconde. Fui brincar com ela. Enquanto ela se escondia dentro de casa, eu ficava do lado de fora tentando acha-la. Quando ela me viu, veio falar alguma coisa no meu ouvido, mas na realidade não falou nada, só fez de conta que estava falando alguma coisa. A tia da criança viu tudo e encheu a cabeça da mãe dela. Fui embora. Mais tarde na casa da tia da minha companheira, precisaram de açúcar e fui buscar na minha casa que era em outro bairro. Quando voltei com o açúcar, minha companheira veio me perguntar se eu tinha feito algo. Ela me disse que a mãe da criança havia falado que eu tinha feito várias coisas com a criança. Acionaram conselho tutelar e depois disso, fui preso.

Más influências. Péssimas companhias e o envolvimento com o tráfico. Tudo começou na Europa e terminou em Resende onde fui preso.

Estava em minha fazenda (que eu tinha alugado) tirando leite e trabalhando na lavoura, pois sempre trabalhei. A polícia chegou em minha casa falando que havia uma investigação sobre mim. Fez uma busca por toda a fazenda e achou drogas ali. Tive que arcar com isso. Eu morava com minha mulher e dois filhos.

Estava em casa com um pedaço de maconha e um revólver calibre 38. A polícia chegou e me prendeu.

Estava traficando na boca de fumo. Era de manhã, fui abrir a boca de fumo e acabei surpreendido pela viatura da polícia. Então, fui pego em flagrante. Entrei para o crime por impulso. É uma vida mais rápida e fácil para ganhar dinheiro.

Tinha perdido o emprego e começou a faltar a alimentação dentro de casa. Por conta disso, entrei para o tráfico. A prisão foi inesperada, mas já sabia que poderia acontecer isso, eu estava errado. Fui preso em um barrado atrás da minha casa. Houve uma denúncia anônima de que rolava tráfico ali.

Estava traficando. Estava errado. Estava em uma casa e houve uma batida policial de rotina. Os policiais fizeram várias perguntas até que alguém ligou para uma das pessoas que estava ali comigo e era para pedir drogas. Então, os policiais fizeram uma busca pela casa e acharam drogas no local. Na realidade, a polícia até sabia quem eu era, pois me descreveu como eu estava.

A primeira vez que fui preso, eu guardava drogas de um amigo em minha casa. Houve uma denúncia e a polícia invadiu a minha casa de manhã cedo. A segunda vez que fui preso, eu tinha saído da cadeia e estava na condicional. Um menino estava fumando um baseado na rua da minha casa. Ele tomou uma dura de um policial e depois foram parar em minha casa. A polícia perguntou se podia entrar na minha casa e revistou tudo. Eles não tinham mandato nem nada e me levou preso. O menino falou que tinha comprado a droga comigo.

Briguei na rua e a outra pessoa ficou muito machucada. A pessoa com quem briguei era sobrinho ou neto de um promotor.

Teve uma operação policial e como eu já tinha algumas passagens pelo sistema, acabei sendo preso novamente.

Briguei com uma pessoa, mas nunca sai falando para as pessoas sobre essa pessoa. Fiquei sabendo que ele espalhou para Deus e o mundo o que fazia comigo. Me senti ameaçado e tive que tomar a atitude de fazer com ele o que fiz. Ele me ameaçou e eu fiquei constrangido com isso. Essa pessoa é do tipo que não se pode confiar. Não sei mais onde este indivíduo se encontra, só sei que saiu pelo mundo.

O motivo de eu ir preso foram as más companhias. Estava no lugar errado também. Estava com um amigo bebendo em um bar e este amigo me chamou para fazer coisa errada. Eu fui junto com ele e acabei me dando mal.

Assaltei uma mercearia.

Estava trabalhando e era próximo ao natal. Comprei muitas drogas, pois era natal e não teria como comprar nesta época. Me pegaram comprando a droga com um menino. A polícia nos

prende e por conta da quantidade de droga que estava junto comigo fui acusado de estar traficando.

Paguei um lanche para um menino que estava com fome. O pai deste menino discutiu comigo, pois não queria que eu desse o lanche e sim queria que eu desse dinheiro. Após 3 meses do ocorrido, esta pessoa me abordou contra mim, juntamente com mais duas pessoas. Ele chegou me agredindo. Dei vários socos nele. Ele ficou muito machucado e depois de um tempo veio a óbito.

Aconteceu que minha vida estava muito difícil. Não tinha emprego e acabei caindo nesta vida. No dia em que fui preso, eu estava na rua. A polícia me abordou e eu estava com drogas dentro do bolso.

Moro em cidade pequena de interior e na roça. Uma pessoa mexeu com uma irmã minha que é deficiente mental. Ele a deixou com algumas sequelas por conta do que ele fez. Quando encontrei com esta pessoa, ele ofendeu toda minha família. Houve, então, uma desavença e infelizmente, ele veio a óbito.

Eu tinha encerrado o meu serviço por volta do meio dia e estava com dinheiro (R\$1800,00). Estava usando drogas dentro de casa quando a polícia invadiu a minha residência alegando ter visto alguém a entrar em minha casa correndo. Dali me prenderam e fui a júri, pois alegaram que o dinheiro era do tráfico.

Estava no lugar errado e na hora errada. Fiquei foragido. Fui preso na minha casa. A polícia chegou na minha casa com mandado de prisão por algo de 15 anos atrás por conta do antigo artigo 12.

Aconteceu que um cara estava em um bar e “rodou” com “pó”. A polícia me prendeu com a acusação de eu ser a pessoa que vendeu a droga para ele. Em júzo, tudo foi esclarecido, mesmo assim fiquei preso e o rapaz ficou solto. Talvez eu tenha ficado preso devido ao fato de meu nome ter aparecido no sistema. A polícia me prendeu sem nada. Sinceramente, não sei por que fui preso.

Me pegaram em casa e falaram que eu estava sendo procurado por roubo.

Envolvimento com o tráfico. Era muito novo na época. Foi coisa de momento, fui preso com 18 anos.

Deixei me levar pelas circunstâncias. Um jovem muito próximo a mim foi tirado a vida. Eu achei que poderia resolver o problema fazendo justiça com as próprias mãos. A polícia rastreou o meu celular e fui preso. Mas a pessoa continua viva.

Transportava combustível adulterado. Trabalhava com combustível adulterado.

Dei umas pauladas em um maluco. O cara era meu amigo, mas meia hora depois peguei o cara com minha mulher. Na hora nem pensei, dei muitas pauladas nele. Depois disso me separei da minha mulher.

Aconteceu uma festa em minha casa. A polícia chegou na minha casa e achou uma quantidade grande de drogas no local.

Um rapaz me atacou com uma faca. Eu tomei a faca dele e o matei com esta faca.

Eu tinha um disk drogas. Fui com meu amigo entregar a droga que alguém havia pedido. Quando entreguei a droga, a polícia estava lá e fui preso em flagrante.

Na época que cometi o delito, fui reconhecido pela vítima. Foi, então, expedido um mandado de prisão. Fui preso em casa. Nas outras passagens fui preso em flagrante.

Tinha ido no bairro Vila Brasília e comprei uma quantidade de droga para meu amigo e para mim. Na minha casa havia uma arma com a identificação raspada. Houve uma denúncia e a polícia foi até a minha casa. Ela encontrou as drogas e a arma. Daí fui preso.

Foram os maus pensamentos e as más companhias. Eu não tinha tanta necessidade de fazer o que fiz. Houve uma denúncia de um assalto e a polícia me pegou indo embora do local. Eu estava em um carro bem distante do local em que houve o assalto.

A falta de emprego, filho para criar e ter que pagar pensão. Acabei me envolvendo com o tráfico.

Fui a uma festa que não acabou nada bem. Todo mundo estava alcoolizado e drogado.

Comecei a vender drogas, pois não tinha emprego e eu precisava cuidar dos meus filhos.

A 1ª vez que fui preso, eu já era casado, comprei algumas drogas, estava em um bar e alguém me viu com drogas. Fui para casa e alguém que estava no bar falou para a polícia. Fui preso dentro de casa. A 2ª vez que fui preso, foi por conta de uma desavença com minha ex-esposa e o marido dela. Fui preso por agressão e ameaça. A 3ª vez que fui preso foi porque fui a uma

festa em Acari no Rio de Janeiro, na volta fui parado pela polícia e estava com drogas que não eram minhas.

Estava em casa quando a polícia invadiu a minha casa. A viatura da polícia tinha 4 pessoas presas lá dentro. Na minha casa, a polícia não encontrou nada, só estavam meu filho, minha mãe e eu. Mas devido a minha fama e de eu já ter sido preso no passado, me levaram preso também.

Entrei no tráfico porque dava muito dinheiro. Também porque eu tinha mulher, três filhos e uma neta. Fui pego com a mão na massa. Eu estava entregando a droga para o freguês.

Já vendia drogas. Mas fui preso forjado. No momento da prisão, eu não estava com nada. O policial colocou uma grande quantidade de drogas em mim. Fui preso dentro de casa. O policial me pegou junto com um amigo e nos levou à delegacia. Chegando lá, o policial falou que aquela quantidade de droga era minha. A partir daí fui preso e condenado.

Teve uma briga entre meus dois irmãos, onde meu irmão bateu em minha irmã. Eu fui a favor do meu irmão e minha irmã com raiva de mim juntou com uma vizinha e inventou que eu tinha mexido com minha irmã. Então fui denunciado. Depois da denúncia fiquei três meses na rua. O juiz me mandou três vezes intimação. Não recebi, pois tinha mudado de endereço e daí o juiz me prendeu por não ter respondido a ele. O juiz achou que eu era culpado.

Nós estávamos no bairro. Tinha uns colegas que já roubava. Eu não roubava. Um dia eles me chamaram para eu ir junto deles roubar e fui com eles e acabei preso.

Eu tinha 18 anos e era muito novo. Na época via meus amigos tendo carro e dinheiro fácil. Achei que aquilo seria bom para mim. Minha prisão foi assim: estava dentro de casa dormindo, então a polícia invadiu a minha casa. A vizinha entregou onde estavam as drogas. A polícia achou as drogas guardadas na rua e me deu voz de prisão.

Tentei roubar uma loja.

Me envolvi com quem não devia. Estava com a pessoa errada e no lugar errado. A polícia me pegou em Minas Gerais, eu estava em uma festa.

As drogas. Estava drogado e para usar mais drogas acabei roubando um depósito de gás. Depois fiquei foragido. O tempo todo depois do assalto tive arrependimento. Conheci minha namorada e o pai dela não acreditou na minha mudança e levou a polícia até mim para me prender. Depois do assalto, aceitei Jesus.

Eu já estava a algum tempo com esta menina. Como morava de aluguel e começou a faltar as coisas dentro de casa, passei a mão em uma arma e fui atrás de um “ganho”. Então fui preso.

Estava dando carona na minha moto. O rapaz que estava sentado atrás no carona, assaltou. Fui preso como cúmplice.

Tentativa de furto a um banco. A polícia me pegou tentando sacar uma quantidade de dinheiro na boca do caixa.

Eu estava transportando drogas. A polícia me pegou dentro de um ônibus.

Entre em uma mansão. Ao entrar, os vizinhos começaram a gritar. Saí correndo e a polícia me parou.

Realizei o assalto em uma casa lotérica. A polícia percebeu a minha movimentação. Foi atrás de mim e me prendeu.

Fui roubar uma loja junto de um amigo. Houve um flagrante e tentei correr, mas a polícia me parou e me prendeu.

Na realidade, eu era usuário de drogas, mas fui pego com uma quantidade um pouco alta de drogas e fui preso como traficante.

Teve uma denúncia. A polícia foi até a minha casa e achou drogas, daí fui preso.

Eu fui levar um amigo em uma outra cidade. Este amigo tinha realizado um assalto. Rodei com ele no trajeto.

Foi por conta de uma escuta telefônica, então a polícia me prendeu.

Eu estava na vida do crime. Estava dentro de um taxi indo para casa com minha esposa. No caminho a polícia parou o taxi e eu estava com uma arma. Fui preso por estar com a arma.

Eu estava atravessando de pasto para outro quando a polícia me pegou.

Eu estava com as drogas que eram para meu consumo. A polícia invadiu a minha casa, quebrou tudo e estava sem mandato. Fui forjado. Quando cheguei na delegacia, eles apresentaram um tablete de maconha que eu não reconheço. Fui preso depois disso. Reconheço que havia um pouco de droga na minha casa, mas era de meu consumo. Mas como já fui preso outras vezes, fui acusado de traficante.

A polícia invadiu a minha casa e me pegou com cocaína. Então fui preso.

Meu cunhado foi entregar drogas na boca de fumo. Chegando lá ele rodou e levou a polícia na minha casa falando que a droga era minha.

Me envolvi no mundo das drogas e me perdi e por conta disso acabei roubando.

Estava no morro da conquista e teve uma operação policial. A polícia me pegou.

A garota que era minha ex-companheira, eu havia terminado com ela, mas ela não aceitou e foi na delegacia prestar queixa. Fui preso no trabalho, mas no inquérito policial ficou como se tivesse na casa da minha ex-sogra.

Chegou uma intimação na minha casa e eu não compareci para esclarecimentos, pois não cheguei até a mim a intimação. Ficou parecendo que estava foragido. O vizinho não me entregou a intimação.

O cara foi na minha casa e me bateu. Depois ficou me jurando e falando que estava com uma arma para me matar. Daí dei uns tiros nele. Mas ele continua vivo.

Me pegaram com drogas, estava em casa. As drogas estavam na laje do lado da minha casa.

A polícia me pegou na rua com munições de arma, algumas cápsulas de cocaína vazias e outras cheias. Então, me prendeu.

Estava namorando há 4 meses. Gostava muito dela. Ela queria terminar o namoro comigo, mas eu não queria terminar. Acabei a empurrando de um certo lugar. Perdi o controle emocional. Mas ela está viva.

Eu estava de carona e o carro era roubado. Falaram que eu tinha dado alguns tiros em uns meninos. Então fui preso quando estava fazendo o percurso neste carro.

Me envolvi no tráfico e quando completei 19 anos fui preso com duas pessoas menores e fiquei todos esses anos preso.

Cheguei em casa e minha esposa estava brava. Eu estava em um churrasco e estava um pouco embriagado. Minha esposa e eu discutimos. A sogra entrou no meio da discussão. Acabei agredindo as duas. O incêndio eu não me lembro, mas levei a culpa.

Foi questão familiar. Tinha uma namorada e o padrasto dela tentou abusá-la. Eu fiquei sabendo e fiquei de cabeça quente. Então fui para cima dele. Tomei essa atitude precipitada e tentei matar com uma arma.

Foi um roubo seguido de morte. Pilotei uma moto e o cara que estava atrás assaltou e teve uma morte. Fiquei como coautor.

Foram vários fatores. Tinha sido demitido da NISAN e fiquei desempregado. Depois disso peguei alguns bicos de pedreiro. Naquele momento juntou vários fatores: tinha acabado de me separar e acabei me envolvendo com as drogas. Fui pego com pouca quantidade de droga e que eram para o meu consumo.

Fui acusado de abusar um menino de 10 anos. Foi feito corpo de delito e não deu lesão corporal e nem teve líquido.

Estava traficando.

Foi em 2007. Peguei uma mulher com duas crianças e deixei de levar para a delegacia. Eu era policial, recebi uma denúncia e fui até ela. Quando cheguei lá, vi uma mulher que estava doente e duas crianças. Deixei de levar para a delegacia. Depois ela me acusou de eu ter pedido um dinheiro a ela. Fui acusado de extorsão.

Estava traficando.

Infelizmente teve uma denúncia. Estavam dois amigos, eu e uma garota. Ela falou que nós a agarramos.

Estava em Resende com 4 amigos no carro. A polícia fez uma abordagem e encontrou duas armas no carro. Então, fomos presos.

A prisão foi em flagrante. A polícia me pegou na infração.

Eu não cometi o 157. Estou respondendo por algo que não fiz. Fui pego por porte de armas. Quando cheguei na delegacia já tinha um processo aberto contra mim no 157. Mas não fui eu quem fez isso. No porte, estava errado mesmo. Eu tinha tomado uma geral da polícia e realmente eu estava com uma arma. Um cunhado meu estava fazendo mal a minha irmã. Houve uma discussão entre ele e eu. Ele foi até a delegacia e me denunciou. Quando cheguei lá para prestar esclarecimento, já tinha um outro processo que era o 157.

Estava vendendo drogas.

Liguei para uma pessoa que é a mãe do meu filho. Então, ela ficou nervosa e falou com a polícia que eu tinha ligado para ela. Liguei, pois não podia chegar nela.

Fui pego com 357 gramas de cocaína.

Roubei uma lotérica, mas na fuga alguém deu um tiro no pneu do meu carro e acabei “rodando” (preso).

Na verdade, peguei um amigo e o levei em minha moto. Em certo momento, ele desceu e assaltou um casal de coroas. Fui preso por conta disso.

Eu cometi um crime. A polícia me enquadrou em flagrante e me levou.

Fui assaltar um rapaz, mas ele voou em cima de mim na minha moto. Eu caí com a moto, então, ele e as pessoas me seguraram até a polícia chegar e me prender.

Fui preso com 2 Kg de maconha. Estava em casa, a polícia achou as drogas perto da minha casa e falou que eram minhas, as drogas.

Me pegaram com 100g de maconha e me levaram preso.

Fui fazer o 157, os moleques estavam com medo. Pegamos a vítima, os meninos com medo, atiraram na vítima e acabaram de espancar para ver se matava, mas não matou. Tudo acabou caindo em mim e eu nem pude caguetar, pois somos da mesma comunidade. Mesmo a vítima falando que não foi eu, tive que assumir tudo. Peguei a vítima até uma certa altura, depois foram os moleques.

Vendia droga. No bairro em que moro é muito complicado. Eu estava no lugar errado e na hora errada. A polícia achou uma droga e eu estava perto da droga. Me prendeu junto de outras pessoas.

Eu provoquei o assalto, levei o celular da vítima e saí correndo. Estava embriagado e drogado, não sabia o que estava fazendo. Roubei com o objetivo de comprar mais droga. Quando o policial me pegou, eu estava com o celular no bolso e devolvi logo.

Fui denunciado e preso na porta da minha casa. Estava traficando.

Foi o tráfico de drogas. O policial entrou na minha casa e achou 2 papелotes de cocaína e me levou preso.

A polícia me pegou com drogas e falou que eu ofereci dinheiro a ele.

Assaltei e fui pego em flagrante na DUTRA.

Eu estava andando armado na rua com meu colega, então a polícia me pegou.

Fui acusado de ter assaltado uma residência. Não fui eu, mas acabei preso. Foi um assalto em uma residência, o rapaz que foi preso falou que eu estava junto.

Na verdade, foi necessidade. Não consegui emprego de jeito nenhum, então assaltei um posto de gasolina.

Minha ex-mulher, eu tinha 2 filhos com ela, nos separamos e ela começou a me provocar. Ela ficava com um cara mais novo que ela. Um dia, meu filho passou mal e eu entendi que ela pediu para eu pegá-lo, pois ela queria namorar. Eu estava com bebida na cabeça e com ciúmes dela acabei pegando uma barra de ferro e bati na cabeça dela. Hoje, Graças a Deus, ela está casada.

Eu e um rapaz estávamos na moto. O rapaz estava armado, estava de carona e eu dirigindo para casa. No caminho, a polícia nos parou e nos revistou. Achou a arma e nos levou para a delegacia. Dali nós fomos liberados e o meu amigo assumiu a arma. Dois meses depois, fui preso acusado de vários assaltos que não tive conhecimento. Não fui eu.

Eu tinha algumas armas e vendi para um rapaz. Ele fez um assalto e foi pego com a arma. Ele foi preso e disse que as armas eram minhas. Fui preso.

Fui pego em flagrante roubando um aparelho de celular de uma pessoa.

Pergunta 12. Como você está sentindo sua vida depois que saiu do cárcere? (Rotina profissional, afetiva e vida familiar)

"Estou preso do mesmo jeito que na cadeia, só que estou em casa. Não consegui emprego, pois a maioria dos lugares me pede uma declaração com aprovação do juiz, como não tenho isso, fica difícil trabalhar.

A vida familiar está bem. Toda a minha família me recebeu bem em casa, me mostraram que não preciso disso e que posso contar com eles.

Minha Rotina profissional é fazer “bico” para poder comer. É difícil alguém dar emprego para um ex-presidiário. Em relação a minha família, não tenho família. Meus pais estão mortos e não tenho ninguém em minha vida.

Está muito bom. Aqui fora é ótimo, tem sol, água gelada e lugar para dormir direito. Sobre minha rotina profissional, fiz entrevistas, mas ninguém me chamou para trabalhar. Minha vida afetiva, a família está mais próxima a mim, está mais unida. Hoje a minha família me dá mais atenção que antigamente.

Estou a uma semana fora do cárcere e até o momento, a vida está normal. Fui bem atendido pela sociedade, embora ainda tenha trabalho. Estou morando com minha mãe e aquela companheira não está mais comigo. Ela mora com outra pessoa. Ainda não tive contato com a minha prima que me acusou do abuso da filha dela. Minha mãe e meus irmão me receberam bem depois que saí do cárcere.

Minha vida não mudou muita coisa, apenas não tenho mais o envolvimento com o tráfico. Minha rotina profissional está ótima, estou trabalhando. Nunca parei de trabalhar, mesmo quando estava traficando. A vida afetiva e familiar voltou ao normal. Quando fui preso minha família virou o rosto para mim, mas com o tempo voltou a viver bem comigo. Hoje tenho um bom relacionamento com minha família.

A rotina profissional é a mesma de antes, pois sempre trabalhei. A vida afetiva e familiar é muito amorosa. Minha família é ótima. Estou com meus filhos e estou trabalhando. Sou muito bem visto na sociedade e isso não me afetou em nada.

Hoje estou bem. Lá dentro é um inferno danado. Hoje estou com minha dona e tranquilo. Minha rotina profissional está parada por agora. Minha vida afetiva e familiar está bem. Estou de bem com meus pais.

Sinto que quero mudar a minha vida. Minha vida está progredindo para melhor. Entrei para a igreja, larguei os vícios (cigarro e cerveja) e estou tentando arrumar um trabalho. A rotina profissional está difícil. Já deixei currículos em vários lugares, mas até agora, não consegui nada. Em todos os lugares é perguntado sobre problema com a justiça. Não gosto de mentir e falo sempre a verdade. A minha vida familiar está excelente. Agora estou podendo cuidar mais da minha esposa e dos meus filhos. Meus pais são afastados de mim.

Sinto muitas mudanças em relação a sociedade. Antes de ser preso e mesmo traficando, eu não tinha problemas com a sociedade. Quando eu procurava emprego, as empresas poderiam puxar o nada consta e não tinha nada. Hoje o convívio com a sociedade está voltando ao normal, as pessoas estão aos poucos conversando comigo. Estou trabalhando com obras informalmente, mas tenho colocado currículos nas empresas e está difícil de conseguir trabalho fichado. A vida afetiva e familiar está bem. Convivo muito bem com meus pais e irmãos. Família em primeiro lugar.

Minha vida está complicada, pois muita coisa mudou. Mudou em relação a recepção e dos olhares das pessoas. Não é mais o mesmo. Em relação ao trabalho, penei muito para conseguir trabalhar. Escutei cada coisa. Quando falo que sou ex-presidiário, as pessoas têm muito preconceito. Em relação a família, não tenho muito contato. Não sei explicar se foram eles ou eu quem se afastou.

Minha vida está maravilhosa. Estou com minha família, esposa e filha. Pago a conta de luz, água e não como mais aquela comida azeda. Minha mãe me ajuda muito em minha vida. A rotina profissional está difícil, pois a pulseira na perna me atrapalha. A questão da facção ainda piora com a torçãozeira. Trabalho fazendo bico de pintor na academia militar.

Minha vida está tranquila. Trabalho todos os dias da 7:00 as 16:00. A vida com a esposa está tranquila, não brigamos mais.

Estou me sentindo melhor, não estou mais fazendo as coisas que eu fazia antes. Não uso mais drogas e encontrei a minha vida em Cristo. A rotina profissional está tranquila e melhor que antes. A família está bem, meu irmão que foi preso junto comigo e minha mãe foram convertidos. Hoje estamos na igreja.

Serviço de carteira assinada está difícil, pois quando falo que já tive passagem pelo sistema, as pessoas se assustam. Até agora só conseguir fazer bicos. Graças a Deus não falta nada para meus filhos. Quando vou procurar emprego ou quando estou em uma entrevista de emprego e

falo que já tive passagem, o outro pede para eu voltar em outro dia e acaba contratando outro no lugar. Isso nos faz desistir de tentar. Graças a Deus todos de minha família me receberam muito bem aqui fora. Estar perto de meus filhos, não me deixa tirar a minha paz.

Nunca mais quero fazer nada que me faça voltar para aquele lugar. Quero andar certo com a sociedade e quero trabalhar. A minha rotina profissional e a vida familiar estão voltando aos eixos. Moro com meu pai, mãe e irmão. Eles me receberam bem.

Faço de tudo para tornar possível o dia a dia, pois sou muito discriminado. Graças a Deus estou trabalhando em uma serralheria que é meu próprio negócio. Quando eu estava cumprindo o PAD as pessoas me olhavam torto. Agora que estou no LC, as pessoas não sabem que tenho problemas com a justiça. Mas para arrumar trabalho é bem difícil, pois quando é solicitado o nada consta, fica ruim para mim. Por isso optei por abrir a minha própria empresa. Com relação a minha família, não tenho do que reclamar, eles sempre me apoiaram.

Estou melhor. Porque estou com pensamentos diferentes, reconheço a maneira de como eu andava e tinha a mente virada. Tenho uma filha de 19 anos que tem um filho de 1 ano e 10 meses. Isso abriu os meus olhos. Não tenho uma profissão, mas quero estudar para melhorar a minha vida no trabalho. Estou separado de minha esposa, mas mantenho contato com meus filhos. Moro hoje no albergue municipal, pois decidi sair da minha casa por morar em um bairro perigoso.

Estou bem. Estou tentando me refazer para evitar ficar dependendo da família. Tem quase 2 anos que arrumei uma companheira e ela está me ajudando bastante.

Agora estou me adaptando melhor. Estou trabalhando e juntei com uma mulher. A minha rotina de trabalho é o seguinte: saio cedo de casa e volto a tarde. Daí fico com minha dona. Em relação a vida familiar, minha mãe e irmãos estão mais próximos de mim. Antes eles não tinham essa aproximação.

Hoje, graças a Deus, estou reconstruindo minha vida em processo lento. No começo enfrentei algumas burocracias na sociedade, pois para buscar um emprego, tive dificuldades inicialmente. Mas minha família me ajudou e consegui um emprego de carteira assinada por 7/8 anos. Minha família não mudou em nada comigo. Eles continuam a me apoiar. Minha vida afetiva está muito boa, sou casado e tenho dois filhos. Eles sempre estiveram comigo.

Quando ainda estava preso, a única que não me evitava era minha “dona”, mas depois ela faleceu e eu fiquei sem visita. A vida que eu tinha acabou, foi uma perda muito grande. Depois

que saí do cárcere, em casa não me sinto muito bem. Trabalho está difícil. Faço bicos e sempre tenho que ir ao Rio de Janeiro para resolver o problema do meu PAD que está agarrado. Estou me sentindo péssimo, pois tenho lembranças da minha falecida esposa. A rotina profissional está parada, pois estou tendo que resolver ainda o problema do meu PAD.

Primeiro tenho que colocar tudo no lugar. Me refiro ao trabalho. Está tudo embolado ainda. Em relação a família está tudo bem. Eu vivo com minha esposa e está tudo tranquilo. Minha mãe mora em Barra Mansa e eu em Pinheiral, de vez em quando ela me visita.

A minha vida está tranquila. As vezes acontece das pessoas me olharem de outra maneira e as vezes comentam algo. Mas não ligo para isso! A vida familiar segue normalmente. Continua da mesma maneira. Todos me tratam da mesma forma que antes, com brincadeiras e me ajudam muito. A rotina profissional é daquele jeito! Faço um bico aqui e outro ali. Por enquanto não estou querendo trabalho fichado.

Agora está indo bem, graças a Deus! Estou trabalhando. Mudei do local em que eu morava e não ando em más companhias. A rotina profissional está muito bem. Trabalho fichado na coleta seletiva, sou lixeiro. Só não tenho muito tempo para as outras coisas. Vou fazer um ano que estou fichado e nunca faltei o meu trabalho. Em relação a vida afetiva, está um pouco difícil. Estou brigando muito com minha companheira, pois ela está me estressando muito. Ela é chata e nada está bom para ela! Tenho bom relacionamento com minha mãe.

Para mim, foi a melhor coisa do mundo que aconteceu, eu ficar aqui fora. Na cadeia, aprendi a ser homem de verdade. Hoje tenho muita responsabilidade com tudo. Não vivo mais sem minha família. Eles são tudo para mim! Tenho trabalhado bastante, graças a Deus! No caminho para cá, consegui trabalho de pedreiro sem carteira assinada.

Estou com a sensação de uma nova vida. Quero escrever uma nova história. A convivência com minha família está ótima. Estou mais próximo dos meus familiares. Em relação as questões de trabalho ainda não pensei muito. Acabo de sair do sistema. Por enquanto só quero curtir meus familiares.

Melhorou um pouco. Eu vejo a vida de uma maneira melhor do que antes. Em relação a minha rotina profissional, hoje trabalho de Uber. A minha vida afetiva e familiar está bem. Antigamente não esquentava muito para a família, hoje o relacionamento melhorou.

Agora no LC estou tendo vida. Quando estava no PAD, eu só chorava e cheguei a entrar em depressão. Agora tenho uma vida, tenho trabalho, carro e ninguém me olha torto como me

olhavam quando eu estava com a tornozeleira. A minha rotina profissional hoje, eu saio de casa as 7 horas da manhã. Sou serralheiro durante o dia e a noite sou cozinheiro e segurança. A semana toda a minha rotina é fazer tudo isso. Na vida afetiva, tive uma desavença com minha namorada por eu estar de pulseira, pois ela queria sair a noite e eu não podia. Hoje em dia, não uso mais a pulseira e tenho uma companheira que me entende melhor. Moro próximo a minha mãe e o relacionamento com os meus pais é muito bom.

Bem complicado, o preconceito e a dificuldade para arrumar serviço é muito grande. Tenho família, meus pais e tios me oferecem uma estrutura familiar. Tentei arrumar serviço fichado, mas não consegui e agora sou autônomo.

Meu dia a dia não mudou muito de como era antes de eu ser preso. Hoje trabalho de pintor, moro com minha família, meus avós. Me dou bem com todo mundo. A rotina profissional está bem, sempre trabalhei com pintura.

Pela sociedade e por quem sabe da minha situação, me sinto desprezado. Sinto bastante vergonha disso. Dependendo da pessoa me sinto rejeitado. As pessoas que sabem o que aconteceu, sinto um clima pesado na pessoa. A minha rotina profissional está normal. Trabalho com meu pai e não preciso me identificar, isso não me afeta. A família não mudou em nada comigo. Depois que saí do cárcere conheci uma pessoa que hoje é minha companheira e a nossa relação está muito legal.

Tenho feito de um tudo para tentar me integrar na sociedade. Hoje estou desempregado. Já cheguei a trabalhar em uma empresa de limpeza, mas não sei o que aconteceu para eles terem me mandado embora. Depois disso fiquei fazendo bicos. A vida é muito difícil, pois não tenho título de eleitor e sem isso fica difícil arrumar emprego. Acho que poderia ter algum serviço público que dessem emprego para a gente que está disposto a mudar de vida. Com minha família está tudo legal. Eles me apoiam. Convivo muito bem com eles (mãe, irmãos e sobrinhos). Estava casado, mas depois que saí do cárcere separei. Não deu certo a minha união.

Estou me sentindo bem. Não estou usando mais drogas e não bebo mais cerveja. Uma coisa a prisão foi boa para mim, hoje não bebo mais e estou na igreja. Estou fazendo um curso de ponte rolante, estou em acompanhamento psiquiátrico. Em relação a rotina profissional, estou recebendo auxílio doença e devo retornar ao trabalho no próximo ano em 2020.

Aliviado, pois o cárcere não é legal para nenhum ser humano. Não desejo isso para nenhum inimigo meu. Mas a minha vida mudou bastante e para melhor. O meu pensamento é não voltar mais para “aquele local”, a prisão.

Está difícil a minha vida. Faço alguns bicos, mas a oportunidade de emprego está muito difícil. Se antes de eu ir preso era ruim, hoje está pior. A dificuldade de emprego diminui por conta da passagem pelo sistema. Em relação a vida afetiva e familiar, está muito boa. Minha família me apoia sempre. Moro com minha esposa e filho na casa da minha sogra. O relacionamento com minha mãe está bem. Adoro minha mãe, vou na casa dela todos os dias.

A rotina profissional está bem tranquila, pois já era a minha profissão de eletricitista, então não mudou muita coisa. Continuo a trabalhar normalmente como eletricitista. Moro em uma cidade pequena e todo mundo sabe o que aconteceu, então não mudou muita coisa na minha vida. Voltei a morar com meus pais, meu filho está comigo nos finais de semana.

Me sinto uma nova pessoa. Hoje trabalho, posso cuidar dos meus filhos, estou estável financeiramente. Graças a Deus foi melhor do que imaginava. Logo no início da minha saída da cadeia minha família (pai, mãe, irmãos, esposa e filhos) começou a se aproximarem de mim e hoje estamos muito bem. Esse foi o melhor natal da minha vida.

Sem palavras. A liberdade não tem preço. Graças a Deus aparece trabalho, sou pedreiro e mecânico de carro. Só não conseguir trabalhar de carteira assinada, mas sempre aparece serviço. Meu tio tem uma oficina mecânica e eu trabalho com ele. Desde que saí da prisão sempre apareceu trabalho para mim. Em relação a minha família está tudo tranquilo. Tenho mãe e filhos e não tenho o que reclamar de minha família.

Se eu pudesse voltar atrás não teria me envolvido com isso. Hoje mudei de bairro, estou trabalhando e não tenho mais aquela preocupação de estar sendo perseguido. Agora minha vida está bem melhor, sossego legal (casa trabalho/ trabalho – casa). A minha vida familiar está boa, todos estão felizes por eu ter saído dessa vida do crime.

Está bem melhor agora. Sou um homem livre agora, vou para onde eu quero e não preciso mais me esconder da polícia. Em relação a minha rotina profissional, eu arrumei um carrinho de churrasco e estou vendendo churrasquinho e isso é o meu ganha pão. A minha vida afetiva e familiar está bem. Os meus filhos confiam em mim e estão vendo o meu dia a dia. Onde eu moro é foco de drogas, mas eu não mexo mais com isso.

Estou bem, Graças a Deus tenho uma filha. Mas não tenho oportunidade em nada, só no crime. Estou bem porque tenho minha família. Mas acabaram com minha vida. Em relação a minha rotina profissional, estou muito devagar quase parando. Não me dão oportunidade em nada. Fui fichar e na hora de tirar o nada consta, constou algo e com isso não me ficharam.

Assim que saí achei que seria difícil para arrumar serviço e encarar o público. Fui morar com uma tia e depois de 8 meses arrumei um emprego e minha vida está tranquila. Em relação a minha rotina profissional, meu patrão gosta de mim e as pessoas que trabalham comigo também gostam de mim. No início achei que seria difícil, mas vi que não.

Estou sentindo em outra vida. Isso não é vida para ninguém. O tráfico é uma vida enganosa. Estou me sentindo melhor. Sou uma pessoa diferente. Minha rotina profissional, me sinto bem. Consegui emprego fichado depois que saí do cárcere. Casei e agora estou vivendo a minha vida. Não tem nada melhor que viver em paz.

Está mil vezes melhor. Posso agora acordar perto do meu filho e levá-lo a escola. Com o tempo que estou na rua, já tenho minha casa própria e estou trabalhando, coisa que quando estava no crime, eu não tinha, pois o dinheiro vinha fácil, mas também ia embora muito fácil.

Estou sentindo minha vida bem melhor, com certeza. O único problema é conseguir um trabalho fichado. A minha vida afetiva e familiar está bem. Tirando a questão de estar fazendo tratamento para tuberculose, está tudo bem. Estou morando com minha mulher, convivo muito bem com meu pai e tenho uma relação muito boa com eles.

Vendendo o almoço para comprar a janta. Estou sem emprego. Já deixei currículos espalhados. A minha família, nem sei como estão. Parei de procurar a minha família para não ficar dependendo deles. Hoje sou morador de rua.

Praticamente nasci de novo. Tive que cair lá (cadeia) para acordar para a vida. Minha rotina profissional, hoje em dia não sofro preconceito, pois as pessoas já viram a minha mudança, mas antes, o preconceito era demais. Em relação a minha vida familiar, moro com minha avó que me criou desde pequeno. A minha mãe faleceu quando eu tinha 13/14 anos. Em relação a minha vida afetiva, pretendo voltar para a mãe do meu filho, só que o pai dela está impedindo isso. Ele é contra a nossa união.

Você sai do cárcere, mas o cárcere nunca sai de você. É igual a uma tatuagem, ou seja, você fica marcado. Nesses 4 anos na rua, arrumei apenas um emprego de carteira assinada e eu não consegui ficar nem 90 dias neste emprego, pois estava na experiência. As tatuagens realizadas

na cadeia, todo mundo sabe como é. Quando a gerente da empresa que eu estava trabalhando percebeu as minhas tatuagens, não falou nada e em menos de uma semana fui chamado no escritório e fui mandado embora. Minha esposa me abandonou logo depois que saí da cadeia. Hoje moro com minha mãe que é aposentada. Eu trato de passarinhos de um rapaz que é militar.

Estou sentindo bem, normal. Só algumas pessoas que me olham diferente, mas dá para levar. Em relação a minha rotina profissional, estou bem, pois estou trabalhando. A minha vida afetiva e familiar está bem, está normal. A família está tranquila, moro com minha esposa e filho.

Uma benção. Minha vida familiar está 100%, estou do lado da esposa e da minha filha. Em relação a minha rotina profissional, até o momento não estou trabalhando, estou arrumando a minha vida.

Estou sentindo minha vida boa. A liberdade de novo, minha família está bem. A minha família me recebeu bem, me abraçou, me deu conselho para eu não voltar mais. Falou para eu largar as coisas erradas. Minha vida profissional, arrumei bico e que me ajuda. Ganho pouco, mas está dando para levar.

Vida renovada. Estou correndo atrás de serviço. Tenho pessoas (irmãos da igreja) que estão me ajudando arrumar trabalho. Minha irmã que trabalha na CSN está me ajudando. Minha vida familiar está bem, estou me entendendo melhor com minha mulher. Precisei ir preso para meus familiares me ajudarem. Eles terminaram de construir minha casa.

Estou sentindo a vida chata, pois ficar monitorado é ruim. Fico só dentro de casa e ninguém quer dar emprego. Minha vida familiar está em paz. Moro com meus pais e meus dois filhos. Só tenho andado um pouco estressado e ansioso. Não vejo a hora de tirar esta tornozeleira.

Estou me sentindo muito bem. Estou fazendo tudo o que eu queria fazer. O serviço já está certo. Só falta eu tirar a tornozeleira para começar a trabalhar. Quero curtir a minha família e estou matando as saudades dela ainda. Coloquei a minha tornozeleira há 3 semanas, mas já saiu o alvará e vou passar a cumprir o LC. Em relação a minha vida profissional, ainda não estou trabalhando, mas o trabalho está garantido.

Diferente. Preconceito (no início) e a dificuldade para reingressar na sociedade. Por eu ter uma passagem é difícil para arrumar emprego. Hoje a rotina profissional está bem, estou trabalhando com construção civil. Minha família, Graças a Deus, vem me apoiando.

Sinto minha vida melhor. Aprendi que isso não é vida. A rotina profissional está bem, estou trabalhando em uma lanchonete. A vida afetiva e familiar está bem também. Moro com os meus pais e me relaciono bem com eles.

Me sinto diferente, pois a maioria das pessoas viram a cara. Pais de amigos meus não gostam que eles andem comigo. Hoje minha vida familiar é mais unida, antes não era assim. Minha mãe está mais apegada a mim e eu a ela. Profissionalmente ainda não tenho trabalho formal. Trabalho com meu tio dia sim e dia não fazendo entregas em caminhão.

Tenho que correr atrás do tempo perdido. Na realidade já estou correndo atrás dos meus objetivos em relação a família, pois pretendo ajudá-los mais. Antes de ser preso, eu trabalhava. Mas quando se fala no telefone, você acaba envolvido. Profissionalmente estou bem. Estou trabalhando de auxiliar de pedreiro de 8:00 as 17:00. A vida familiar está bem também. Todos estão com saúde. Moro com os meus pais e minhas irmãs e o meu relacionamento com eles é muito bom.

Mudou quase nada. Já parei com o crime, mas o bairro que eu moro muitos ainda continuam no crime. Mesmo com a pulseira na perna arrumei trabalho fichado. A minha rotina profissional é bem, não tenho problemas no trabalho. Trabalho de segunda a sexta feira. A minha vida familiar está bem. Vivo com minha esposa e uma filha. Minha esposa está grávida. Os outros parentes eu deixo para lá, pois eles brigam muito.

Minha vida melhorou 100%. A vida familiar está normal. Minha família me trata bem e todos me dão conselhos. Moro com minha mãe e minhas irmãs. Em relação a minha rotina profissional, não estou trabalhando ainda, pois tenho antecedentes criminais. Mas também porque saí a pouco tempo da cadeia.

Estou muito bem, faço meus biscates, pois está difícil trabalhar de carteira assinada. Minha família é uma maravilha, nos damos muito bem. Meu pai está muito doente por conta da idade, ele tem 80 anos e é cardíaco e hipertenso. Minha mãe morreu quando eu tinha 2 anos. Moro sozinho, mas muito próximo da casa dos meus irmãos. As vezes arrumo uma namorada, mas não é nada sério.

Estou sentindo a minha vida um pouco difícil, pois não tinha terminado a escolaridade, mas estou na batalha. Estava trabalhando fichado, mas o serviço acabou e eles me mandaram embora junto com o contrato que venceu. Enquanto isso estou trabalhando fazendo o bico que aparece. Mas assim que eles voltarem, irão me contratar novamente. Em relação a minha família, meus

pais e avó, me dão muito apoio, eles me ajudam como podem. Minha mãe faz as compras para mim. Meu pai arrumou este serviço. Hoje moro com minha mulher, não somos casados, mas estamos juntos a 6 anos.

Agora está ótimo em todos os sentidos. Estou em liberdade e nunca mais quero isso para a minha vida. Em relação a minha rotina profissional, cada dia mais estou tendo a oportunidade no mercado de trabalho. Hoje compro carro em leilão e revendo. O lucro não é tão grande quanto no tráfico, mas é honesto e bom também. A minha vida familiar está ótima. A convivência familiar está melhor do que antes. Todos estão felizes. Sou casado a 18 anos e tenho três filhos.

Um pouco diferente. Parece que mudou, arrumar serviço está difícil agora. Em relação a rotina profissional, estou trabalhando de ajudante de pintura. Só não é de carteira assinada. Em relação a família, está tudo bem. Minha família me ajuda bastante, minha mãe sempre me ajuda. Hoje moro com minha namorada e nos damos bem.

Estou sentindo minha vida muito boa, não aguentava mais aquilo. Depois que fui preso, meu filho nasceu e depois que saí da prisão, curti muito ele. O serviço nem procurei ainda, por conta da pena. Mas em relação a família está tudo bem. Eles sempre foram me visitar. Moro com minha mãe e tenho uma relação muito boa com ela, pois além de mãe, ela é minha amiga.

Ficou terrível. Antigamente eu arrumava emprego facilmente, hoje já não consigo mais. A confiabilidade das pessoas não é mais a mesma. Está difícil para arrumar emprego fichado. Hoje só consigo trabalho de freelance, sou padeiro e confeitoiro e não estou conseguindo trabalho com isso. Eu queria mesmo era um emprego fixo para poder voltar a estudar. Fora isso, Deus tem abençoado a minha vida bastante em questão de família e amigos. Minha família está bem unida. Minha mãe tem Alzheimer e todos estão se revezando para cuidar dela.

Tem coisa melhor que a liberdade? Me sinto bem. Minha vida está normal. O problema é só para fixar em algum serviço. Minha vida está normal, pois estou trabalhando e minha família estão todos com saúde.

Minha vida está bem, graças a Deus! Estou trabalhando, sempre trabalhei de vendedor autônomo. Com a minha família, está tudo bem, uma parte mora aqui em Barra Mansa/ RJ e outra parte mora no Ceará. O juiz até me autorizou visitar minha família por lá. Foi muito bom encontrar com eles por lá. Aqui moro com minha esposa e filhos. Meus pais moram no Ceará.

Minha vida está melhor. Voltei para o meu serviço, estou com a minha vida de volta, mudei de cidade, acabei com essa coisa de drogas. Estou passando mais tempo com meus filhos e estou podendo levá-los para a escola. A vida familiar está bem, estou me dando melhor com a esposa, não discutimos mais. Estamos comprando uma casa agora e estamos reformando.

Estou me sentindo normal, mas eu evito muita coisa por conta da justiça. Evito alguns locais em certos horários. Tirando isso, está tudo normal, não tenho problema algum. O fato de eu ter sido preso não me atrapalha em nada, posso trabalhar e andar na rua normalmente. Em relação a rotina profissional, continua a mesma coisa, não me atrapalhou em nada. A minha vida familiar e afetiva está tudo bem. Moro com minha mãe e irmão.

Tenho que começar novamente e fazer as coisas certas. Tenho que me organizar financeiramente e cuidar da minha saúde. Em relação a minha rotina profissional, fui até a firma em que trabalhava antes de ser preso e eles vão me dar mais uma oportunidade. No entanto, preciso cuidar da minha saúde, pois estou com tuberculose. Assim que eu estiver recuperado vou iniciar o meu trabalho.

Estou me sentindo tranquilo, mas preciso trabalhar, pois tenho dois filhos. Minha rotina profissional está normal. Faço bico de serviços gerais e pego qualquer coisa que aparece. Minha vida está normal e igual a de antes de ser preso, com a diferença que antes eu trabalhava e andava para todos os lados e hoje eu não posso mais ficar até tarde na rua. Minha vida familiar está tudo bem. Estou com uma outra mulher, não tem brigas e está tudo tranquilo.

Me sinto melhor, pois amadureci a mente, estou mais responsável. Minha vida está melhor agora que quando estava no tráfico. Profissionalmente, estou estável, está dando para levar. A vida familiar está bem. Estou conquistando os meus objetivos, estou em casa com minha companheira. Estou terminando de construir a minha casa, assim como, estou conquistando a minha carteira de motorista. Eu quero um emprego fichado.

Em relação a família e com os meus filhos, está tudo a mil maravilhas. Convivo muito bem com os meus filhos, com meus pais e com meus irmãos. Em relação a sociedade, há muitas críticas. Muitos se dizem ser seu amigo e depois falam pelas suas costas. Em relação a rotina profissional, não mudou em nada a minha vida. Trabalho na Prefeitura de Piraí, sou motorista da Secretaria de Meio Ambiente a 21 anos. Meus colegas de trabalho sentiram até falta de mim.

Estou sentindo oportunidade de mudança de vida. No momento, não tenho rotina profissional, pois estou apenas 1 semana na rua, mas estou com bastante garra para começar a trabalhar. Em

relação a família, eles estão empenhados a me ajudar. Estou sentindo a minha vida afetiva ótima, pois tenho uma companheira e ela me apoia muito.

Sinto bem tranquilo. Estou trabalhando, tenho carro, uma moto, sou solteiro e moro com minha mãe ainda. Em relação a rotina profissional, hoje trabalho em uma fazenda e sou como uma espécie de segurança para a fazenda. Mas na época em que saí do cárcere, cheguei a trabalhar de motorista na Rodovia do Aço e era de carteira assinada. A minha rotina profissional é tranquila. Tenho um bom relacionamento com meu patrão. A minha vida familiar é bem tranquila. Sou filho único e moro com minha mãe.

Comecei a enxergar o mundo diferente. Passei a dar mais valor para as coisas simples da vida, pois lá dentro da cadeia a gente fica muito restrito e vulnerável. Em relação a minha rotina profissional, estou tentando me reerguer, estou lutando para arrumar emprego, estou entregando vários currículos pelas empresas. Em relação a vida familiar, está tranquilo. Tenho dois filhos adultos e tenho sempre contato com eles. Sou divorciado e não moro com meus pais, moro sozinho. Em relação a vida afetiva, não tem, pois estou sozinho.

Hoje a minha vida foi entregue a Jesus. Tenho uma vida espiritual. Minha rotina profissional está normal, está tranquila. Desde que saí do cárcere estou trabalhando fichado de lanterneiro. A minha vida afetiva, namoro uma dona. Em relação a minha vida familiar, vivo com minha irmã e me sinto bem, somos unidos.

Está complicado para arrumar um trabalho. As pessoas me olham diferente, mas estou lutando. Em relação a minha vida profissional, trabalho com música e marcenaria. Está tranquilo, mas não é nada sério, com carteira assinada é difícil. Em relação a vida familiar, está tudo bem. Todos me tratam bem, minha família não mudou comigo. Eles ficaram um pouco decepcionados, mas nada mudou o tratamento. Moro com minha mãe e irmã.

Ainda é muito pouco tempo que saí do cárcere, praticamente não saí de casa. Minha vida familiar está tranquila. Sou casado e tenho uma filha. Me dou muito bem com minha esposa e com os parentes.

Minha vida está bem melhor, em todos os aspectos. Hoje não mexo com mais nada. Estou na igreja e tem uma semana que casei. Só está ruim para arrumar serviço. Está difícil, porque todos os lugares pedem o nada consta. Então para arrumar um trabalho fichado é difícil. Em relação a vida familiar, moro com a minha esposa, mas minha mãe mora próximo a minha casa.

Estou voltando para a sociedade tranquilo. As pessoas sabem que foi uma denúncia e que não fomos nós que fizemos isso e ninguém discrimina. Estou trabalhando e seguindo a minha vida. A minha vida afetiva e familiar está bem. Todos me tratam da mesma maneira que me tratavam antes. Eu moro com minha avó e sou solteiro. Para a minha avó, sou o filho mais novo e ela me trata muito bem.

Está bem melhor em todos os aspectos. A condição devida melhorou e estou perto da minha família. Em relação a rotina profissional, estou sem trabalho fixo, mas vou arrumar um trabalho mais para frente. Em relação a família, o tratamento deles comigo está melhor do que antes de eu ser preso.

Estou bem, sentindo mais em paz com a minha família. Estou em busca dos meus objetivos: refazer a minha vida. Quero construir uma família e arrumar um emprego para ter uma base. Em relação a rotina profissional, sinto que tenho portas fechadas por eu ser um ex-presidiário. Em relação a vida familiar, sinto muita união, Graças a Deus. Minha família sempre estiveram comigo e estão dispostos a me ajudar. O aconchego é só com a minha família, pois nem tenho saído muito na rua.

Muito melhor agora. Estou com a sensação de liberdade e de poder correr atrás dos meus objetivos e das coisas normais da vida. Aprendi a dar valor as coisas mais simples, aprendi a amar mais. Em relação a rotina profissional, vou fazer os meus currículos, pois estou cheio de gás para trabalhar. Só estou com um pouco de medo em relação a ser um ex-presidiário. A vida familiar está melhor que antes, pois todos estão me amando mais, estou até me sentindo uma estrela.

Está a mesma coisa de antes. Meus documentos estão bloqueados e não arrumo serviço. A minha vida familiar está tranquila.

Minha vida está maravilhosa, pois ninguém merece aquele lugar. Trabalho junto com minha esposa comprando e vendendo roupas e fazendo tortinhas para vender. Estou sentindo que este trabalho não causa risco nenhum. Minha vida familiar está maravilhosa. Eu moro com minha esposa e meu filho.

Minha vida está melhor. Em relação a minha rotina profissional, trabalho das 7:00 às 17:00, tenho uma rotina de trabalho normal e me sinto bem trabalhando. Sou também professor de capoeira em Resende e todo sábado vou lá prestar serviço voluntário. Em relação a vida familiar, estou bem. Separei da minha esposa e me casei novamente com outra pessoa.

Está bem melhor do que lá dentro. Já refleti muito e não quero mais isso para a minha vida. No momento não estou trabalhando fixado, pois perdi todos os meus documentos. Minha profissão mesmo é de padeiro e confeitoiro, mas enquanto não arrumo emprego na área, trabalho de pedreiro. Minha vida familiar está bem e tudo na paz. A união familiar está bem. Existe família que vira as costas, mas Graças a Deus, a minha não virou.

Não tenho do que reclamar, pois achei um emprego atrás do outro e agora eu fixei. A minha rotina de trabalho está tranquila, está ótima, não está cansativa e não tenho problemas. Em relação a minha vida familiar, está tranquila, moro junto da minha mãe e tenho uma boa relação com ela. Minha mãe me incentiva muito.

Agora está bem melhor. Estou correndo atrás para consertar a minha vida e também dos meus objetivos. No momento, o meu objetivo é correr atrás de um serviço fichado, juntar dinheiro e construir a casa própria. Em relação a rotina profissional, não está muito favorecida, pois estou trabalhando sem carteira assinada como ajudante de pedreiro. Mas está sendo bom, pois estou ganhando o meu dinheiro, estou ocupando a minha mente e estou aprendendo mais. A minha vida familiar está bem. Moro com minha prima e uma tia. Estou bem mais feliz com a minha família, eles procuram a me ajudar.

Graças a Deus, estou com a mente tranquila. Antigamente não gostava de fazer nada. Agora estou trabalhando com meu tio de ajudante de eletricitista. Minha rotina profissional está tranquila, é uma rotina agradável. A minha vida afetiva e familiar está boa. Depois que fui preso deu uma juntada na família, pois antes era tudo desunido.

Bem melhor, agora estou vivendo de verdade. Estou trabalhando e cuidando dos meus filhos. Minha rotina profissional está bem, estou começando a pegar mais confiança com as pessoas e vice-versa. A vida afetiva e familiar está bem. Moro com minha mãe, a nossa relação sempre foi boa e melhorou ainda mais depois que fui solto. A minha mãe já é de idade e eu preciso cuidar dela.

Agora ela está muito melhor, bem mais tranquila. Hoje em dia estou trabalhando de vendedor de material de construção. Tenho minha família hoje em dia. Hoje é serviço e casa. Em relação a minha vida familiar, moro com minha esposa e a nossa relação é da paz. Depois que saí da cadeia minha família ficou mais unida.

Está bem melhor, pois o cárcere não é vida para ninguém. Errar é humano, mas persistir no erro é burrice. Meus filhos estão tudo grande. Hoje em dia, minha vida profissional está boa. Faço

biscate de pedreiro. A vida familiar está boa. Estou casado, tenho 3 filhos, mas apenas um filho mora comigo.

A minha vida agora está diferente. Moro com minha esposa fora da comunidade, mas estou no mesmo bairro. A minha vida profissional está ótima, mas está “brabo” para arrumar serviço fixado. No entanto, tem aparecido muito serviço de “bico”. O serviço fixado você se sente mais seguro. A vida afetiva e familiar está boa em todos os sentidos, pois agora a minha esposa trabalha e meu filho estuda. Consigo pagar as contas sem ter que me envolver em nada errado e durmo mais tranquilo. Não tenho pai e minha mãe já faleceu. Tenho irmãos e somos unidos. Meus irmãos não fazem nada de errado. Quando eu estava preso nossa relação ficou enfraquecida, mas depois disso, voltou ao normal.

Maravilhosa, estou dando mais valor a minha família. Hoje trabalho com jardinagem e vendendo geladinho. Minha família me vê chegar em casa todos os dias depois do trabalho ficam mais tranquilos, eles estão vendo a minha mudança. Em relação a minha rotina profissional, está seguindo bem. Só no início que eu senti minha saúde abalada e tive que tomar vitamina. Minha vida familiar, está muito boa. Sinto minha mãe bem e deu testemunho na igreja sobre a minha melhora.

Agora sou outra pessoa. A cadeia é uma faculdade, tem gente que se forma doutor do crime. Eu saí de lá outra pessoa. Hoje trabalho de carteira assinada, já recebi o meu pagamento e já paguei as minhas contas. Estou duro, mas estou feliz. A vida familiar está bem melhor. Minha esposa me acompanhou na cadeia e sofreu comigo e hoje ela está comigo. Durante a minha prisão, os meus familiares me deixaram de lado, mas depois que eu saí, eles se aproximaram mais de mim.

Minha vida está bem melhor. Não me envolvo com mais nada, tenho minha família, minha filha e estou correndo atrás de um emprego. Sinto minha família normal, eles estão me apoiando e me ajudando. Moro com a minha mãe e minhas duas irmãs. Elas me ajudam, me apoiam e me dão conselhos. Saí recente da prisão, por isso ainda não trabalho, mas já estou em busca de um.

Estou me sentindo bem. Nasceu mais uma filha minha. Vou procurar um emprego, só estou esperando a oportunidade aparecer. Tenho que tocar a vida. Minha vida familiar está boa em todos os sentidos. Tem muito amor com a esposa, carinho, amizade com os filhos, irmãos e primos. Só está ruim pela questão do financeiro, pois saí a pouco tempo da cadeia.

Minha vida está complicada, pois perdi minha mãe e família. Vivo por mim mesmo. Minha mãe tinha câncer e me visitava na cadeia, depois disso ela morreu. Meu pai me ajuda a pagar o

meu aluguel e as vezes consegue um emprego de pedreiro para mim. Meu pai mora distante de mim e minhas irmãs também. Minha mãe era a única que ficava comigo 24h se preocupando comigo. A única coisa que consigo trabalhar é fazendo bico de pedreiro. Arrumar emprego fixado é difícil.

Minha vida está mais tranquila. Não tenho ainda uma rotina profissional. Minha vida familiar está bem, mas perto da minha filha, pois voltei para a mãe dela. Meus pais moram perto de mim e minha relação com eles está legal. Meu pai falou que vai me levar para trabalhar com ele. Meu pai é pedreiro.

Muito bem, liberdade não tem preço. Estou trabalhando, casei e tenho mais uma filhinha. A rotina profissional está satisfatória, porque me sinto cidadão novamente e estou podendo andar de cabeça erguida novamente. A vida familiar está bem, porque todos estão felizes, minha mãe e minha esposa são muito companheiras.

Agora fico receoso de pisar na bola e fazer algo errado. Procuo me resguardar mais. A minha rotina profissional está normal e me sinto mais prestativo. A vida familiar está melhor, valorizo minha família e o tempo que tenho com eles (meus pais, esposa, filhos e irmãos). Valorizo muito as coisas simples da vida, principalmente a liberdade. Em relação a minha vida afetiva, depois que passa no cárcere, a vida familiar passa a ser mais próxima.

Eu estou trabalhando como ajudante de caminhão e estou tranquilo. Na vida profissional, estou gostando e estou crescendo na empresa. Estou juntando dinheiro para comprar um carrinho. Em relação a vida familiar, na verdade a minha família são as crianças e está um pouco difícil, pois a mãe delas me impede de eu estar com elas e por qualquer coisa ela vai a delegacia para me acusar das coisas. Mas estou na luta com a justiça para estar com os meus filhos. Meus pais já faleceram e não tenho mais ninguém, meu irmão morreu de HIV.

Depois que eu saí da cadeia comecei a trabalhar. Tudo começou a dar certo. Moro com minha família (esposa e 3 filhas). Profissionalmente, está tudo bem, não tenho o que reclamar. Tenho um casamento bom e uma boa família. Estou construindo uma casa para mim.

Estou sentindo a vida renovada. Foi válido o período que passei lá dentro. Mudei muito as minhas atitudes. Profissionalmente, está ótimo a minha vida. Sou empreiteiro e tenho a minha própria empresa. A minha vida familiar está boa, ficou desgastada por conta da prisão, mas agora está mais firme. Sempre fui estabilizado pela questão familiar.

É normal para mim. Só demorou para me adaptar, pois as pessoas cresceram e os lugares mudaram. Não confio mais em ninguém. Em relação a minha rotina profissional, estou me levantando e as pessoas estão começando a valorizar o meu trabalho. A minha vida familiar está ótima. Moro com minha mãe e o relacionamento dela com a minha irmã melhorou muito.

Pergunta 13. Qual é a sua situação hoje no mercado de trabalho?

Desempregado	Informal	Formal	Informal
Informal	Desempregado	Desempregado	Formal
Informal	aposentado/auxílio	Informal	Informal
Desempregado	doença	Informal	Informal
Formal	aposentado/auxílio	Informal	Informal
Formal	doença	Informal	Informal
Informal	Informal	Desempregado	Informal
Desempregado	Formal	Informal	Informal
Desempregado	Formal	Informal	Informal
Formal	Informal	Informal	Formal
Desempregado	Informal	Formal	Desempregado
Formal	Informal	Informal	Informal
Informal	Informal	Formal	Informal
Informal	Informal	Informal	Desempregado
Informal	Formal	Informal	Formal
Informal	Formal	Formal	Formal
Desempregado	Desempregado	Desempregado	Formal
Desempregado	Desempregado	Informal	Informal
Informal	Informal	Informal	Informal
Formal	Desempregado	Formal	Informal (Autônomo)
Desempregado	Formal	Informal	Informal
Informal	Desempregado	Desempregado	
Informal	Informal	Desempregado	
Formal	Desempregado	Formal	
Informal	Desempregado	Desempregado	
Desempregado	Desempregado	Desempregado	
Informal	Informal	Desempregado	
Informal	Informal	Desempregado	
Informal	Informal	Informal	
Informal	Informal	Informal	

Pergunta 14. Qual é a sua profissão atual?

Eletricista de automóveis

Trabalho com reciclagem

Pizzaiolo e cozinheiro

Motorista de ônibus (Empresa Senhor do Bonfim – Angra dos Reis)

Pedreiro

Mecânico Montador Industrial

Ajudante de pedreiro refratário.

Bico de pintor ou de pedreiro, quando aparece serviço para mim.

Na carteira estou fichado como jardineiro, mas na fazenda em que trabalho faço de tudo um pouco. Trabalho com trator.

Reciclagem – mas com possibilidades de fichar

Ajudante de pedreiro.

Pedreiro.

Serralheiro autônomo

Ajudante de pedreiro

Produtor rural – tira leite

Pedreiro (bico)

Pedreiro e ambulante

Trabalho com a parte elétrica junto com meu pai que é encarregado de obras.

Coleta seletiva - lixeiro

Pedreiro

Motorista de Uber

Serralheiro, pedreiro, cozinheiro, carpinteiro, armador e segurança.

Solda e pintura predial e industrial

Pintura de parede

Operador de retroescavadeira

Oficial de rede – cabista.

Ajudante de pedreiro, carpinteiro, o que pintar eu faço.

Eletricista

Repositor em um supermercado

Mecânico

Maquinário de reciclagem

Churrasqueiro. Tenho um carrinho de churrasco.

Serviços gerais. O que vier e aparecer, eu pego.

Produtor rural.

Auxiliar de serviços gerais.

Auxiliar de inspeção

Sou flanelinha e lavo os carros perto do VITA.

Trabalho com vendas de alho e cebola. Compro o alho e a cebola no SEASA no Rio de Janeiro e revendo para supermercados na minha cidade.

Mecânico, trabalho com alinhamento.

Faço bico de faxina em um clube.

Saí do cárcere a pouco tempo.

Ajudante de Pedreiro

Entrego lanches

Ajudante de caminhoneiro.

Auxiliar de pedreiro.

Ajudante na construção civil.

Ajudante de caminhão.

Serralheria.

Vendedor de carro autônomo.

Ajudante de pintura

Padeiro

Pedreiro

Vendedor de panelas, toalhas e redes.

Auxiliar de manutenção

Motoboy

Manutenção de trilhos e dormentes.

Descarrego caminhão, serviços gerais

Ajudante de pedreiro.

Motorista.

Segurança em uma fazenda

Carpintaria (trabalho com telhado colonial)

Lanterneiro

Acabamento de móveis (marcenaria)

Ajudante de pedreiro, serviços gerais

Compro e vendo roupas

Cabeleireiro. Montei um salão na minha casa e pago o MEI.

Pedreiro

Auxiliar de expedição

Ajudante de pedreiro

Eletricista

Ajudante de pintura

Vendedor de material de construção

Pedreiro

Mecânico montador/ Serviços gerais.

Jardineiro e vendedor de geladinho.

Motorista

Pedreiro, armador, carpinteiro, serviços gerais

Pedreiro.

Conferente logístico

Auxiliar de qualidade

Ajudante de caminhão

Motoboy

Empreiteiro autônomo

Pedreiro

Pergunta 15. Quais são as dificuldades na vida depois que saiu do cárcere?

A minha dificuldade hoje é de sair de casa. Sou limitado pelos horários, além de não poder sair nos finais de semana, também não posso sair nos feriados. Não posso viajar e tudo tenho horário para estar em casa. Por isso é difícil conseguir trabalho. Nem posso ir à igreja por conta do horário também.

Tenho dificuldades para arrumar trabalho fichado. Tirando isso não vi dificuldades.

Não tive nenhuma dificuldade. Só tive dificuldade para conseguir emprego fichado, pois a maioria dos lugares me pedem o nada consta.

Não tive nenhuma dificuldade. As pessoas me desejam coisas boas.

Não tive nenhuma dificuldade. A única dificuldade que tive foi com a crise que o Brasil se encontra e que muitos enfrentam também. Sempre tive uma vida dinâmica, mesmo quando traficava nunca deixei de trabalhar.

Não tive nenhuma dificuldade, pois a minha família em nenhum momento me desamparou. Trabalhei enquanto estive no cárcere. A empresa aqui fora não deixou de me pagar e a minha situação financeira está equilibrada.

As dificuldades são de arrumar um “trampo”, está muito difícil. As obras estão paradas e as pessoas não me dão serviço.

Está difícil arrumar serviço de imediato para manter minha família e eu. A falta de dinheiro é muito grande. Os meus amigos estão no tráfico e vivem me chamando para voltar a traficar, mas não quero mais isso.

A minha dificuldade é arrumar um trabalho. O que mais quero é crescer em uma empresa. Emprego está difícil para todo mundo. Mas a minha maior dificuldade para arrumar um trabalho é o preconceito por ter sido preso.

São inúmeras as dificuldades. Uma delas é em relação a arrumar um emprego. A vida social também foi difícil. A maneira com que as pessoas olham e me trata é muito ruim. Nada é igual como antes de ser preso.

A maneira com que as pessoas me veem aqui na rua. Escutei de um vereador que para ex-preso não tem como dar oportunidade de trabalho. A discriminação das pessoas é muito grande.

Nenhuma dificuldade. Todos me conhecem e sabem quem sou.

A maior dificuldade foi no trabalho. Foi difícil arrumar um emprego, mas Deus me ajudou.

A carteira é difícil de assinar, mas para bico eu consigo trabalhar. Quando se tem passagem pela justiça, a mancha é muito grande e fica difícil uma recolocação no mercado de trabalho.

Não tive dificuldades. Depois que saí da cadeia, minha vida ficou normal. A vida segue do mesmo jeito que era antes de eu ir preso.

A maior dificuldade é conseguir um emprego decente. O resto dá para contornar.

A maior dificuldade é conseguir um emprego. Já corri atrás, mas não consegui fichar. O fato de eu não ter estudo me dificulta a ter emprego.

Nenhuma, graças a Deus. Tenho boas amizades e vou onde eu quero. A única dificuldade que eu tenho é que não posso sair do Estado do Rio de Janeiro.

As dificuldades são arrumar um emprego no mercado formal. Porque é raro a contratação de ex-presidiário.

No meu ponto de vista, se a pessoa não tem estrutura familiar, ela se limita. O maior vilão da história é a própria pessoa. Quando saí do sistema prisional não estava estruturado e para recomençar foi muito difícil. Se você não tem estrutura familiar, fica muito difícil se erguer.

Me senti um pouco sem chão. As coisas aqui no Patronato estão meio agarradas, pois não consigo iniciar a minha assinatura. Minha pressão está alta, estou tendo que tomar remédio para os nervos. Estou com dificuldades no trabalho, pois estou deixando de fazer bicos para poder resolver o meu problema aqui no Patronato da assinatura. Toda hora eles me pedem para ir na VEP, eu vou lá e não consigo resolver a situação.

A maior dificuldade é na questão financeira, pois tenho gastado o que tenho e o que não tenho. Antes de ser preso, sempre estava indo a São Paulo para trabalhar. Hoje não posso mais ir, por conta do PAD. Arrumar clientela está muito difícil. Até recomençar novamente, está difícil.

A maior dificuldade é manter financeiramente minha família. Tenho uma filha que vai fazer 14 anos. Casa eu já tenho uma. Em relação a questão financeira, tenho que correr para todos os lados para conseguir manter minha família.

Não tive muitas dificuldades, só o preconceito das pessoas. De início, tive dificuldades para me empregar. O meu nada consta vinha sempre discriminado, constando problemas na justiça.

Tive bastante dificuldades de arrumar um emprego. Mas depois que consegui o primeiro emprego, minha vida começou a se acertar. Tirei a minha habilitação, fiz curso de operador de empilhadeira e operador de ponte rolante.

As dificuldades são muitas, em relação a emprego e com algumas pessoas. Por eu ser um ex-presidiário é difícil arrumar emprego e o meu artigo acaba que não me ajuda muito.

Por conta do meu nome sujo, não consegui mais serviço formal.

O preconceito em primeiro lugar. Conseguir serviço é difícil, muita gente discrimina. No relacionamento também foi difícil, cheguei a me separar de cinco mulheres, pois elas não entendiam que não podia sair de casa depois de um certo horário.

A aceitação das pessoas, a maneira como elas me olham. Ingressar no mercado de trabalho também é difícil. Algumas pessoas não ligam, mas a grande maioria sim.

No começo a adaptação foi difícil, pois algumas coisas mudaram. As pessoas e os lugares já não são mais os mesmos. Agora a adaptação normalizou. Hoje não tenho nenhum problema com as pessoas. Não tenho dificuldade com nada.

Não tive dificuldades, graças a Deus! Tentei ver emprego na CSN, tentei três vezes e não consegui. Quando saí da cadeia comecei a trabalhar com meu pai, mas não deu certo trabalhar com ele, pois vivíamos em conflito. Tentei emprego na CSN e não consegui. Depois, voltei atrás e pedi emprego para meu pai e estou até hoje trabalhando com ele. Também engravidei uma menina e hoje sou pai de uma menina. No começo da gestação da minha companheira tive dificuldades. Não gosto muito de pedir ajuda, mas tive que pedir para meus pais.

A dificuldade é de arrumar emprego fichado.

Sinto muito a falta do meu avô e do meu pai que faleceram.

As pessoas nos olham de uma maneira diferente. Em alguns lugares me sinto constrangido com os olhares e com os comentários. Fico meio envergonhado.

A maior dificuldade é arrumar um emprego bom, serviço fichado, ter dinheiro todo mês e poder pagar as contas. Emprego bom para mim, é um emprego dentro da CSN.

Até o momento não tive nenhuma dificuldade.

Mudei de cidade e não tenho como falar disso. Se fosse na minha cidade em que eu era muito conhecido poderia ser mais constrangedor. Na cidade em que estou morando hoje em dia,

ninguém me conhece. Nos primeiros dois meses tive dificuldade para arrumar emprego, mas depois que mudei de cidade não tive mais dificuldade e logo me empreguei.

É estranho arrumar trabalho de carteira assinada. Embora ainda eu não tenha feito nenhuma entrevista de emprego. Mas já mandei vários currículos para vários lugares e ainda não consegui nenhuma entrevista de emprego.

A dificuldade é para arrumar emprego. Passei por 4 firmas, mas por conta do meu título de eleitor suspenso e por ter passagem pela justiça não pude fichar em nenhuma empresa. Duas empresas já me falaram que se meu título de eleitor estivesse liberado, a empresa até poderia me contratar. No mês que vem vou ter a minha última assinatura e daí poderei dar baixa no meu processo e vou poder resolver o problema da minha documentação. Meu chefe me disse que vai me fichar assim que meu título de eleitor estiver liberado.

Foi encarar meus parentes (irmãos, sobrinhos, cunhados) que estão mais afastados. Eles me dão muitos conselhos para não mexer mais com drogas e encará-los foi dose.

Todas. Não tenho oportunidade de emprego. Todos me olham e me julga. Só queria uma oportunidade na vida. Sou tratado como um animal. É por isso que tem muita bandidagem na rua. É muito julgamento.

Pensei que chegaria no bairro que morava antes de ser preso e ninguém falaria comigo. Mas não encontrei esta dificuldade. Tive dificuldade para arrumar meus documentos, pois estando no LC não posso tirar o título de eleitor e com isso não posso ter CPF.

No começo as pessoas desacreditam da gente. A oportunidade de arrumar serviço fica difícil. Mas a pessoa tem que acreditar. Muitas pessoas desacreditam da gente e acham que não podemos mudar. Me sinto em paz, mas as pessoas me olham diferente e me julga.

As dificuldades são mais nas questões de trabalho. Fiz vários exames de contratação de emprego, mas na hora de entregar os documentos para fichar, a falta de título de eleitor, a empresa não aceitou. Mas em relação a família, eles me apoiaram da maneira que puderam.

Arrumar trabalho. Sofri preconceito em relação a vida que eu já tive. A polícia quando me vê na rua, logo me dá uma geral. As pessoas têm preconceito de mim.

Ter uma moradia. Quando se tem moradia, as coisas ficam mais fáceis. Dormir na rua é ruim, acontecem muitas covardias.

Arrumar serviço, pois o preconceito foi enorme. Até as pessoas acreditarem na minha mudança, foi difícil.

Todas, pois você se habilita ou tenta se habilitar, mas a sociedade não te aceita. Por exemplo: uma empresa, eles não contratam por medo de que eu venha roubar, já que fui preso por conta de roubo.

Não tive dificuldade nenhuma. Só a polícia quando me para na rua.

A ressocialização na sociedade. Muitas pessoas não acham que podemos mudar. No entanto, no momento não estou tendo nenhuma dificuldade, pois saí recente da cadeia (4 dias) e espero não ter dificuldades.

Só não consigo trabalho de carteira assinada, pois as empresas não contratam ex-presidiário que estão assinando. Sempre me pedem o nada consta e eles não aceitam.

Nenhuma, pois coloquei Deus na minha mente.

Trabalho. Não consigo arrumar emprego, pois eles me pedem o nada consta. Eles acham que vou roubar.

Foi difícil me aproximar das pessoas que acreditava em mim antes de eu ser preso para pedir desculpas. Elas não imaginavam que eu fazia coisas erradas. Tive vergonha, mas consegui conversar com elas.

Em relação ao emprego. Dependendo da firma que você vai, eles pedem o nada consta. Nem todas as empresas são assim, mas a maioria pede.

Antes eu pensava que as pessoas me olhariam de outra forma. Mas hoje percebo no meu dia a dia que não é nada daquilo. Não tive dificuldades, pois saí de lá de dentro com objetivos de vida.

Arrumar um emprego, não sei por quê. Hoje em dia a maioria dos empregos pedem o nada consta e quando veem que fui preso pelo 157 (roubo) piora ainda mais a situação.

A pulseira na minha perna. Por causa dela só posso usar calça. Pois se ela ficar exposta não arrumo emprego. Também pode provocar uma situação ruim para as pessoas. Por conta da pulseira fico marcado.

Dificuldade para arrumar emprego. Agora que estou empregado, está mais fácil. Muitos lugares pediram o nada consta.

Só de arrumar um emprego. Por conta dos antecedentes criminais, não arrumo emprego. Por isso que muitos voltam para a vida do crime.

Logo no início tive dificuldade em relação a alimentação, pois tinha que comprar gás. Cheguei a trabalhar lavando os carros na rua. Faço biscate descarregando caminhão. A dificuldade que estou tendo é de arrumar serviço fichado, porque está difícil mesmo. Não sei se é azar ou se é crise.

De princípio a dificuldade foi de arrumar um serviço. Hoje em dia continua difícil arrumar serviço por conta da minha escolaridade.

Não tive dificuldades, trabalho para mim mesmo. A maioria tem dificuldades para arrumar emprego, mas eu não tive nenhum problema Graças a Deus.

Não tive dificuldade em nada. Para arrumar trabalho fichado é um pouco difícil, mas trabalho sempre tem.

Parece que as pessoas te olham com outros olhos, não é mais aquela coisa de antes.

Seria realmente em relação ao emprego. As veze um curso que queria fazer no SENAI ou FAETEC, mas não sou chamado. Inserção no mercado de trabalho é a maior dificuldade. Já tentei fazer concurso público, mas não fui chamado.

A dificuldade é de fixar e de tirar o título de eleitor.

Graças a Deus sempre trabalhei. Não tive dificuldades, pois meu trabalho é autônomo. Mas acredito que se eu fosse procurar emprego fichado, eu teria dificuldade por conta da discriminação.

Dificuldades só de arrumar emprego. Corri atrás para voltar ao meu emprego de antes, consegui, mas não exerço a mesma função. Quando saí do cárcere procurei emprego em várias empresas. Passei por entrevistas e tudo e na hora de puxar o nada consta, eu era dispensado. Procurei a empresa que trabalhava antes de ser preso e meu chefe me deu um emprego, mas não exerço mais a mesma função de antes.

Na minha vida não atrapalhou em nada. O fato de eu ter sido preso não me atrapalhou no serviço, até porque trabalho sem estar fichado e isso ninguém investiga. Mas se eu fosse procurar emprego fichado talvez, eu tivesse problemas, por conta do nada consta.

A dificuldade que eu passei foi de fazer as pessoas entenderem que eu errei, mas que não sou uma pessoa má. Em relação ao trabalho, não tive dificuldade.

O problema é arrumar trabalho fichado, pois há muitas discriminações. Eu queria mesmo era voltar para a roça.

Muito preconceito em relação a emprego. Não posso usar bermuda, pois com a tornozela exposta sou criticado pelos policiais. Tenho que estar sempre de calça para não ter problemas.

Até agora não tive dificuldade nenhuma. A única coisa difícil é que não posso viajar. Sou caminhoneiro e não posso sair do Estado do Rio de Janeiro.

A primeira dificuldade é a rentabilidade, seria me manter financeiramente. A segunda seria o olhar das pessoas, a sociedade, não da família. Pois o olhar deles é crítico, é de desconfiança.

A dificuldade que tive foi em relação a emprego. Quando estava com a pulseira na perna cheguei a ser dispensado do trabalho. Isso aconteceu em três firmas que são certinhas e que cobram documentação completa. Atualmente, o meu título continua bloqueado.

As coisas mudam depois de ser preso. Não posso fazer concurso público e não posso trabalhar em multinacionais. As coisas se estreitam para a gente. Saí do cárcere com medo das coisas. O mais difícil é arrumar emprego fichado. Estou trabalhando, mas não é fichado.

Nenhuma dificuldade. Depois que saí do cárcere fiquei doente, enxergo e escuto mal.

Dificuldade de arrumar emprego. As pessoas te olham com outros olhos, como se não pudéssemos mudar.

É tão pouco tempo que saí do cárcere que acho que ainda vou passar por dificuldade. Imagino que seja o preconceito, mas por enquanto não vi nenhuma diferença.

A maior dificuldade é arrumar um serviço. A maioria das pessoas não dão serviço. A gente precisa de pagar as contas e fica difícil sem trabalho. Para trabalhar fichado precisa ter o nada consta e a gente que está no LC vai constar sempre e por isso as empresas não nos aceitam.

Não estou tendo dificuldades. Deus está me abençoando em tudo. Tenho casa e trabalho.

Arrumar um serviço e ter novas amizades fica difícil. Por eu ter sido preso, as pessoas não querem fazer amizade comigo.

A ressocialização é uma das dificuldades. Outra dificuldade é você ser visto como uma pessoa do bem

No momento, não vejo dificuldade, estou cheio de gás. Tenho uma mente aberta e é o que me ajuda muito. Mas a gente não fica muito bem visto pelas pessoas, há um pouco de discriminação.

Só de arrumar um serviço, isso é a principal dificuldade. Não sei se a dificuldade é devido a busca pelo nada consta ou se é por conta do CPF que está bloqueado.

É de ressocializar, pois independente de qualquer coisa você é discriminado. No emprego existe uma diferença.

Emprego. Oportunidade de arrumar um emprego de carteira assinada é a maior dificuldade que eu tive.

Confiança. As pessoas não têm confiança, também tem os amigos que se afastam da gente. Mas procuro mostrar quem sou no dia a dia, na prática, sem fazer atos ruins como o de matar. O sistema mostra muitas coisas boas e ruins.

Mais pela questão de emprego, pois fiquei malvisto quando saí da cadeia.

É conseguir um emprego de carteira assinada, pois o “bico”, eu consigo por conhecimento.

Nenhuma dificuldade. Mas tive dificuldade de tirar a documentação e de arrumar emprego. Só consegui este emprego, pois meu tio me colocou para trabalhar com ele depois que eu pedi.

As portas de emprego para arrumar um serviço fichado, é difícil.

O trabalho, pois é muita burocracia de estar preso

Muito preconceito. Procurava serviço e quando via a vaga já estava preenchida. É difícil achar emprego, somente um peixe para conseguir entrar dentro da firma.

Arrumar emprego fixado. Porque semana passada fui com 4 amigos para uma entrevista de trabalho. Os 4 amigos foram fixados e não tinham passagem pelo sistema. E eu por ter sido preso, ela disse que depois ligaria e nunca mais entrou em contato comigo.

A dificuldade inicial é esquecer que já saí do cárcere. Muitas vezes acordei assustado e chorando. Mas para a minha saúde física e espiritual foi bom ter ido para a cadeia, pois através disso que eu mudei a minha vida. Depois não tive mais dificuldade na vida.

Não tive nenhuma dificuldade. Saí da cadeia já empregado.

Arrumar um emprego, pois está difícil para todo mundo, mas vou correr atrás de um.

É difícil arrumar emprego de carteira assinada. Sei que é muito recente ainda para isso, mas pretendo acabar a minha assinatura para procurar serviço.

Falta da minha mãe. Antes de fazer qualquer coisa pensava nela. Hoje não tenho mais ela.

Arrumar um emprego, pois não aparece emprego. Fica um clima chato com as pessoas para me darem um emprego. As pessoas acham que estou mexendo com coisa errada ainda.

Reintegrar na sociedade, tirar documentos que foi uma burocracia danada. Arrumar um emprego de início foi difícil por conta do nada consta.

Eu não tive tanta dificuldade, mas a maior dificuldade foi arrumar um emprego, pois a maioria das empresas pedem o nada consta.

Sinceramente nenhuma. Fui recebido bem no bairro em que moro. Voltei para a mesma firma que trabalhava antes de ser preso.

A dificuldade é só de arrumar emprego fixado. Tentei arrumar e tive que aceitar a trabalhar de motoboy só para cuidar da minha família.

A primeira dificuldade foi a questão do nada consta, porque você quer arrumar um serviço e voltar para uma rotina, mas não consegue.

Não houve dificuldade. As pessoas sentiram a minha falta.

Pergunta 16. O que você pretende fazer da sua vida agora que está em uma nova etapa?

Eu quero me formar, terminar os estudos e constituir uma família.

Pretendo trabalhar e reconstruir minha família.

Pretendo trabalhar e construir a minha família novamente. Sou viúvo, minha esposa faleceu muito nova e me deixou com três filhos. O meu filho do meio morreu em um acidente de carro. Ficaram meus filhos de 10 e 14 anos, mas que moram com minha irmã. Pretendo reestruturar a minha vida financeiramente e quero casar novamente.

Pretendo voltar a trabalhar, mas primeiro vou fazer um check up na minha saúde. Não sei se poderei exercer a profissão de antes que era de calcetagem (montar paralelepípedo na rua), pois meche muito com a coluna. Mas pretendo trabalhar.

Terminando a Condicional, pretendo voltar para Portugal, pois minha esposa é portuguesa. Eu morava na Europa e pretendo voltar para lá.

Pretendo me aposentar, parar com tudo e não mexer com nada. Mas mesmo aposentado terei que trabalhar um pouquinho para complementar a renda e poder pagar a faculdade de minha filha. Depois disso, não vou querer fazer mais nada.

Pretendo trabalhar fichado e mudar do bairro em que moro.

Pretendo arrumar um trabalho e sair do meu bairro. Quero viver com minha família fora dali. Quero andar com minha cabeça erguida, pois parei com tudo de errado.

Pretendo cultivar e preservar a família, trabalhar e viver como qualquer ser humano.

Pretendo me estruturar e me erguer novamente. Agora a luta é diferente. Tenho que acordar cedo e colocar a cara no sol. O meu objetivo é recuperar a minha filha. Depois que fui preso, a mãe dela sumiu da minha vida e tirou ela da minha vida.

Quero recuperar o tempo perdido com minha filha.

Quero continuar a trabalhar e ter filhos.

Quero buscar melhorar cada vez mais na vida. Pretendo melhorar em todos os aspectos: financeiros, pensamentos e buscar mais a Deus.

Pretendo dar um futuro melhor para os meus filhos. Quero colocá-los em uma escola e se possível pretendo levá-los e buscá-los nesta escola para que eles possam ter uma vida que eu não tive. Meus filhos têm 4, 5 e 6 anos.

Nunca mais quero o que é dos outros. Pretendo trabalhar para conquistar as minhas coisas.

Pretendo concluir os meus objetivos: tirar a habilitação, regularizar a minha firma e seguir em frente para dar melhores condições de cuidar dos filhos.

Eu quero arrumar emprego, quero arrumar uma companheira e estar do lado dos meus filhos sempre.

Pretendo terminar a obra de uma loja para que eu possa montar o meu próprio negócio.

Pretendo arrumar um serviço melhor para construir minha casa e sair da casa de minha mãe.

Pretendo continuar a trabalhar e construir uma herança para meus filhos. Pois dando estrutura para meus filhos, possibilitando que eles estudem. Eles terão um bom futuro e poderão me ajudar e me apoiar. Jamais pensei em subtrair algo de alguém.

Pretendo continuar o meu serviço de obras para ter trabalho de carteira assinada. Sempre trabalhei com obras. Sou pedreiro a muito tempo.

Vou continuar minha vida de onde parei. Não no tráfico. Isso jamais! Vou começar tudo novamente. Minha esposa estará indo a São Paulo para comprar mercadorias e por aqui irei vender. Costumo vender eletrônico e roupas.

Estou tentando montar um comércio para poder ter uma renda mais fixa. Pretendo fazer e vender quentinha, picolé e açaí. Mais para frente, pretendo comprar uma assadeira para vender frango assado.

Não tive muitas dificuldades, só o preconceito das pessoas. De início, tive dificuldades para me empregar. O meu nada consta vinha sempre discriminado, constando problemas na justiça.

Pretendo trabalhar bastante e ter uma família. Quero ter filhos. Meu sonho sempre foi ser pai e quero dar tudo para ele.

Pretendo viver uma vida nova. Estou estudando teologia e pretendo seguir a minha vida dentro do conhecimento da teologia.

Pretendo continuar a minha vida do jeito que está hoje. Não procurando coisas erradas. Quero tentar ganhar a vida honestamente, sem enganar os outros.

Quero construir uma casa, comprar um terreno e ter uma vida normal.

Pretendo continuar trabalhando tentando chegar nos meus objetivos, que é acabar de construir a minha casa.

Penso em viver o momento. Pretendo viver um dia após o outro.

Agora tenho que focar bastante, neste objetivo, agora vou ter uma filha. Há 6 meses atrás pensava muito em mim, agora com minha filha para nascer, penso muito nela. É muito louco isso, é automático. Hoje só penso na minha família.

Pretendo trabalhar e viver bem. Não tenho que provar nada para a sociedade. Tenho que provar para mim mesmo. Tem coisa que acontece na nossa vida, que somos dignos a uma nova oportunidade.

Pretendo continuar a estudar, ir para a igreja, fazer outros cursos e retornar para o trabalho.

Pretendo passear mais com minha mãe que tem 84 anos. Quero dar uma vida melhor para ela.

Pretendo trabalhar para ajudar os meus filhos a ter uma vida mais digna.

Pretendo me qualificar e estudar mais.

Quero ter a minha casinha e sair do aluguel. Também pretendo viver cada dia sem fazer coisa errada.

Estou arrumando minha casa. Tenho um terreno e quando der uma melhorada no financeiro vou fazer uma quitinete para aluguel. Mas não dá para pensar muito, tenho que viver a cada dia.

Pretendo arrumar um bom emprego, trabalhar bastante e tocar minha vida com minha família. Também pretendo só melhorar.

Quero melhorar mais. Quero ter mais um carrinho de churrasco e abrir mais um ponto de venda de churrasco. Também quero vender algodão doce. Drogas, não quero nunca mais.

Pretendo reconstruir minha família. Quero trabalhar e fazer tudo diferente. Quero não errar mais, não usar mais as drogas e quero estudar.

Pretendo acabar a minha pena, ficar sem dívida com o governo e seguir a vida sem olhar para trás. Quero ter uma vida honestamente e reconstruir minha vida de novo.

Pretendo tentar recuperar algumas coisas que perdi (os estudos). Pretendo fazer curso e ter uma vida que não imaginava ter. Antes, eu queria ficar na vida enganosa.

Pretendo melhorar cada vez mais. O que eu não pretendo é voltar para a vida do crime. Quero acabar de construir a minha casa, dar um certo conforto para minha esposa e filhos.

Pretendo arrumar um trabalho fichado. Minha meta é essa.

Pretendo melhorar, arrumar um lugar para eu morar e um emprego. Família, prefiro manter afastado.

Pretendo voltar a estudar, poder registrar o meu filho e voltar a ter a minha família de antes (esposa e filho).

Enquanto estiver com minha mãe viva pretendo cuidar dela.

Pretendo trabalhar e ser feliz sem olhar para trás.

Pretendo procurar um serviço e viver a minha vida com a família.

Tentar arrumar um serviço de carteira assinada. Arrumar uma família, pois quero ter um filho. Arrumar a minha vida, quero arrumar uma namorada, uma esposa.

Pretendo seguir o caminho certo. Trabalhar, igreja, cuidar do meu filho que quase não vi crescer porque estava na cadeia.

Pretendo ficar em paz e nunca mais roubar na vida.

Pretendo trabalhar, ter filhos e morar junto da minha namorada. Pretendo ter uma vida normal e civilizada, pois o que aconteceu só arrasou com a minha vida.

Não cometer os mesmos erros do passado (envolvimento com as drogas).

Pretendo constituir uma família, ter esposa, filhos e seguir minha vida.

Pretendo casar, ter filhos e viver tranquilo, sem medo da polícia me prender, sem medo de alguém vir atrás de mim.

Pretendo arrumar um serviço fichado. O problema é essa pulseira na minha perna.

Pretendo crescer na vida, ter uma profissão decente e ter uma casa própria.

Pretendo reconstruir minha família. Pretendo ter uma esposa e arrumar um emprego.

Agora pretendo trabalhar, arrumar uma mulher muito bacana, pois é difícil. Tenho que agradecer a Deus pelas coisas boas e evitar os maus olhados.

Pretendo continuar a correr atrás de arrumar um serviço nesta área (calderaria). Depois que conseguir terminar os estudos, quero arrumar um emprego em uma firma grande. Pretendo trabalhar por algum tempo lá e juntar dinheiro para conseguir abrir meu próprio negócio.

Pretendo seguir a vida no ramo que me encontro, como vendedor de carros.

Pretendo esquecer o que passei e tentar viver diferente. Ajudar mais a minha família com bens materiais e ajudar em casa.

Pretendo arrumar emprego para andar de cabeça erguida, para que meus filhos não entrem nessa vida que eu entrei. Pretendo participar mais da vida de meus filhos, pois perdi 2 anos da vida deles. Tenho dois filhos de 4 e 2 anos. Quero ser muito mais que um pai para eles, quero ser um amigo.

Pretendo terminar a minha faculdade ou até mesmo começar uma outra. Constituir uma família e dar condições de melhoria para mim e para quem está do meu lado, mas primeiro preciso da minha condição financeira. Pretendo ser um bom exemplo para a sociedade.

Pretendo seguir em frente trabalhando e continuar com minha família, esposa e filho.

Pretendo seguir em frente, trabalhar, seguir meus sonhos que é de montar as minhas lojas e visitar mais meus familiares no Ceará.

Pretendo aproveitar o máximo os meus filhos e minha esposa.

Pretendo trabalhar e me dedicar mais a minha família.

Pretendo recomeçar, lutar para conseguir aquilo que não tinha. Voltar a estudar e arrumar uma namorada. Preciso melhorar a minha vida financeira. Preciso passar por médicos para resolver os meus problemas de saúde.

Pretendo reconstruir a minha vida. Construir minha família novamente, ter uma casa, serviço para sustentar a minha família.

Pretendo criar as minhas filhas e conseguir uma profissão melhor. Sou pedreiro.

Pretendo conquistar tudo de novo. Quero ter uma casa própria e quero ser feliz.

Primeiro pretendo arrumar um emprego urgente. Depois vou tentar virar a página e usar esse sofrimento para meu aprendizado. Tenho que tirar algo positivo sobre as coisas ruins.

Quero abrir uma empresa pelo MEI, pois meu chefe da fazenda está cobrando e quer me contratar legalmente.

Quero trabalhar, aproveitar a vida e esquecer o que aconteceu. Quero pensar em coisas boas e novas.

Pretendo seguir a vida que vivo, tranquilo em casa. Estou namorando com uma dona e quero me casar.

Pretendo constituir uma família. Fazer tudo de novo o que perdi: família e trabalho. Tive que parar com a música, porque fui preso. Pretendo voltar com a música. Toco cavaco e canto.

Pretendo voltar para a polícia.

Pretendo viver normalmente como uma pessoa decente. Sem fazer nada de errado, sem me envolver com nada ilícito. Pretendo aproveitar a minha família, trabalhar e não mexer com nada ilícito.

Pretendo seguir em frente, trabalhar, construir uma família e dar valor as pessoas que me deram apoio quando estava privado da minha liberdade.

Pretendo terminar os estudos, arrumar um bom emprego e formar uma família.

Pretendo ter uma família, um emprego, iniciar uma faculdade e poder dar um bem-estar para a minha família.

Pretendo trabalhar, constituir família, ter um filho e ser feliz.

Pretendo seguir em frente. Quero dar continuidade naquilo que ficou para trás. Porque eu trabalhava e entrei nesta vida por sem-vergonhice. Quero dar continuidade no meu trabalho

Pretendo trabalhar, curtir a minha família e dar o valor que eles merecem.

Pretendo fazer faculdade de Educação Física em 2020 quem sabe.

Pretendo realizar o meu sonho que é o de reunir a minha família novamente (esposa e filhos), pois estamos separados a 3 meses. Pretendo também abrir uma padaria.

Quero comprar um carro, voltar a estudar e estar sempre melhorando.

No momento, pretendo procurar um trabalho, me erguer e pagar as coisas que devo (a cadeia).

Pretendo montar a minha família, arrumar um serviço melhor e ter uma nova vida. Não quero mais voltar para a cadeia.

Pretendo continuar o meu trabalho para cuidar as crianças e da minha mãe.

Pretendo continuar trabalhando e ficar tranquilo.

Penso em trabalhar, abrir um bar e seguir minha vida em frente.

Pretendo seguir em frente na vida certa, não me envolver mais em coisas erradas. Ter uma vida mais digna, ter serviço, poder sair para trabalhar as 7:00 e voltar as 17:00 sem ter que sair correndo da polícia.

Pretendo melhorar, ajudar moradores de rua com a palavra de Deus. Tenho vontade de fazer um curso de paisagismo. Pretendo mudar a categoria da minha habilitação para A e E, pois, ela é A e D.

Pretendo viver bem, trabalhar e dar sustento para a minha família.

Pretendo arrumar um emprego, cuidar da minha filha e voltar a estudar para acabar os estudos.

Pretendo continuar trabalhando para conquistar um patrimônio. Pretendo tirar minha habilitação. Pretendo abrir um comércio de churrasco e bebidas.

Pretendo arrumar um emprego decente, família, ter filhos para poder viver em paz sem preocupações.

Pretendo morar junto da minha mulher e filha e arrumar um emprego.

Procuro fazer um curso profissionalizante no SENAI para aumentar o salário, pois tenho 4 filhos e preciso pagar a pensão de 3 filhos. Cada filho recebe R\$150,00.

Pretendo estudar mais, me formar e terminar minha casa para dar condição de vida mais estável para minha família.

Pretendo estar trabalhando, vou lutar para ficar com meus filhos e quero crescer.

Agora quero construir a minha casa, arrumar um trabalho fixado onde possa contribuir com o INSS e poder cuidar da minha família.

Assim que eu saí da cadeia, minha esposa engravidou e eu busco estabilidade financeira.

Pretendo fixar, fazer um curso de construção. Tenho três terrenos e quero construir umas casinhas.

Pergunta 17. Como Você percebe as pessoas em relação a saberem que você é um ex-presidiário?

As pessoas acham o fato de eu estar usando tornozeleira bem legal. Fui bem aceito pelas pessoas aqui na rua. Sou sincero com as pessoas sobre a minha vida prisional e por isso elas me aceitam bem.

Não olho a vida dos outros. Não ligo para o que os outros pensam. Pensamento de ninguém vai mudar a minha vida. Não importo o que as pessoas pensam de mim.

Tem gente que não gosta e que fica assustada. Se as pessoas perguntarem para mim como é ficar preso, eu falo normalmente. Mas aqueles que não me perguntam, não falo nada, fico quieto. Algumas pessoas pensam que sou sem juízo e que não gosto de trabalhar. Alguns parentes são assim, me julgam bastante e é por isso que evito alguns familiares.

As pessoas me olham normalmente. Elas são muito curiosas sobre a cadeia, me perguntam como é lá dentro, se a comida de lá é boa.

Muitos nem acreditam quando conto que fui preso. Nunca me senti discriminado por ter sido preso. Se elas têm preconceito, não demonstram para mim.

Não houve diferença alguma na minha vida em relação as pessoas na sociedade. Sempre ouvi falar que ter sido preso iria atrapalhar minha vida, mas Graças a Deus não houve isso.

Algumas pessoas são tranquilas, mas outras não são. A minha família é bem tranquila. Parece que algumas pessoas têm recalque por saber que fui preso, pois achavam que eu sairia da cadeia morto.

As vezes sinto as pessoas com um certo preconceito, outras vezes, com piedade, outras com medo por saber que já matei e trafiquei. Outros me olham com muito respeito. Alguns me julgam pela aparência. Isso tudo me deixa constrangido.

Eles me olham normal. Varia muito de lugar. Tem lugares que as pessoas me olham normal e outros não.

Percebo um certo espanto ao saber que sou um ex-presidiário. Outro dia ouvi um comentário lá no meu trabalho: “parece que esta empresa (Reframax) só recebe ex-presidiário. As pessoas conversam comigo numa boa, mas quando descobrem que fui preso, elas se afastam de mim.

Me sinto mal, pois as pessoas ficam olhando a pulseira na minha perna. A discriminação é muito grande.

No meu caso, estão me tratando normalmente. Onde eu moro, todos me conhecem.

As pessoas que me conheceram no passado e agora me veem na igreja ficam felizes. Elas me falam para eu continuar neste caminho.

Muitos nem querem ficar perto, pois pensam que a polícia vai passar perto e vai prendê-los também. As pessoas têm medo de ir preso por estarem perto de mim. Eu nem fico muito na rua, pois tenho horário certo para estar em casa.

Algumas pessoas são tranquilas, outras me olham diferenciadas e não querem ficar perto de mim. Normalmente as pessoas que me olham dessa maneira diferenciada são pessoas conhecidas. Essas pessoas são sistemáticas. As pessoas que são mais tranquilas comigo são meus familiares e algumas pessoas que moram no meu bairro

Percebo os olhares das pessoas. Esses olhares são tortos, tem cochichos e medo. Mas isso não me incomoda, pois, o passado já foi. Só fico incomodado com a opinião dos meus familiares e que graças a Deus me apoiam.

As pessoas têm um olhar diferente em relação a mim. Só por eu ter um passado diferente, as pessoas têm desconfiança. Por exemplo: não te convida para entrar na casa delas. Não tiro a razão delas, pois o que se planta é o que colhemos. Finjo que não percebo e continuo mostrando que mudei.

Não noto diferença em relação as pessoas saberem que já fui preso. Elas nem precisam perguntar, eu mesmo já falo com elas que sou ex-presidiário.

Percebo que tem gente que me olha estranho. Pensa que vou fazer alguma coisa como roubar ou que tenho alguma coisa comigo.

Hoje sem nenhum problema. Quando saí do cárcere, as pessoas conhecidas minhas, não tive problema algum. Mas quando estava buscando emprego ia tudo muito bem até chegar na entrevista, pois quando me perguntavam se eu tinha problema com a justiça, eu dizia a verdade (que eu tinha sido preso sim), a entrevistadora encerrava a conversa dizendo que havia gostado do meu Curriculum e que entraria em contato comigo. Hoje, graças a Deus, isso foi superado e não tive mais problemas com isso.

Percebo uma certa despeita em relação a eu ter sido preso. As pessoas no meu bairro me tratam bem, muitos me abraçam. Mas nem todas me tratam bem. Percebo no olhar que não gostam de mim e é nesse momento que eu vejo uma certa despeita.

Hoje em dia é normal. Eu não esquento. Eles não pagam as minhas contas! As pessoas mais novas me olham de uma maneira normal. Já os mais velhos, me olham de uma maneira diferente. Se pagou é porque deve alguma coisa.

Eu ainda não consegui perceber muito isso! Às vezes, eu percebo elas meio “assim”, assustadas. Quando olham a minha pulseira e não perguntam, eles comentam com outras pessoas. As pessoas que já me conhecem me tratam bem, “normal”, como eram antes.

Não tive muitas dificuldades, só o preconceito das pessoas. De início, tive dificuldades para me empregar. O meu nada consta vinha sempre discriminado, constando problemas na justiça.

Graças a Deus, em minha cidade (Vassouras) todos sabem que fui preso e ninguém me julga. Na cadeia aprendi a ser homem e criei muita responsabilidade. Antigamente, meu pai não me dava nada, ele não confiava em mim. Hoje em dia, como tenho muita responsabilidade, meu pai confia em mim.

No momento, só estou mais em contato com pessoas da minha família. Não tive contato com as outras pessoas de fora do meu convívio. Então não sei ainda qual seria a reação das pessoas.

Pretendo continuar a minha vida do jeito que está hoje. Não procurando coisas erradas. Quero tentar ganhar a vida honestamente, sem enganar os outros.

Depois que tirei a tornozeleira procuro nem falar. Em relação quando eu falo que sou um ex-presidiário, as pessoas ficam surpresas, elas têm medo. Quando estava com a tornozeleira e estava em busca de serviço, procurava sempre levar o papel com o motivo da minha prisão para justificar o motivo real.

Rejeição das pessoas de não querer ficar perto de mim. As pessoas fogem da gente. Hoje ando mais arrumado e as pessoas não sabem, não imaginam que passei por coisa assim e quando ficam sabendo se assustam.

Não dou muita importância. Não escondo de ninguém que já fui preso e não ligo para o que as pessoas pensam.

Os estranhos não sabem que sou ex-presidiário, até porque se eu ficar falando, eles vão me questionar sobre o que foi que eu fiz. Os conhecidos que sabem e que me conhecem desde

pequeno não me rejeitam. Os conhecidos que sabem, mas que não são chegados a mim, eu nem ligo, elas ficam observando, analisando e não falam nada.

A maioria das pessoas do meu convívio até que convivem bem com isso. Mas quando é a situação com outras pessoas, para arrumar um emprego por exemplo, elas ficam meio ressabiadas. Também eu não tenho um bom currículo, pois passei grande parte da minha vida na prisão e isso também me prejudica. Mas o mais importante é que eu mudei. Já estou a 5/6 anos na rua e estou tentando fazer diferente. Passei por uma entrevista no CBSI por duas vezes e fico pensando, será que eles olharam o nada consta? O fato de eu não ter o título também me impede de muita coisa.

Tem pessoas que se afastam da gente. Amigos de infância se afastaram de mim.

Percebo as pessoas querendo me incriminar, parece ter receio ou de não querer estar perto de mim. Parece que elas querem se afastar. Algumas pessoas que sabem o que aconteceu, de alguma forma preferem sair de perto, mas tem pessoas que não.

Percebo discriminação. Nem todas as pessoas me discriminam, mas a grande maioria discrimina sim.

As pessoas que me conhecem, não mudaram o tratamento comigo. Mas as pessoas que não me conhecem, não posso saber o que pensam e falam sobre mim.

Quero ter a minha casinha e sair do aluguel. Também pretendo viver cada dia sem fazer coisa errada.

Não tiro conclusão nenhuma de ninguém a não ser se ela me falar. Não presto atenção se a pessoa sabe ou não se sou um ex-presidário. Não julgo ninguém e não ligo para o que outra pessoa pensa.

Percebo pura discriminação. Algumas pessoas discriminam, te olham com um outro olhar. As pessoas que não me discriminam são aquelas que também tem parentes presos também.

As pessoas me respeitam. Quando converso com as pessoas, elas sempre querem saber como é lá dentro e como passei por lá. Só sei que enquanto estive lá dentro não fiz nada de errado e Graças a Deus saí inteiro de lá. Percebo que as pessoas têm uma grande curiosidade de saber sobre a prisão.

É normal. Felizmente não tenho que mentir para as pessoas. Eu tenho pena das pessoas que fazem isso comigo. Eu penso que se as pessoas dessem mais oportunidades para as pessoas que já foram presas, o Brasil estaria diferente.

A maioria das pessoas não sabem o motivo que me levou a prisão, mas os mais chegados (amigos e familiares) sabem que realmente não fiz nada e me tratam superbem. Percebo que as pessoas de modo geral me acham perigoso e bandido por ser um ex-presidiário.

Algumas pessoas me elogiam por eu ter saído dessa vida errada e estar trabalhando de cabeça erguida. As vezes com testemunho na igreja a pessoa pode mudar de vida.

Interpreto que não tenho que provar para as pessoas que quero mudar. Tenho que provar é para mim mesmo e que sou capaz de mudar e que quero outra vida. Em relação ao preconceito, isso não aconteceu, pois os moradores do meu bairro me tratam bem.

Percebo pelo olhar das pessoas que mudam quando ficam sabendo que sou um ex-presidiário. Ainda mais quando ficam sabendo que sou um ladrão.

Percebo descaso. As pessoas sempre ficam com pé atrás. Percebo preconceito e julgamento. Já chamaram até a polícia para mim.

Percebo que nas pessoas que elas viram a minha mudança de vida. Quando eu saí do cárcere, alguns amigos tentaram fazer com que eu voltasse para as drogas. Tive que me afastar deles para as pessoas verem a minha mudança.

Depende do tipo de pessoa. Tem gente que não liga, tem outras que não falam nada, mas o olhar dessas pessoas te diz mais que mil palavras. Imagino elas se questionando “Você mudou?”, “será que mudou?”, “era melhor que você tivesse morrido”.

Percebo pelo rosto das pessoas que geram desconfiança. Algumas pessoas são desconfiadas, mas outras não.

A aparências das pessoas mudam, a afeição e o olhar mudam também.

Tem gente que não liga. Outras criticam, acham que sou um bicho e olham com olhos ruins.

Normal. Todo mundo gosta de mim. Onde eu moro, as pessoas gostam de mim. Virei atração depois que coloquei a tornozeleira. As pessoas são bastante curiosas. Fiquei preso, mas tenho um coração bom, as pessoas gostam de mim.

Vergonha, pois não é normal uma pessoa roubar. As pessoas quando vê minha tornozela ficam olhando e sempre me perguntam o que é. Eu evito até expor a tornozela. Quando os outros descobrem que fui preso, eles sempre me questionam perguntando como é lá dentro

Sinto normal. Converso com as pessoas e falo como é lá dentro e dou conselho a elas para não fazer nada de errado, pois lá dentro é ruim. Quando os outros ficam sabendo que já fui preso, eu explico a eles o que aconteceu e falo a verdade. Na minha frente eles falam normalmente comigo, mas não sei o que falam por trás. As pessoas que são conhecidas estão me tratando normalmente, me tratam bem.

Algumas pessoas ficam assustadas, outras ficam curiosas fazendo perguntas de como é lá dentro da cadeia.

Fico tranquilo. Onde eu moro todos me apoiam e me incentivam a fazer o certo. Assim crio mais forças.

Um grupo de pessoas viram a cara, outras continuam a ser meu amigo. Mas a maioria das pessoas mudaram a maneira de falar comigo. Antes as pessoas conversavam mais, hoje percebo que só falam o básico.

Depende da pessoa, pois se é uma pessoa que me conhece e conhece a minha índole no dia a dia, me trata bem. A primeira sensação que eu tenho quando ando com a pulseira no pé é querer saber o que as pessoas ficam se perguntando. Será que elas se ficam se perguntando: o que a pessoa fez para usar a pulseira? Eu não gosto nem um pouco de usar isso.

É normal para mim. Penso que ninguém pode julgar ninguém, pois pode acontecer com o próximo.

Normal. É um direito das pessoas recriminar e protestar. As pessoas falam que não queremos trabalhar e que estamos de sacanagem. Mas se pede o nada consta, perdemos o emprego.

Muita gente tem preconceito sobre isso, mas são poucos, pois tem gente boa também. As pessoas já acham que você é um mal elemento por ter sido preso. Graças a Deus não tenho tatuagem, pois já não me deixa marcado. As pessoas aqui fora têm preconceito com certas tatuagens.

Depende muito da pessoa, pois tem gente que acha natural. Mas tem gente que quer te descartar, geralmente são pessoas desconhecidas. Graças a Deus os conhecidos sempre estão

ajudando. Alguns desconhecidos ficam com pé atrás e as vezes deixam de me arrumar alguma coisa (trabalho).

As pessoas ao meu redor me tratam normal e sem diferença.

É diferente. Tem pessoas que me olham diferente, com outros olhos (estranho) e outras que me tratam normal. Desde que saí da cadeia nunca passei por constrangimentos, só olhares diferentes.

De um modo geral, as pessoas se assustam. Mas me tratam bem e sem diferença. Algumas pessoas me tratam com diferença e outras não. Onde eu moro, sou muito querido pelos moradores.

Eu vejo medo nas pessoas e eles nem buscam a saber qual foi o crime. Primeiro vem o rótulo e nem buscam saber qual foi o crime e já julgam logo que sou bandido.

Quem me conhece sabe que não tem nada a ver. Fui acusado de algo que não fiz. Quem não me conhece não sabe o que aconteceu e nem pergunta nada. Mas não é a mesma coisa que antes, as pessoas te olham com outros olhos.

Os que me conhecem sabe que não sou de arrumar problema com ninguém. Sabe que o que eu fiz foi para me defender. Os que não me conhecem e os que quase não tenho muita convivência, não preciso falar da minha vida. Mas é claro que me olham diferente.

Normal, pois onde eu moro poucos sabem que fui preso. Os poucos que sabem da história me tratam normal.

As pessoas não esquentam. Onde eu moro. Muitas pessoas já me conheciam e não me criticam pelo fato de eu ter sido preso.

Percebo que as pessoas que não me conhecem podem me olhar com um olho fechado e o outro aberto e podem se questionar: ele vai mudar ou vai continuar na vida do crime? Para as pessoa que me conhecem podem entender melhor e pensar: ele não é do crime, ele errou, mas pode mudar com oportunidades de vida.

Tem gente que nos trata normalmente, mas tem pessoas que nos discriminam.

As pessoas ficam com medo.

A cidade de Pirai é pequena. As pessoas que têm a mente pequena gostam de criticar, mas não quer ser criticado. As pessoas vêm falar comigo, mas eu percebo que falam porque tem que falar. Percebo que talvez estas pessoas têm medo, é muito estranho.

As pessoas têm um olhar crítico e desconfiado.

Por enquanto, minha vida está tranquila. Sempre fui uma pessoa do bem e dei mole por conta de amizades. Nem a polícia me para na rua. Muita gente sabe que fui preso e nada mudou.

As pessoas que me conhecem, me deram apoio moral. As outras pessoas não conversam, me discriminam por ser um ex-presidiário.

Onde eu moro todos são meus amigos. Não vejo diferença no tratamento, todos me tratam bem. Sou querido por todo mundo.

Depende muito. Quem convive comigo sabe que quero mudar, mas quem não convive tem aquele olhar de desconfiança.

Tive muito contato com meus parentes e os meus amigos. Por enquanto não vi nada de diferente. Daqui a um mês poderei falar melhor sobre isso.

Tem muita gente com preconceito, mas eu não converso com muitas pessoas.

Rio Claro é uma cidade pequena e todos me conhecem. Me dou bem com todo mundo. Todos sabem do que aconteceu e sabem como sou. Um caso a parte (mãe de um amigo) falou que eu não posso sair em fotos ao lado do filho dela, pois ele poderia ficar queimado. Mas do resto minha vida continua normal. Não vejo discriminação por ninguém.

Não sei. Às vezes, algumas pessoas ficam meio estranhas em relação ao tratamento. Parece que mudam.

As pessoas nos veem com outros olhos. Muitos nos enxergam pela discriminação, mas eu não me importo muito com a opinião delas.

Elas ficam com um pé atrás. Eu vejo isso com as pessoas que não me conhecem. Elas querem saber sempre de como é lá dentro. Fica sempre aquela curiosidade. As pessoas ficam observando se eu não vou fazer nada de errado.

Nunca passou pela minha cabeça sobre isso. As pessoas não me discriminam. Tem um pouco de gente que não gosta, mas eu não me importo com isso. Eles acham que levamos os filhos deles para o mal caminho.

A discriminação, pois muitas pessoas não gostam da gente. Mas pelo fato de eu ter ficado muito tempo preso, tem pessoas que achavam que eu estava morto.

Agora está normal. Já teve muito preconceito. Hoje em dia nem tanto. Difícil é se manter em relação ao trabalho depois que sai do cárcere, mas o que vale é a força de vontade.

Percebo pelas tatuagens. As pessoas olham as tatuagens e já logo sabem quem foi preso ou não. Quando elas olham para as minhas tatuagens logo perguntam se já fui preso. Mas eu não escondo o fato de ter ido preso para as pessoas.

Hoje em dia é de boa, é tranquilo. Mas logo que saí da cadeia era falação de que não iria trabalhar em vários lugares. De fato, isso aconteceu mesmo, passei por muitos lugares, mas preconceito eu não vi. Percebo mais são as questões de medo. As pessoas já nos olham com o pensamento de que vamos fazer novamente.

Não noto nenhuma diferença de tratamento.

Algumas pessoas mudam a cara. Elas não querem ficar perto de nós. Elas olham torto.

Percebo desconfiança, muitos enxergam a gente como bandido e outros não. Outros querem estender as mãos para começar uma nova vida digna

Hoje em dia é tranquilo. No início foi difícil, porque as pessoas não conhecem a gente e até pegar uma certa confiança, elas não falavam nada, ficavam em silêncio. Algumas vezes pedi trabalho e a pessoa me tratava com um não e acabou, não falava mais nada.

Tem algumas pessoas que discriminam, mas tem outras que não e me dão conselhos para seguir a vida em frente e para nunca mais destruir a vida de ninguém.

Depende do lugar, pois a gente se sente desconfortável. Nunca passei por isso, só quando fui arrumar um emprego. Desconfortável, porque dá para ver o preconceito das pessoas por que ser um es-presidiário. Tem pessoas que tem medo da gente por ter sido preso.

Algumas pessoas reconhecem que passei por um momento difícil e fui parar na cadeia. Outras pessoas julgam e falam que aquele lugar é para pessoas que não são direitas. Alguns entendem que passei por um surto, outros não. O pessoal na igreja sabe da minha história e eu uso como testemunho.

Não dou importância, pois para estar lá dentro basta errar e qualquer um pode ir preso.

Tem umas pessoas que nem conversam comigo, elas julgam. Mas tem outras que não tem nada contra e ajudam.

Não esquento muito a minha cabeça com isso. Criticar é bom, quero ver pagar as minhas contas.

Dá para ver o jeito da pessoa que muda ao saber que fui preso. Até minha família mudou a forma de lidar comigo. Até minha irmã tem medo de ficar perto de mim. Acho que as pessoas têm medo de mim. Antes de saber, me tratam bem, mas depois elas mudam. Um exemplo disso, foi quando fui fazer entrevista de emprego na Michelin, estava tudo certo, então a moça da empresa entrou no sistema e viu que fui preso. Ela virou para mim e disse que depois entraria em contato comigo e nunca mais ligou.

Pela forma que eles ficam olhando. Certas pessoas mal conversam e saem andando. Elas acham que eu devo estar com alguma coisa. Elas têm medo de ser preso também por estar perto de mim.

No começo eu procurava nem dizer que fui preso. Mas quando elas ficavam sabendo, a pessoa fica curiosa para saber como é lá dentro do cárcere.

É um pouco difícil de dizer. Sinto um pouco de repúdio das pessoas. Elas ficam com pé atrás e muita desconfiança.

Algumas pessoas se espantam, mas depois assimilam normalmente. Sou conhecido na minha cidade, então as pessoas não me julgam e sabem que sou trabalhador.

Algumas pessoas ficam recuadas outras ficam normais.

Quem sofreu foi só a minha família e quero só dar carinho para ela. Para os outros não fico preocupado com o que a pessoa pensa de mim, pois já sei que sou discriminado mesmo.

Todos me conhecem no meu bairro, então todos me dão força para continuar trabalhando do jeito que estou.

Pergunta 18. Pensando no futuro, como você imagina sua vida?

Imagino bem na vida. Não pretendo mais me envolver com drogas

Não penso no futuro. Penso só no presente, pois posso morrer a qualquer momento. O amanhã só pertence a Deus.

Imagino a minha vida bem. Imagino trabalhando, com minha casinha pronta, com os meus filhos, com carro na garagem e com minha mãe do meu lado. Minha mãe está internada a três meses.

Imagino a minha vida trabalhando e ao lado de minha filha.

Imagino minha vida tranquila, em paz com minha esposa e filhos.

Imagino minha vida normal. Me espelho muito no meu pai. Quero que minha filha estude, quero cuidar da casa e parar um pouco com o trabalho agropecuário, pois é muito cansativo. Nunca fui do crime, a justiça me colocou lá dentro.

Imagino com minha habilitação, com a casa pronta e com os problemas no seu bairro resolvido. Conforme o tempo passa fico mais tranquilo.

Imagino muito boa, uma vida diferente. Pretendo conquistar tudo com dinheiro honesto. Me vejo com meu próprio negócio, tendo um carro, filhos estudando e escola boa e podendo pagar com meu próprio dinheiro honesto.

Penso na minha vida futura fora do tráfico. Que eu possa estar estabilizado financeiramente, com trabalho e vivendo bem.

Quero ter uma vida tranquila. Só quero ser tratado normalmente, como todo mundo é tratado. Quero ficar quietinho, na minha. No futuro só quero sossego.

Imagino uma vida boa, tranquila e na paz. Quero recuperar o tempo perdido: o aniversário das crianças, a páscoa. Vou me dedicar mais com meu neto. Quando saí da cadeia minha filha de 14 anos estava grávida.

Imagino trabalhando e com uma esposa do meu lado.

Tenho projeto de me casar, ter uma família e ter mais filhos. Pretendo ter uma vida diferente da que eu já tive. Quero ter uma vida melhor.

Me imagino velho. Se está difícil a vida hoje, imagina mais para frente? Pretendo guardar dinheiro agora para me aposentar mais para frente.

Não sei. Meu desejo é arrumar um emprego fichado. Meu irmão me disse que vai arrumar um emprego para mim. Quero arrumar a minha casa e quero ficar tranquilo.

Imagino concluindo os meus objetivos, podendo dar uma vida melhor para meus filhos e sendo reconhecido em minha profissão.

Imagino trabalhando, com minha casinha e estando na casa de Deus. É bom estar na igreja e não colocando a vida e risco. Pretendo ajudar as pessoas da mesma maneira com que me ajudaram.

Só quero trabalhar e dar andamento na minha obra até meus últimos dias de vida.

Penso em um futuro melhor. Vou arrumar um serviço para mim.

Imagino com a vida aparentemente normal. A família é a base do ser humano e sem família não somos nada. Imagino meus filhos crescendo, formando e com base familiar. Estarei sempre os apoiando para qualquer decisão futura.

Imagino eu no meu cantinho, fazendo o meu serviço em obra.

Penso que futuramente estarei com minha vida estabelecida em matéria de tudo. Me vejo com uma família (esposa e filhos). Quero ter mais um filho. Também me vejo com um carro.

Imagino minha vida totalmente mudada. Com o meu negócio alimentício montado, eu estando trabalhando e focado no meu negócio.

Que melhore bastante na questão financeira, amorosa e afetiva. Depois que saí da cadeia, minha família ficou mais unida a mim. Em relação a questão financeira, espero que não me falte emprego nunca mais. Gostaria que minha mulher fosse menos chata, pois tem dia que dá vontade de mandá-la embora. Imagino minha família e eu bem mais unidos.

Eu sempre falo que quero arrumar a minha casa, ter conforto, com tudo bom. Quero ter um filho, pois sempre quis ter filhos. Quero dar de tudo para a minha família. Sempre estarei com minha família independente de qualquer coisa.

Imagino minha vida bem. Imagino coisas grandes, eu pregando a palavra de Deus através do evangelho em várias cidades e países. Pretendo ser um pastor.

O futuro só a Deus pertence. Não imagino no futuro, deixo tudo nas mãos de Deus.

Imagino com minha família podendo viajar e tendo saúde. Daqui para frente só quero pensar que minha vida vai ser feliz.

Imagino minha vida muito boa, muito bem-sucedida no aspecto familiar e financeiro.

Não sei. Não sei o que pode acontecer no futuro. Não consigo me ver no futuro, eu vivo o hoje. Nem imagino. Não sei imaginar a vida futura. Nem sei o que vai acontecer comigo daqui a meia hora. Não tem como te responder como vai ser a minha vida futura. Não sei da minha vida amanhã. Eu não gostaria de falar da minha vida mais íntima.

Eu não tenho perspectiva nenhuma. Pode ser que eu mude amanhã ou depois. Me sinto totalmente excluído. Eu vejo que no momento, as portas estão fechadas para mim. Depois que eu tiver os meus documentos, pode ser que as portas se abram para mim. Na vida errada, não

entro mais. É muito ruim viver de caridade. Tenho uma mãe que me ajudou a vida toda enquanto estive preso, imagina agora eu ficar dependente dela.

Não tenho ideia, mas imagino a vida boa. Vou concluir o ensino médio, vou fazer outros cursos. Vou tentar fazer faculdade. Pretendo construir uma casa com a herança que meu pai me deixou. Imagino bem tranquilo. Quero ter uma vida bem tranquila financeiramente, tendo uma boa qualidade de vida e saúde. Quero poder acordar de manhã e tomar um bom café, ter uma casa própria e um carro para me transportar.

Imagino trabalhando bem, tendo dinheiro, uma casa e podendo comprar um terreno para construir minha casa para deixar aos meus filhos.

Nunca fui de pensar sobre o futuro, prefiro viver a vida a cada dia.

Me imagino em uma situação financeira tranquila, com minha casinha e com os meus filhos do meu lado.

Me imagino conseguindo trabalho fichado, aposentado e com uma vida normal como qualquer pessoa. Sempre construindo alguma coisa a mais, ser sempre feliz e não reclamar da vida. Que eu não perca o foco e que não aconteça de eu ficar maluco.

Imagino com a vida bem estabilizada, sem que minha família passe dificuldades e que eu possa estar trabalhando.

Imagino um futuro melhor tanto para mim, quanto para a minha família. Quero estar com a situação financeira melhor, não ter ganância mais para voltar ao tráfico. O que eu ganho com o carrinho de churrasco não é muito, mas dá para sobreviver.

Imagino bem melhor, dando uma boa educação para a minha filha. Pretendo ensinar o certo a ela e passar a minha experiência de cadeia a minha filha para que ela não caia também.

Imagino minha vida estabilizada. Que eu esteja em minha casa, com emprego de carteira assinada e apagar o passado e tudo o que aconteceu na cadeia. E que até lá, espero que Deus toque o meu coração para que consiga perdoar a minha irmã.

Mais para frente, penso de estar em uma certa idade, com uma família construída e de cabeça erguida.

Imagino minha vida estruturada, com minha casa pronta, empregado, podendo pagar um plano de saúde para mim e para a minha família.

Imagino bem de vida, com trabalho e vendo minha filha crescer.

Imagino melhorando. Ter uma vida estável, poder me alimentar na hora certa, poder viajar e ter trabalho.

Imagino sendo um bom pai, um bom marido e um bom filho para a minha avó.

Imagino em uma casinha no alto do serrado com uma família.

Nem imagino.

Em paz. Quero colocar a cabeça no travesseiro e dormir. Sem dever nada a polícia nem a ninguém.

Imagino com uma boa perspectiva. Quero voltara a estudar e arrumar um emprego bom.

Imagino minha vida feliz. Seguindo o caminho certo na presença do Senhor e trabalhando honestamente.

É difícil pensar no futuro. Acho que nem futuro tem mais para mim. Não tenho estudo e não tem como recuperar isso.

Penso de eu estar com minha casa própria, com meus filhos e minha esposa. Não desejo fazer nada de errado e nem outra pessoa. Quero ter uma vida civilizada.

Imagino uma vida normal, fazendo o certo da vida, trabalhando e terminando os estudos.

Imagino empregado, tendo uma família e longe das coisas erradas.

Imagino sendo respeitado, não por ser ladrão. Mas respeitado como um cidadão comum que trabalha e tem uma rotina normal, que chega em casa e encontra a esposa e os filhos dentro de casa.

Imagino minha vida bem melhor do que está hoje, trabalhando, estudando e fazendo curso.

Imagino minha vida boa. Eu na minha casa e com meus filhos, podendo comprar coisas para eles e dar felicidade para a minha família.

Difícil pensar no futuro neste momento. Não estou trabalhando, estou sem dinheiro e capital. Mas imagino as minhas ostentações: com muitas mulheres, casa boa, comida boa, carro, moto e dinheiro.

Imagino que tudo vai dar certo. Se Deus quiser vou arrumar um serviço bom que seja fichado e uma esposa bacana para me ajudar. Em relação ao serviço, eu não preciso gostar dele muito, mas tem que ser fichado.

Não sei. Vivo o hoje para batalhar e ter o dia de amanhã melhor. Tenho planos de arrumar um bom serviço, juntar o meu dinheiro e abrir a minha firma. Mas me imaginar mesmo no futuro, prefiro ficar no hoje. Viver o dia de hoje.

Prosperar, aprofundando no que faço e investir honestamente em carros e imóveis. Os carros para revender e os imóveis é para mim.

Uma vida melhor, arrumar um serviço fichado e esquecer o que passei lá dentro.

Imagino a minha vida muito feliz, trabalhando, podendo ir e vir sem dever nada a justiça e poder andar de cabeça erguida, sem preocupação.

Reconstrução. Dia após dia vou ganhando a confiança de todos. Meu sonho é ter uma família. Me imagino com uma família, filhos e esposa e em uma certa união com os familiares dela.

Queria estar fichado e com o meu título de eleitor liberado.

Imagino melhor ainda. Com minha loja montada, com o salão de beleza da minha esposa montada, colocar minha filha para estudar.

Imagino velhinho ao lado da minha esposa.

Não imagino o futuro, só penso no momento. Prefiro não fazer planos para o futuro, prefiro pensar no momento e correr atrás.

Assim que eu terminar de responder este processo e passar por esta fase. Penso em ter uma vida abençoada por Deus. Vou colocar minha vida perante a Deus. Quero estar trabalhando e formar uma família. Quero ter pelo menos 2 filhos.

Imagino uma vida tranquila novamente, sem discriminação, trabalhando e com uma família.

Imagino uma vida melhor do que era antes. Imagino em liberdade e com a cabeça erguida.

Imagino trabalhando e correndo atrás da melhoria e livre das minhas penas.

Imagino feliz, bem com meus filhos e, se Deus quiser, com meus netos. Imagino ajudando meus filhos a cuidar dos meus netos.

Imagino a minha vida comigo trabalhando, com minha casa própria e com minha família.

Tento crescer. Rico não fico. Não tenho filhos e nem vou ter. Espero estar bem de saúde e ter uma casinha.

Imagino uma vida normal. Trabalhando, aposentado, com casa, carro, com uma nova família, com esposa. Uma vida tranquila.

Imagino aposentado para ter uma vida melhor. Daqui para frente só espero doença.

Não penso no futuro. Deixo as coisas acontecerem. Lógico que quero melhorar sempre, ter uma vida boa e civilizada.

Imagino como saúde.

Não sei. Futuro a Deus pertence. Eu quero estar com a vida estabilizada, com um bom serviço e com a família tudo bem.

Imagino em um emprego melhor, construir uma família, cuidar da minha avó e da minha mãe

Imagino com trabalho decente, tranquilo e com minha família.

Imagino uma vida tranquila, em paz, podendo andar de cabeça erguida em todos os lugares.

Uma vida honesta.

Imagino um futuro tranquilo, estruturado, podendo olhar para trás e ver o passado não tendo como mudar. Posso fazer um futuro diferente.

Penso em estar trabalhando e morando com minha filha. Quando fui preso minha filha tinha 3 anos e hoje ela tem 7 anos. Ela mora com a mãe dela na cidade de cruzeiro.

Penso em viver, curtir, fazer coisas que não fiz com meus filhos. Quero levar meus filhos na escola, na escolinha de futebol, ser um pai de verdade.

Imagino bem, graduado, estabilizado, com os filhos criados e eu aposentado.

Imagino em cima de um palco (igreja) pregando a palavra de Deus.

Melhor do que está não fica. Já me estabilizei. Mas vejo uma vida boa. Daqui a alguns anos, imagino estando trabalhando muito.

Não faço ideia, mas imagino que esteja bem melhor, tanto financeiramente como confraternizando com a família.

Imagino tudo de bom. Quero comprar uma casa nova, ter uma família, poder ajudar meu pai e minha mãe.

Imagino uma vida boa. Pretendo curtir bastante meu filho. Com casa própria, pois hoje moro com minha mãe.

Imagino uma vida tranquila com minha família e trabalhando.

Imagino a minha vida dentro da minha casa própria, tendo um barzinho, com meu carro e minha moto, tudo sem fazer coisa errada.

Imagino com a vida bem estabilizada, com bom emprego fixado.

Imagino como um empresário da jardinagem. Pretendo futuramente inovar, vender mudas de plantas e criar adubos.

Espero estar velho, curtir meus filhos e esperar a hora de morrer.

Com um bom serviço, com uma casa sem pagar aluguel, conquistada com o suor do meu emprego.

Imagino com a minha aposentadoria, comprar um terreno, construir umas quitinetes para alugar e deixar a família estruturada.

Imagino uma vida normal como de qualquer trabalhador, podendo sair todos os finais de semana, ir à praia. Me vejo tranquilo, voltando a estudar, pois parei de estudar na 5ª série do fundamental. Meu sonho é ser mecânico.

Imagino com emprego e vivendo a vida, podendo andar e sair na rua sem problemas.

Imagino que ela esteja muito bem, dando assistência as minhas filhas que são as minhas prioridades e com as dívidas pagas.

Imagino uma vida normal. Me imagino um profissional formado, com minha casa pronta e viajando bastante.

Eu não tenho muita ambição, vou vender uma propriedade e pretendo ir para o mato (ter um sítio) e viver a minha velhice por lá. Pretendo fazer uma piscina por lá para as crianças irem no final de semana.

Me imagino com a minha família, com casa própria, com habilitação e com um carro.

Penso no futuro estar trabalhando na igreja católica e queria que minha firma esteja estabilizada.

Pretendo estar curtindo os meus filhos.

Me imagino com 40 anos sem trabalhar para ninguém, com minhas casinhas alugadas, com a pensão de marmitex funcionando. Fazer o meu Hobby (móveis) e namorando muito.

Pergunta 19. Como você se sente sendo monitorada pela justiça?

Me sinto péssimo, não posso sair de casa na hora em que quero e não posso fazer nada.

Me sinto normal. Fiz errado e tenho que pagar mesmo.

Me sinto normal, pois não faço nada de errado. Às vezes a polícia me dá uma dura, mas nunca encontrou nada comigo. Sei que é o serviço deles. Quem não pode errar sou eu. Uma coisa que eu não quero mesmo, é voltar a ser preso.

Me sinto normal, pois se foi colocado que fiz algo de errado, então a justiça tem que me monitorar.

Acho um saco, pois tenho que vir a cada três meses para assinar. Mas não tem jeito. Pelo que fiz tenho que pagar. E até que gostei do benefício, pois achei justo estar na condicional. Levo em consideração que cometi o crime de tráfico de drogas internacional.

Não me incomoda em nada, pois nada mudou em minha vida. Ou se mudou, foi para melhor. Antes, eu tinha certas dificuldades e que hoje não tenho mais. Não sou de balada e nem ando em lugares suspeitos e por isso não passo por constrangimentos.

Sei lá. Não sinto nada, pois estou sem a tornozeleira. Não poderia ficar muito tempo na rua se eu estivesse usando a tornozeleira. Mas quando eu for obrigado a colocar a tornozeleira vai ficar ruim para arrumar emprego e não poderei ficar até mais tarde na rua.

Me sinto meio preso, pois não posso sair da rota, tenho horário para tudo. Mas pelo menos estou com minha família, posso trabalhar e posso sair de casa. É bem melhor do que estar preso. Agradeço a Deus por estar nessa situação cumprindo o PAD.

Me sinto tranquilo. Lá dentro eu já era monitorado, assim como aqui fora. A justiça já nos monitora o tempo todo que já se tornou normal para mim.

Isso é uma situação nova, nunca fui monitorado por ninguém. Mas não fez muita diferença em minha vida, pois o monitoramento não mudou a minha rotina esses horários que não posso sair. Eu já fico em casa mesmo.

Horrível. Aonde eu vou, tem gente me olhando sempre. É chato ver as pessoas me olhando e apontando o dedo.

É um pouco chato, pois mesmo dentro da fazenda não posso sair de casa. As vezes preciso resolver alguma coisa fora de casa, mas dentro da fazenda e mesmo assim sou impedido de sair. Minha sogra mora em um lugar bem próximo a fazenda em que moro, mas para chegar até lá, tenho que atravessar uma ponte que faz limite com outro Estado e por isso não posso visitá-la. Bom não é, mas estou pagando por alguma coisa que fiz no passado. Deus tem um propósito para a minha vida. Se não fosse por Deus, não teria encontrado o meu caminho.

Nenhum problema, pois tenho que cumprir a determinação e pagar pelo que fiz. Ainda tenho que assinar por 5 anos. Mas é melhor estar aqui assinando do que estar preso no massacre. Lá dentro sinto calor, frio e fome.

Me sinto mal, pois é chato, ruim e complicado ser monitorado. Mas a gente tem que pagar pelo nosso erro.

Me sinto preso. Porque não posso ir e vir aonde quero. Não tenho a liberdade de fazer o que quero.

Me sinto tranquilo, pois não estou errando mais. Sei que estão vendo que não faço mais nada de errado.

Não me sinto humilhado, pois se eu errei, tenho que pagar pelo meu erro.

Me sinto preso também. Teoricamente estou solto, mas ao mesmo tempo estou preso, pois não posso fazer muitas coisas, as 23 horas tenho que estar dentro de casa.

Particularmente bem, pois é muito fácil chegar e falar que sou 100% perfeito. Não tenho nada que me segure e que me prenda. Sou 100% correto. Talvez tenha sido Deus que permitiu passar por tudo isso, para que eu me tornasse um exemplo de vida para tudo. Hoje tenho maturidade para mostrar aos jovens o caminho correto.

Não vejo problema algum. Não tenho negócio com facção, então, não me preocupo com nada.

Me sinto bastante restrito com as coisas. Porém é melhor com isso do que preso lá dentro.

Tenho que passar por isso! Às vezes me dá raiva, pois não posso ficar andando muito na rua depois do horário. Tenho medo de ser prejudicado novamente, pois fui preso sem motivo aparente. Eu estava sem nada! Mas isso tem que ser cumprido!

Parece que ainda estou preso. Não posso ficar na rua e tenho restrições a várias coisas. Tenho medo de tomar uma dura da polícia na rua. Tem policial que até me entende, mas outros batem com prazer.

É a mesma coisa de estar preso. Me seguro um pouco, em relação a liberdade de ir e vir. Fico travado.

Me sinto vigiado 24 horas por dia, mas em uma responsabilidade muito grande. Estou em liberdade, mais ainda estou cumprindo algo da justiça.

Me sinto mais seguro, pois eu sei que estão me olhando. Não posso ter os mesmos erros.

Me sinto uma criança, pois onde eu vou tenho que falar. Isso é meio chato. Só quero trabalhar normalmente.

Me sinto tranquilo. O que vale é a consciência da gente. Foi uma fase ruim minha e hoje não faço nada, cumpro com tudo na justiça. O fato de eu ser monitorado não me incomoda, porque eu ando correto.

Sinto um pouco preso, pois apesar de estar solto, estou restrito em relação a horários e não posso viajar.

Em relação a ser monitorado, acho muito chato. Outro dia, eu estava na casa da minha namorada e saí. Eram mais de 22:00 e tomei uma dura da polícia que me levaram para casa.

Me sinto indiferente, pois graças a Deus venho cumprindo de três em três meses de vir aqui. A polícia não me para, mas se parar também não tem problema, pois não devo mais nada. Só queria que as coisas aqui fora tivessem algum serviço e que nos ajudasse a tirar a documentação e arrumar emprego para viver mais digno.

É ruim. Ao mesmo tempo que é ruim, por um outro lado é bom, pois não posso andar na rua de madrugada e com isso acabo não bebendo. O ruim é não poder sair na rua em determinados horários, mas quando isso acabar, vou poder andar mais.

Me sinto pagando pelo que me cometi. Gostaria de apagar esta mancha que eu tenho, mas infelizmente não tem como. Fico triste comigo mesmo por ter esta dívida com a justiça. Esta não foi a educação que minha mãe me deu. Acho ruim ser monitorado, me sinto meio invadido, pois já paguei pelo que fiz. Acho que isso deveria ser feito de outra forma. Tem certas coisas que pagamos da mesma maneira que crimes mais graves.

A justiça deveria apoiar mais quem sai do sistema. Falta ajuda do Estado. Eles monitoram, mas não ajuda. Acaba que várias pessoas voltam para a prisão pela falta de ajuda do Estado. Eu não concordo com minha condenação, pois fui pego com pouca quantidade de droga e fui condenado a muitos anos, sendo que eu era réu primário. Acabou que fiquei sem meus filhos e minha mãe teve que cria-los para mim.

Me sinto tranquilo. É melhor do que estar encarcerado.

É muito ruim e constrangedor. Hoje tive que pedir uma folga no trabalho para vir aqui assinar. Não tenho vontade nenhuma de me lembrar de como era a cadeia. Eu mudei.

Tenho que pagar e assinar. Foi uma condição que me deram para eu ficar livre. Agradeço a Deus pela condição que estou vivendo hoje. É melhor assinar do que estar preso.

Me sinto preso praticamente. Vou procurar emprego, as portas estão fechadas para mim. Quando consigo arrumar emprego, eles puxam o nada consta e quando percebem que sou u ex-presidiário e estou assinando o LC, eles me mandam embora.

Sinto-me tranquilo. Tenho a consciência limpa e Deus no coração. Só felicidade.

Eu penso que, o que eu já tinha que pagar, já paguei. As vezes tenho raiva, pois tenho que tirar dinheiro da minha filha para poder vir aqui assinar. Sou de Angra dos Reis. Hoje por exemplo, deixei de pagar materiais escolar da minha filha para poder vir a Volta Redonda assinar. Isso é ruim, eu poderia estar assinando por lá.

Me sinto mal, pois não tenho a liberdade de ir onde quero e não posso ficar até tarde na rua. Qualquer carro de polícia que passa na rua fico assustado e com medo. É muito ruim isso.

Sinto tranquilidade e paz. Até então estou trabalhando e não estou fazendo nada de errado.

Sinto normal. Cometi um erro e infelizmente estou pagando por ele. É tranquilo, pois chego em casa bem antes do horário permitido. Por um lado, foi até bom para mim, pois com a restrição não posso ficar até tarde na rua.

Sinto mal. Isso aqui é muito chato, pois não posso ficar até tarde na rua e nem ficar em lugar suspeito. Moro em favela e tudo lá é suspeito.

Horrível. Estou doido para me ver livre disso. Não vejo a hora de acabar e chegar setembro deste ano, pois vou terminar a minha assinatura.

Me sinto bem, pois estando assim, até a justiça pode ver que estou mudando.

Horrível. Me sinto como um bicho (um boi marcado). Aonde eu vou, parece que tem câmeras e olho por toda parte e parece que vão me colocar novamente na cadeia. Essa é a minha impressão.

Me sinto mal. Bem mal, pois isso me priva de muitas coisas, como: sair e trabalhar até depois do horário.

Nada demais. Estou pagando pelo que eu fiz.

Sinto meio recuado, pois não posso fazer as coisas que quero. Tenho que me prevenir. Mas fora isso, não muda nada não.

Sinto um medo danado. Toda hora fico olhando para a tornozela para ver se não dá nada errado. Quando chega as 20:00 já estou em casa.

É ruim, pois não posso sair nos finais de semana. Não posso visitar meu avô em Minas que está doente. E tudo tem que ir ao Rio para resolver os problemas do PAD.

Não me sinto tão bem, pois as vezes quero ir em uma pizzaria a noite com minha família ou namorada e não posso, pois tenho que ficar em casa a partir das 20:00. Andar com a pulseirinha na perna me incomoda, pois as pessoas ficam me olhando.

Me sinto inconfiável, pois já paguei pelos meus erros lá dentro e chega aqui fora e tenho que ser monitorado. Pelo que já paguei lá dentro não era para eu estar monitorado.

Me sinto tranquilo. Não posso fazer nada de ilícito. Fora isso é normal. Tem pessoas que vem para a rua e voltam para a cadeia. Mas nem todas são assim. Eu já cometi meus erros e agora não vou cometer mais.

Me sinto péssimo. Penso que a qualquer momento posso voltar para a prisão

Me sinto mal, pois ninguém gosta de ser monitorado.

Sinto uma pessoa normal. Isso não me limita em nada. Estou trabalhando fichado e tudo mais.

Normal. Tenho que cumprir, é ordem do juiz.

É um pouco ruim, pois você fica malvisto pelas pessoas. Em relação a eu estar assinando, me sinto tranquilo. Me preocupo sempre de estar vindo na data certa.

Normal. Infelizmente eu errei e tenho que pagar por isso. Graças a Deus está acabando e tenho que procurar a não desperdiçar as oportunidades dadas.

Não posso fazer o que realmente gostaria, que é sair do Estado do RJ. Não tenho livre arbítrio para sair do Estado. Eu queria morar no Sul, mas não posso ainda. No Sul é melhor para as crianças e a violência é menor do que aqui.

Com medo de voltar de novo para a cadeia. Faço de tudo para não voltar mais para lá.

Me sinto um pouco chateado, pois não posso sair. Tem horários que não posso ficar na rua. Ex.: se tem um aniversário para eu ir, não posso ficar até tarde, tenho que ir para casa cedo.

Me sinto até mais seguro. Antigamente eu tinha mais medo da família dela fazer algo contra mim. Antes a família dela me ameaçava e agora eles não podem fazer mais nada contra mim.

Não é bom, pois tenho que vir assinar, não posso ficar sem vir assinar. Tenho horário para estar em casa, isso não é bom.

Sinto que quero pagar o que devo. Cumprir o meu papel de ter que pagar. Isso não me preocupa, pois tenho que pagar.

Sinto que ainda a pena não acabou, mas estou feliz com isso. Sei que não posso voltar para a vida que eu tinha antes e pretendo lutar para um futuro melhor.

Sinto mal, pois sou restrito a muita coisa, horários e lugares. Mas, mesmo assim não fico incomodado.

Sinto que devo ter cautela para não errar ou para que alguém não me coloque no erro. Tenho minha vida, mas estou na mão da justiça. Tenho minha vida e não tenho, pois ainda estou na mão da justiça que me olha para onde vou até o término do processo. A justiça te prova para ver se você tem ou não condições de voltar a sociedade.

Normal, mas as 22:00 tenho que estar dentro de casa. Quando tem uma festa de família, tenho que sair da festa antes das 22:00 e ir para casa. Só isso mesmo, pois não sou muito de sair de casa.

É horrível, pois não tenho certa liberdade para andar em certos lugares. Sou limitado nos lugares e horários e isso é muito ruim.

Sinto bem, não é ruim. Tenho que respeitar as regras. Não me atrapalha em nada. Não sou de sair mesmo. Trabalho o dia todo e chego a noite em casa.

O monitoramento é normal. Não é massacrante. Isso é mais do que justo.

Eu sei que fiz merda e isso aqui é um benefício. Não tenho nada que reclamar, pois estou na rua.

Errei, paguei e estou cumprindo a determinação da justiça. O fato de estar sendo monitorado não atrapalha em nada a minha vida.

Sinto normal, ando certinho na vida. Não saio nos finais de semana e fico em casa. De segunda a sexta trabalho em uma oficina e nos finais de semana trabalho em casa. Trabalho no auto socorro do Robson. Serviços de elétrica e mecânica em geral.

Não mudou muita coisa. Estou bem tranquilo. Sei o que fiz e fico tranquilo em relação a isso. Sei dos meus horários e tudo o que devo fazer. Minha família também me ajuda a embarcar quando saio um pouco do horário.

Me sinto incomodado, pois a tornozeleira machuca muito e por saber que estou sendo vigiado o tempo todo.

Não sei. É péssimo, constrange muito.

Normal. Fui preso, fazer o que? É ruim, mas é melhor do que estar lá dentro.

Me sinto preso ainda de tal forma. Querendo ou não estou vigiado, pois tenho horário para estar dentro de casa e não posso ficar na rua.

Não me sinto totalmente livre. Ainda tenho um pedaço do sistema no meu corpo.

Não me atrapalha em nada. Infelizmente acontecerem coisas que fizeram eu passar por isso.

Tenho que passar por isso para me ressocializar.

É complicado. Depois que eu saí da cadeia a polícia já invadiu 3 vezes a minha casa falando que sou o dono de lá. Tenho medo deles me forjarem e eu ter que voltar para a cadeia.

Me sinto preso. Fico privado de fazer muitas coisas como: viajar.

Não vejo tanto obstáculo. É só seguir as regras. Não me sinto tão mal e tenho uma vida saudável.

Por um lado, me sinto seguro, pois tem alguém olhando pela gente. Mas por outro lado, me sinto estranho, pois tudo que eu faço tenho que pedir orientação se posso ou não fazer, tenho horário para tudo e não posso viajar.

Tranquilo, pois tenho plena consciência de que eu errei. A justiça também não perturba, desde que eu faça tudo direito.

Não vejo diferença. É ruim, mas tenho que pagar pelo que fiz. É ruim, porque onde vou sou parado e tenho que andar com a minha carteirinha, se não, eu sou conduzido à delegacia para a polícia saquear e ver que não estou devendo.

Me sito preso ainda, pois não posso sair nos finais de semana, não posso dar uma volta com minha família, tenho que ficar dentro de casa. As vezes quero fazer um serão no serviço e não posso, pois tenho que ficar em casa à noite.

Normal, pois já era monitorado quando estava preso. Estou pagando agora assinando e já paguei na cadeia. Quero pagar tudo logo para poder ficar em paz. É normal, pois estou devendo ainda, se eu tivesse saído limpinho sem ter que assinar, acharia ruim.

Normal, pois o LC é só assinar, não é que nem o PAD que tem tornozeleira que fica a mostra. Mas é ruim não poder viajar e ter que ficar em casa à noite.

Sinto mal e arrependido por tudo o que aconteceu. É ruim não poder ir e vir.

É tranquilo, porque eu sei que se eu fizer algo de errado vou voltar para o mesmo inferno que passei. Então, prefiro não fazer nada de errado.

Me sinto ainda controlado, pois tenho que cumprir ainda para a justiça, tenho que vir aqui assinar.

Normal, pois tenho os meus afazeres: trabalho – casa/ casa – trabalho e final de semana fico em casa.

Sinto envergonhado, porque qualquer lugar que eu vou tem gente que sabe que fui preso e comenta. Tem gente que julga, mas tem gente boa que fala que sou gente boa e que vou parar.

Me sinto tranquilo, porque tenho que pagar o que devo para a justiça e apagar esta parte da minha vida.

Tenho medo de ser preso de novo. As vezes tenho que entrar em casa as 23:00, pois tenho medo de ser preso de novo. Fico limitado e não posso viajar. As vezes estou em um bar ou com a minha família e tenho que voltar para casa as 23:00, pois se não voltar posso ser preso novamente.

É chato, pois tenho que ir ao Rio para resolver sobre a minha situação e poderia estar fazendo outras coisas. Todo dia 1º tenho que assinar e não posso esquecer, se não, fico como foragido. Quando o mês entra, tenho que ficar focado nisso para não ser preso novamente. Eu assino o LC aqui, mas assino o PAD no Fórum da minha cidade.

Acho que é um tempo muito extenso. Já mostrei para a sociedade que já mudei. Eu acho chato, pois tem que ficar dando desculpas no trabalho para faltar. Eu não posso dizer no trabalho que eu assino aqui.

Me sinto meio que em cativeiro ainda, me sinto preso.

Estou pagando pelo erro, tenho que aceitar para ficar limpo de novo. Para mim, isso é normal, pois fui preso e agora estou solto.

Normal. Estou seguindo a minha vida, trabalho e não faço mais nada de errado. Só quero acabar de pagar e seguir a minha vida.

Eu não tenho preocupação com isso, porque não vivo no meio ilícito. Sou trabalhador e não tenho que ter medo disso.

É ruim, porque as vezes você quer sair e não pode. Mas por outro lado é bom ficar mais em casa.